

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DISSERTAÇÃO

Nova Iguaçu dos sonhos: narrativas e imaginários sobre a cidade

Marília Carolina Asterito Baptista

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**NOVA IGUAÇU DOS SONHOS: NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS
SOBRE A CIDADE**

MARÍLIA CAROLINA ASTERITO BAPTISTA

Sob a orientação da Professora
Eliska Altmann

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de concentração em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ
Maio de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B222n Baptista, Marília Carolina Asterito, 1992-
Nova Iguaçu dos sonhos: narrativas e imaginários
sobre a cidade / Marília Carolina Asterito Baptista.
Nova Iguaçu, 2019.
127 f.: il.

Orientadora: Eliska Altmann.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PPGCS, 2019.

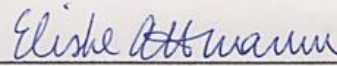
1. Cidade. 2. Baixada Fluminense. 3. Imaginário.
4. Nova Iguaçu. 5. Lazer. I. Altmann, Eliska, 1973-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. PPGCS III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

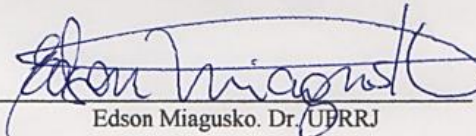
MARÍLIA CAROLINA ASTERITO BAPTISTA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 23/04/2019



Eliska Altmann. Dra. UFRRJ
(Orientadora)



Edson Miagusko. Dr. UFRRJ



Jussara Freire. Dra. UFF

DEDICATÓRIA

*A todas e todos que ousam trabalhar e estudar,
que reinventam sua cidade e lutam pela equidade social.
Sigamos de mãos dadas.*

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agora concretizado à medida que é lido, foi construído de uma maneira não muito ortodoxa. Como será possível verificar, trago elementos que invertem uma ordem preestabelecida. Do mesmo modo, os agradecimentos aqui listados não foram escritos após a feitura do trabalho, mas juntamente a ele.

Fiz isso por acreditar na necessidade de agradecer e reconhecer que o melhor momento para expressar a mais real gratidão é quando a sentimos. Então, todas as vezes que me senti grata por encontrar mais uma pessoa que ajudou na investigação, fiz questão de registrar.

O primeiro agradecimento é mais um reconhecimento grato de que este trabalho foi produzido por várias mãos.

A Eliska, por receber um projeto inviável, me ajudar a compreender o que realmente queria, e construir um ambiente de segurança e autonomia para elaborar a pesquisa. Por embarcar em cada nova teoria e saída reinventada dessa dissertação, que foram diversas, cada dia mais vejo como a orientação é parte fundamental para qualquer pesquisa, não só no suporte teórico, mas na construção de pontes e no incentivo ao voo. Graças a você tenho a certeza de que fiz a melhor pesquisa que pude no contexto em que vivi.

A Edson e Jussara, por seus direcionamentos e orientações que iluminaram os moldes do trabalho aqui produzido, pelas contribuições na banca de qualificação, que me permitiram enxergar outras possibilidades de pesquisa, e também pelas pesquisas que produzem a versarem sobre a Baixada.

As diversas experiências audiovisuais que tive, com a professora Ana Paula Alves Ribeiro, nas disciplinas da própria Eliska, no Coletivo Poeira, no Encruzilhada. A Igor, Pamela e ao Cineclube Buraco do Getúlio, vocês que deram as cores para esse trabalho se formar.

Agradeço a Sara porque tenho plena certeza de que, se não estivesse comigo fornecendo estrutura e apoio, mesmo que não falado, pois às vezes nem precisamos, meu campo não teria acontecido. Sou muito grata por me fornecer não só a mesa e as cadeiras, mas seu tempo, sua paciência, disposição e energia. Imagina quantas entrevistas eu não teria se você não estivesse lá? Escrevo isso com um sorriso no rosto, tentando transmitir toda a minha gratidão por sua presença nessas palavras. Espero que você receba ao menos um pouco.

Agradeço ao Vinicius pela presença e por não me deixar desistir. Obrigada pelo acolhimento e por entender minhas dores. Suas mãos também estão na construção desse trabalho.

A Laryssa pelo compartilhamento dos momentos de angústia; a Letícia, pela ida ao campo; a todos aqueles que se dispuseram a estar presentes; a todos que ouviram minhas propostas e deram sugestões: Jannyne, Monica, Eduardo e Adolfo, principalmente os dois últimos, que leram tanto ou mais do que eu os capítulos e versões incontáveis dessa dissertação.

Ao Lima e a parte administrativa do PPGCS que foram sempre tão solícitos e dispostos em resolver problemas e questões em meio ao turbilhão burocrático e de imprevistos em que estive.

A todos os interlocutores que falaram sobre o tema, que se propuseram a conversar, doaram seu tempo e suas ideias para uma pesquisa, que nos ouviram, que nos deram sugestões, que estiveram abertas a nós. Se um de vocês não tivesse conversado conosco, a pesquisa já seria

outra. Todos vocês foram extremamente importantes, e espero que vejam isso nessas linhas; tentei o meu melhor para fazer jus às suas vozes e construir um local de reflexão o mais honesto possível. Afinal, espero que essa pesquisa não só contenha vocês, mas também reverbere na cidade em que vivem.

A pessoa que me tornei nessa construção e a que era antes; aos Orixás que me consolaram e fortaleceram para lidar com todos os reveses e intempéries que passei na pesquisa e no tempo de vida em que a mesma foi construída.

A todos e todas que vieram antes de mim, que me permitiram pensar sobre esse lugar, que me fizeram refletir sobre quem sou e onde estou, que me ajudaram a pôr em perspectiva uma existência criticada. Por tornarem possível eu cogitar e refletir sobre a Baixada, e trabalhar com audiovisual nesse tema. Por trilharem o caminho e me permitirem seguir.

Muito obrigada.

RESUMO

BAPTISTA, Marília Carolina Asterito. **Nova Iguaçu dos sonhos: narrativas e imaginários sobre a cidade**. 2019. 127 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.

A pesquisa aqui apresentada visa compreender a relação que alguns moradores de Nova Iguaçu possuem com sua cidade, tendo como elementos norteadores as interpretações desses em relação às representações midiáticas; os espaços e formas de lazer existente nessa localidade e o campo do imaginário sobre o que poderia ser essa cidade. A partir das reflexões sobre tais aspectos, o objetivo é refletir se a relação de certos moradores com sua cidade é ou não alterada a partir do conhecimento e da participação em diversos espaços de lazer.

Palavras chaves: Cidade; Baixada Fluminense; Imaginário; Nova Iguaçu; Lazer.

ABSTRACT

BAPTISTA, Marília Carolina Asterito. **New Iguaçu of dreams: narratives and imaginary about the city**. 2019. 127 p. Dissertation (Graduate Program in Human and Social Sciences). Institute of Human and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.

The research presents seeks to understand the relationship between some Nova Iguaçu residents' have with their city, having as guiding elements the interpretations of these in relation to the media representations; the spaces and forms of leisure that exist in this locality and the area of the imaginary about what could be this city. From the reflections on these aspects I will try to understand if the relation of the residents with their city is or not changed from the knowledge and the participation in diverse spaces of leisure.

Key words: City; Baixada Fluminense; Imaginary; Nova Iguaçu; leisure.

ANEXOS

Anexo A – Pesquisa feita no Youtube com o tema Nova Iguaçu	99
Anexo B – Roteiro para a entrevista	101
Anexo C – Termo de direito de imagem	102
Anexo D – Novo questionário	104
Anexo E – Crachá	106
Anexo F – Questionário para os frequentadores dos espaços de lazer	107

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Imagem printada do Google Maps que apresenta as demarcações da Unidade Regional de Governo Centro	09
Figura 2 – Mapa de Nova Iguaçu e suas emancipações	19
Figura 3 – Mapa das URGs de Nova Iguaçu	36
Figura 4 – Linha férrea Rio D’Outro	37
Figura 5 – Estação de trem Vila de Cava em foto tirada no ano de 2009 por Eduardo P. Moreira	38
Figura 6 – Imagem printada do Google Maps que apresenta as demarcações da Unidade Regional de Governo Vila de Cava	38
Figura 7 – Imagem printada do Google Maps que apresenta as demarcações da Unidade Regional de Governo Centro	39
Figura 8 – Imagem printada do Google Maps que apresenta as demarcações da Unidade Regional de Governo Centro, o ponto vermelho representa a localização da Praça Rui Barbosa	40
Figura 9 – Imagem printada do Google Maps que apresenta as demarcações da Unidade Regional de Governo Vila de Cava, o ponto verde representa a localização da Praça Vila de Cava	41
Figura 10 – Print do evento da festa no Facebook	57
Figura 11 – Imagem printada da página da Semadetur no Facebook que relatava sobre a promoção do primeiro evento	60
Figura 12 – Imagem printada do evento produzido na página do Facebook.	61
Figura 13 – Imagem printada do evento produzido na página do Facebook.	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise das amostras sobre características da população	54
Tabela 2 – Análise das amostras sobre religião	54
Tabela 3 – Análise das amostras sobre educação	55
Tabelas 4 – Tabelas traçando o perfil dos entrevistados e entrevistadas.	69
Tabelas 5 – Tabelas sobre as reportagens vistas sobre a cidade assim como seu tema.	70
Tabela 6 – Tabela correspondendo localidade da entrevista e a frequência de temas das reportagens.	71
Tabelas 7 – Tabelas sobre a concordância ou não com o conteúdo das reportagens.	74
Tabela 8 – Tabela relacionando gênero e faixa etária aos aspectos de identificação com a cidade que acionam.	76
Tabela 9 – Tabela sobre a quantidade de pessoas que mudariam da cidade.	78
Tabela 10 – Tabela sobre o local para o qual as pessoas se mudariam.	80
Tabela 11 – Tabela sobre o a mudança ou não quanto a percepção de cidade a partir das rodas de rap.	85
Tabela 12 – Tabela sobre os temas recorrentes nas respostas sobre os imaginários.	86
Tabela 13 – Tabela sobre os temas recorrentes nas respostas sobre os imaginários.	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gráfico sobre a quantidade de pessoas que gostam da cidade.	78
Gráfico 2 – Gráfico sobre a quantidade de pessoas acima dos 38 que se mudariam.	79
Gráfico 3 – Gráfico sobre os locais de lazer frequentados pelos entrevistados e entrevistadas.	82
Gráfico 4 – Gráfico que correlaciona as opções de lazer e os locais das entrevistas.	83
Gráfico 5 – Gráfico referente a quantidade de pessoas que conheciam esses locais de lazer.	83
Gráfico 6 – Gráfico que apresenta as formas como conheceram ou ouviram falar desses espaços de lazer.	84
Gráfico 7 – Gráfico que correlaciona gênero e faixa etária as respostas aos temas presentes na administração pública.	87
Gráfico 8 – Gráfico que correlaciona gênero e faixa etária as respostas relacionadas ao conceito de lazer.	88

LISTA DE ESQUEMAS

- Esquema 1** – Exemplificação das variações das negativas sobre a mudança de visão da cidade nas entrevistas feitas no Parque. 85
- Esquema 2** – Exemplificação dos subtópicos presentes na categoria Administração pública. 87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: Nova Iguaçu e essa tal Baixada Fluminense, a cidade e o cinema ..	5
1.1 Cidade.....	5
1.2. Narrativa Geográfica.....	7
1.3. Narrativa Histórica.....	8
1.4. Narrativa midiática	10
1.5. Os pesquisadores e as pesquisadoras – Uma espécie de “Baixadologia”.....	12
1.6. O encanto Fluminense	16
1.7. Ser Baixada e a sua cultura	20
1.8. Uma cidade audiovisual.....	22
CAPÍTULO II: Nossas escolhas, nosso espaço e nosso trabalho	27
2.1 Como veremos essa cidade	27
2.2 A construção	30
2.2.1. Antes do Campo	31
2.2.2. Construindo esse espaço.....	34
2.3. O imaginado.....	41
2.4. O real.....	46
2.4.1 Segunda-feira, 17 de julho de 2017	47
2.4.2. Quarta-feira, 19 de julho de 2017	48
2.4.3. Quinta-feira, 20 de julho de 2017	49
2.4.4. Sexta-feira, 21 de julho de 2017	50
2.5. O passeio.....	52

2.6. O novo campo.....	59
2.6.1 “Eu vou nas asas de um passarinho”	60
2.6.2 A roda de Rap.....	62
2.6.3 Cineclube.....	63
CAPÍTULO III: O que dizemos sobre nós – análise das entrevistas	65
3.1. Mídia: cabo de guerra.....	70
3.2 Memórias e afetos.....	75
3.3 As pessoas.....	77
3.4 Transformação do espaço	81
3.5. O Lazer	82
3.6 O imaginário e seus marcadores sociais	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
ANEXOS.....	99
ANEXO A	99
ANEXO B.....	101
ANEXO C.....	102
ANEXO D	104
ANEXO E.....	106
ANEXO F.....	107

INTRODUÇÃO

Essa dissertação tem como objetivo compreender em qual medida a frequência à espaços de lazer e promoção cultural altera a percepção de moradores de Nova Iguaçu – cidade situada na Baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro – sobre a mesma. Para atingi-lo recorreu-se à entrevistas com habitantes do local com o objetivo de identificar como percebem a cidade em que vivem e qual relação mantêm com espaços de lazer oferecidos por ela.

A concretização do objetivo acima referido é apresentada em duas dimensões que dialogam entre si. A primeira delas é um documentário, intitulado “Nova Iguaçu dos Sonhos”, com 18’41” de duração, disponível [aqui](#). Para uma melhor compreensão do mesmo sugiro que seja assistido ao final da leitura do capítulo dois tendo em vista que nele são analisados fragmentos das entrevistas contidas nesse audiovisual. A opção por esse formato se justifica pelo entendimento de que, ao se produzir uma pesquisa voltada a entender elementos que constituem narrativas sobre uma determinada comunidade, deve-se oferecer um retorno o mais inteligível possível aos sujeitos envolvidos. Tal convicção fez com que eu buscasse um canal de fácil acesso, universalizado e capaz de iniciar debates em qualquer nível da sociedade e a conclusão dessa busca foi a realização de um produto audiovisual.

A compreensão da necessidade da existência de um canal que levasse a população da Baixada e de outros locais “periféricos” a conhecer espaços de lazer e de cultura foi o resultado de debates e reflexões iniciadas durante minha graduação. Este longo tempo de maturação fez com que o projeto inicial sofresse diversas alterações no que se refere a como iriam ser abordados tais aspectos, passando por opções como: canal na internet, debates, produção de eventos, rodas de conversa nas praças e um documentário. Avaliando todas as possibilidades, decidi que a mais conveniente seria o formato de documentário, pois permitiria um registro mais amplo dos principais temas da pesquisa: a percepção sobre a cidade, a mídia, os espaços de lazer e os imaginários.

A segunda parte desta dissertação está estruturada em três capítulos, além da introdução, das considerações finais e dos anexos. O primeiro capítulo é formado por reflexões sobre a noção de cidade: as diversas narrativas acadêmicas e midiáticas sobre a Baixada Fluminense como um todo, dando destaque à Nova Iguaçu, ressaltando mudanças e permanências, e, por fim, apresento uma reflexão sobre o papel das produções audiovisuais na área dos estudos sociológicos e antropológicos urbanos.

O segundo capítulo aborda a construção da pesquisa em sua forma metodológica. Nele, relato a experiência de produzir um espaço de conversas com moradores em praças públicas e destaco também as constantes redefinições de rotas impostas pelo campo ao projeto inicialmente traçado. Ainda apresento o caminho por nós – e nesse nós incluo todos e todas que estiveram na construção deste trabalho feito a incontáveis mãos – trilhado até a forma atual.

O terceiro capítulo traz a análise das entrevistas e dos materiais coletados com o objetivo de identificar e refletir sobre as narrativas construídas pelos moradores para justificarem a sua relação com a cidade. A construção dessas fontes de pesquisa se deu a partir de quatro questões: como compreendem a cidade em seu cotidiano – se gostam ou não, se prefeririam morar em outro local e por quê... –, se veem alguma representação desse espaço nas grandes mídias de comunicação, e, em caso afirmativo, quais seus principais temas, assim como se concordam ou não com elas; a perspectiva que têm do lazer no local (a partir da provocação sobre aonde vão e o que fazem quando buscam um momento de lazer e descontração) e, por fim, como imaginam uma Nova Iguaçu ideal, uma questão que permite elucubrações sobre o que poderia haver no

espaço da cidade, permitindo identificar não somente o que está no campo do desejo, mas também o que falta nesse mundo social. As respostas aos questionamentos estão presentes tanto no documentário quanto no capítulo referenciado, sendo analisadas e contextualizadas com o objetivo de construir correlações com marcadores sociais, narrativas e imaginários existentes sobre Nova Iguaçu.

Partir do princípio de entender que tipo de relação o pesquisador mantém com seu objeto parece-me uma ferramenta valiosa na avaliação e recepção dos resultados de um trabalho. Nesse sentido, julgo importante apresentar aqui a razão de minha curiosidade científica, nesse caso, de minha relação com a cidade de Nova Iguaçu.

Nasci e vivi a maior parte da minha vida nessa cidade e a história que construí com ela é marcada por conflitos e momentos de aproximação e afastamento.

Quando comecei a compreender que Nova Iguaçu me cercava, a sensação de não pertencimento e negação daquele espaço foi quase instantânea. Com o passar do tempo minha relação com a cidade mudou e foi essa transformação a base sobre a qual esse trabalho foi construído. Ele parte da ideia de que certos aspectos dessa mudança na forma de sentir e me relacionar com a cidade podem ser objetivados e entendidos a partir da análise dos termos atribuídos a ela tanto por seus moradores quanto por aqueles que a ela se referem por alguma razão. Esse foi o caminho que trilhei inicialmente, recorrendo às minhas memórias visando identificar os adjetivos que me incomodavam para compreender o porquê de não gostar ou não me sentir parte da cidade.

Nesse processo, duas questões ficaram claras tanto nas minhas narrativas quanto nas daqueles que me cercavam. A primeira está relacionada às reportagens midiáticas que qualificam Nova Iguaçu enquanto espaço de violência e/ou de precariedades estruturais nas áreas de saúde, planejamento urbano, educação e outros diversos campos. A segunda vinha da descrição do lugar a partir da falta de espaços de lazer, onde, para ter acesso aos mesmos, seria necessário “ir ao Centro”, “ir lá para baixo”, “ir para o Rio”. Com base nelas pode-se dizer que a Nova Iguaçu que vivi foi muitas vezes “imaginada” a partir de ausências.

Em um determinado momento, aquela falta de afinidade com Nova Iguaçu passou a ser alterada a partir de quatro acontecimentos na minha trajetória.

O primeiro deles foi a Oficina de Malabares, que conheci em 2008, situada no atualmente denominado Complexo Cultural da Nova Iguaçu (local inaugurado em 2004 com o nome de Casa de Cultura Sylvio Monteiro e popularmente conhecido como “Casa de cultura”). O Malabares, como dizíamos, era uma iniciativa autônoma¹ de jovens que buscavam um espaço de sociabilidade e de profusão de diversas artes circense.

Foi no contato com o coletivo acima referido que passei a frequentar o Cineclubes Buraco do Getúlio, a segunda parada nessa trajetória de ressignificação da relação com a cidade. O Cineclubes nasceu em 2006 como iniciativa do Laboratório Cítrico no Bar do Ananias, conhecido espaço da região localiza-se na rua em frente ao Túnel Getúlio de Moura e de onde advêm o nome do cineclubes. Quando o conheci eram realizadas sessões mensais temáticas na Casa de cultura, com a exibição de filmes seguidos por rodas de conversa.

Esses dois espaços iniciaram uma mudança no modo de ver a cidade, o almejado lazer parecia agora próximo e “talvez Nova Iguaçu não fosse tão ruim assim”. Nesse mesmo momento, conheci, através de amigos, o Parque Municipal de Nova Iguaçu, com suas trilhas e cachoeiras – fato que fortaleceu minha mudança de perspectiva em relação à cidade.

¹ Chegou a receber auxílio da prefeitura nos dois mandatos de Lindberg Farias (PT) como prefeito da cidade, no período de 2005 a 2008 / 2008 a 2010, abandonando no segundo a prefeitura para concorrer ao Senado como representante de seu partido.

Os três acontecimentos acima, os quais podem ser entendidos enquanto a descoberta de espaços distintos das imagens propagadas pelas narrativas de violência e precariedade sobre a cidade, possibilitaram um novo campo referencial para a criação de compreensões sobre esse lugar.

Por fim, ingressar na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro me permitiu repensar não apenas como Nova Iguaçu era compreendida socialmente, mas também o que era ser da Baixada Fluminense. Um dos aspectos que mais me surpreendeu ao ingressar nesse espaço foi o fato de as pessoas não conhecerem a cidade – espanto gerado diante da proximidade geográfica, já que Seropédica faz fronteira com o município – e por não serem moradores da Baixada.

Ao matricular-me acreditava que devido à localização da UFRRJ encontraria moradores de Nova Iguaçu ou ao menos de municípios vizinhos, como Mesquita, Nilópolis e Belford Roxo. O que vi foi uma turma integrada por apenas mais três alunas da Baixada (uma de Seropédica e duas de Nova Iguaçu), e o restante dividindo-se entre moradores de outros estados e uma grande parcela de bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Meu choque diante dessa ausência veio atrelado a narrativa de meus colegas na qual preponderava a surpresa por conhecerem “alguém que mora lá”. Eles enfatizavam a longa distância entre os dois municípios – por vezes parecendo desconhecer sua fronteira na ponte sobre o Rio Guandú na BR- 465, a mesma via em que está localizada a universidade – e reproduziam uma narrativa marcada pela violência e periculosidade do local. Esse ambiente terminou por reconfigurar minha postura quanto a ser da Baixada e ocupar esse espaço. Se descobrir novos locais dentro da própria cidade reformulou meu olhar, cursar uma universidade na Baixada mudou minha postura. Criou em mim um desejo de compreender como sujeitos se relacionam com o espaço em que habitam, como enxergam e imaginam sua cidade e suas vivências.

Este é o cenário de construção dessa pesquisa, na qual não pretendo apresentar uma versão definitiva e absoluta sobre a vivência na cidade de Nova Iguaçu, mas trazer à tona algumas das diversas narrativas construídas sobre esse espaço e de forma mais especial aquela que é construída pelos que ali residem.

CAPÍTULO I: Nova Iguaçu e essa tal Baixada Fluminense, a cidade e o cinema

1.1 Cidade

A cidade por vezes me parece imensurável. Podemos descrevê-la, senti-la e pertencer a ela, mas determinar os limites da interferência que produzimos e recebemos da mesma é delicado de ser definido. Teixeira Coelho (2008), em *Uma nova gestão cultural da cidade*, mostra que “pela primeira vez na história da humanidade, mais da metade da população mundial vive em cidades. A cidade é onde se nasce, se vive, se ama e se morre” (TEIXEIRA COELHO, 2008, p.9), ou seja, onde nos constituímos como sujeitos.

O crescente processo de urbanização da população mundial ao longo do tempo levou a transformações no conceito de cidade, como mostra Néstor García Canclini (2008) ao questionar sobre

o que é uma cidade? Até meados do século XX o pensamento urbano respondia a essa pergunta segundo a configuração física: cidade é o oposto do campo, ou um tipo de agrupamento extenso e denso de indivíduos socialmente heterogêneos. Nas últimas décadas, tenta-se caracterizar o urbano levando em conta também os processos culturais e os imaginários dos que o habitam. (CANCLINI, 2008, p. 15).

Portanto, a ideia de caracterizar a noção de urbano a partir de uma dicotomia Cidade *versus* Campo ou Urbano *versus* Rural com foco em questões geográficas e/ou físicas, se mostra insuficiente para determinar o que é uma cidade. Tal fato é o responsável pela possibilidade de somente poder-se traçar linhas de separação frágeis dentro de uma realidade complexa.

Tal questão tornou-se evidente no universo deste trabalho, uma vez que, ao analisar os bairros de Nova Iguaçu foi possível caracterizá-los tanto como rurais quanto urbanos, quando, por exemplo, se enfatiza seus aspectos naturais – a predominância da agricultura, grandes espaços sem ocupação – ou questões típicas de zonas periféricas como a falta saneamento básico, a precariedade de serviços públicos e a dificuldade de locomoção. Diante de tal dificuldade tornou-se conveniente mobilizar uma definição relacionada mais a processos culturais e imaginários do que necessariamente a aspectos físicos e tidos como inertes, pois a cidade é muito mais do que sua topografia ou definição política. Em outras palavras, “os livros, as revistas e o cinema, pela informação que dão a cada dia os jornais, o rádio e a televisão sobre o que acontece nas ruas” (CANCLINI, 2008, p. 15) dizem tanto quanto sua estrutura física – edifícios, grandes centros comerciais e afins.

Cabe ressaltar que as visões sobre uma determinada cidade presente nas publicações científicas, na mídia e nos discursos oficiais não excluem a existência de outras narrativas e sentimentos com suas diferentes representações. Esse é o fio condutor dessa pesquisa, na medida em que propõe uma reflexão sobre como concomitantemente as informações propagadas em relação à Nova Iguaçu por não moradores existem os sentidos atribuídos a ela por seus habitantes, os quais geram servem de base para narrativas que recriam visões sobre o lugar no qual vivem.

A multiplicidade de narrativas permite, a quem entra em contato com elas, imaginar de variadas formas o que seria viver em uma determinada cidade. Em muitos pontos essa vivência imaginada está diretamente oposta à realidade experienciada por seus moradores, sendo assim, pensar sobre determinado local é um movimento que exige do pesquisador, além de pesquisar

fontes preexistentes, ouvir e propagar leituras e sentimentos atribuídos ao espaço a partir daqueles que nele vivem, estabelecendo conexões daquelas com essas, levando em consideração que

nenhuma análise abarca a totalidade dos processos urbanos e dos imaginários que ela engendra. Ao contrário: sustentaremos que é próprio das cidades, sobretudo, das megalópoles, nos proporcionarem experiências de desconhecimento. (CANCLINI, 2008, p. 17).

O que apresento aqui é, portanto, não a busca de uma narrativa total com uma suposta homogeneidade do imaginário existente sobre Nova Iguaçu, mas sim algumas das múltiplas narrativas sobre esse lugar repensadas a partir das vivências em seus espaços. Ou seja, este trabalho entende que

cada habitante usa as zonas da cidade de que necessita e tem conjeturas sobre aquilo que não vê ou não conhece. A fragmentação das experiências registrada nos estudos sobre diversidade cultural urbana torna evidente que não há saberes totalizadores. (CANCLINI, 2008, p. 21).

Tal reflexão me permite afirmar que essa pesquisa se apresenta como um estudo sobre diversidade cultural urbana, pois trata de distintas visões sobre como sujeitos entendem a cidade em que vivem, o que dizem sobre ela e como gostariam que fosse.

Concordo com Park (1967), em *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, quando afirma que a cidade é cultural, geográfica, econômica e ecológica. O autor enxerga a cidade como

algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos — tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana. (PARK, 1967, p.25).

Por ser majoritariamente fruto dos hábitos e costumes de seus habitantes, pois são eles os responsáveis pela criação de suas organizações físicas e morais, a cidade é por excelência maleável. Nesse contexto há um constante jogo de manutenção, movimentação e transformação do ambiente sempre marcado por um sentimento de pertencimento em que história e tradição são peças importantes.

Relacionando o pensamento acima à noção de Bernardes (1983), em sua dissertação *Espaço e movimentos reivindicatórios: o caso de Nova Iguaçu*, a movimentação da população no seu cotidiano cria um espaço urbano que reivindica outros espaços dentro da cidade, criando uma organização socioespacial a interferir na forma como a sociedade se estrutura, ou seja, podemos afirmar que “espaço e sociedade via movimento se transformam.” (BERNARDES, 1983, p. 24). Sendo assim, para pensar e falar sobre a cidade parece-me fundamental entender como esses moradores se relacionam com o lugar e se esse envolvimento gera alguma mudança social em sua percepção. Questiono, dessa forma, a possibilidade da existência de novas narrativas capazes de gerar transformações na organização social e da cidade em si.

Valladares (2005), no livro *A invenção da favela: Do mito de origem a favela.com*, defende que diferentes atores sociais estabelecem distintas narrativas sobre a favela. Aplicando

essa lógica à Baixada como um todo e a Nova Iguaçu de forma mais específica podemos afirmar que os olhares de historiadores, geógrafos, agentes da mídia e pesquisadores de outras áreas que produzem trabalhos sobre esses lugares constroem narrativas diversas sobre os mesmos. A seguir serão apresentadas tais visões com o objetivo de apontar diálogos e interlocuções identificáveis entre elas, já que partem de referências, fatos e categorias icônicas sobre a região.

1.2. Narrativa Geográfica

Ao buscar uma definição estritamente no âmbito da geografia física, encontramos a Baixada Fluminense representada como uma região de terras planas e baixas – característica comum no estado do Rio de Janeiro. No caso desse estado, este tipo de formação geográfica se estende desde a falésia dos Tabuleiros, localizada no Norte Fluminense, até as colinas e maciços próximos a Serra do Mar. Tal tipo de formação recebe denominações diversas como “Baixada dos Goytacazes” ou “Campista”, dos Rios Macaé e São João, de Sepetiba e da Guanabara.

A definição acima, contudo, não é suficiente para compreender como fronteiras econômicas, sociais e simbólicas foram construídas de forma a definir o espaço compreendido como “Baixada”. André Santos da Rocha, em *As representações ideias de um território: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990*, nos fornece pistas sobre como tal processo se deu a partir de propostas governamentais:

Assim, os projetos em torno do saneamento ambiental constituídos no primeiro quarto do século XX, também ajudaram a delinear ‘limites discursivos e práticos’ para a Baixada e as intervenções propostas, ao privilegiar a subárea conhecida como Baixada da Guanabara, fomentaram a ‘contração da extensão’ do que chamamos de Baixada Fluminense, de modo que gradativamente, o termo Baixada Fluminense passou a ser relacionado à esta subárea, a Baixada do Rio de Janeiro que é o que conhecemos como a Baixada da Guanabara. (ROCHA, 2014, p. 37).

Ou seja, mais do que meramente uma região com espaços delimitados geograficamente, a Baixada se constitui a partir do estabelecimento de um discurso governamental que a define a partir de ações ou omissões na adoção de políticas públicas. Pensar esse território, portanto, mais do que recorrer à cartografia física, exige um olhar mais acurado. Contudo, creio ser importante estabelecer uma limitação espacial, pois tal ação facilitaria a compreensão desse trabalho por parte daqueles que não conhecem a região, para isso recorro a Alessandra Siqueira Barreto que, na tese *Cartografia política: as faces e a fases da política na Baixada*, entende que a Baixada abrange

13 municípios - Itaguaí, Seropédica, Paracambi, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis, Belford Roxo, São João do Meriti, Duque de Caxias, Magé e Guapimirim - que, juntamente com as cidades do Rio de Janeiro, Niterói e São Gonçalo, formam a Região Metropolitana do Rio de Janeiro ou o Grande Rio. Com uma população de mais de 3 milhões de habitantes, a Baixada tem como núcleo os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis e Nova Iguaçu - este último tendo sido historicamente desmembrado em quase todos os demais que hoje compõem a região, por meio das emancipações que tiveram início na década de 1940 (Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis); as últimas tendo ocorrido na década de 1990 (Belford Roxo, Queimados, Japeri e Mesquita). (BARRETO, 2006, p.25).

Temos, portanto, uma demarcação geográfica, supostamente concebida a partir de traços objetivos e concretos, contudo, na verdade, ele dialoga estritamente com narrativas midiáticas sobre a Baixada Fluminense, as quais influenciam o estabelecimento desses limites e da percepção de moradores e não moradores sobre ela, como aponta Ana Lucia Enne (2013), no artigo *A “redescoberta” da Baixada Fluminense: reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico*:

as fronteiras e os limites da Baixada são operados a partir de práticas e interações cotidianas, sendo reconstruídos na experiência diária de seus moradores, em situações de contato com outros moradores ou com pessoas de fora e a partir do discurso oficial (especificamente das autoridades municipais e estaduais), da mídia e das manifestações culturais. (ENNE, 2013, p.13).

Enne (2013) assinala a distorção do significado da palavra “baixada”, deixando de referir-se a uma região localizada ao nível do mar e passando a ser correlacionada a uma noção de inferioridade. Ao refletir sobre tais construções de sentido sobre a Baixada Fluminense defende a tese de que ela deve ser entendida enquanto “uma coleção de lugares, todos resultantes dos contextos de interação e das experiências dos mais diversos agentes sociais. Portanto, um lugar não é uma categoria estática, mas o resultado de fluxos e interpretações diversas” (ENNE, 2013, pp.14 e 15).

A partir da concepção de que lugares resultam de processos de construção, e de múltiplas interpretações, este trabalho é fundado. Essa percepção nos leva a defender a possibilidade da sua constante ressignificação e reconstrução por seus diversos agentes.

A discussão de Barreto, Enne e Rocha traz à tona um elemento comumente naturalizado e excluído do campo de reflexão: a concepção da leitura do espaço físico como uma visão marcada também por interpretações sociais, a possuir pilares em princípios historicamente identificáveis. Partindo desta concepção, traçaremos aqui uma leitura histórica quanto ao processo de representações sobre a Baixada Fluminense.

1.3. Narrativa Histórica

Se moradores de um lugar podem ressignificar seu espaço através da construção de narrativas diversas da hegemonicamente difundida, o mesmo só ocorre devido a um processo histórico. Encontramos tal percepção em Bernardes (1983) quando este defende que o espaço e os movimentos reivindicatórios necessitam ser percebidos “não simplesmente como o palco desses acontecimentos, mas também quanto o fato histórico que ele é.” (BERNARDES, 1983, p.28). Isto posto, entender a Baixada Fluminense de hoje exige que conheçamos algumas de suas narrativas históricas, em especial em relação à cidade de Nova Iguaçu.

Historicamente a área conhecida hoje como Baixada Fluminense apresenta como fator comum ao seu processo de colonização a agricultura. Iniciada no século XVI sua ocupação pelos portugueses se deu através da fundação de fazendas mantidas pela mão de obra escravizada com o objetivo de fornecer produtos agrícolas para a então capital da província, Rio de Janeiro.

O século XIX impacta significativamente a Baixada, pois em sua segunda metade começa a ser construída uma malha férrea na região que facilitou tanto o fluxo de mercadorias – antes feito em barcas e no lombo de muare – quanto o de pessoas. Sobre tal processo Linderval Augusto Monteiro, na tese *Retratos em movimento: vida política, dinamismo popular e cidadania na Baixada Fluminense*, destaca que

o fato marcante derivado do café, não foram as fazendas, que ali não ganharam mais importância devido ao novo produto, e sim a estrada de ferro que rasgou

a região em seu caminho para o sul fluminense, produtor efetivo dos grãos. Os trens carregaram o café para o porto do Rio de Janeiro e deixaram na Baixada Fluminense gente que se juntou primeiramente ao redor das estações e que depois, já no final do século XIX e início do XX, contribuiu para que a única lavoura promissora da região se iniciasse: a cultura citrícola. (MONTEIRO, 2007, p.37).

A partir e em torno da linha férrea, portanto, a região vai tornando-se cada vez mais estruturada. Em 1858 foi entregue o primeiro trecho da Estrada de Ferro D. Pedro II, que em 1889 passaria a se chamar Estrada de Ferro Central do Brasil, ligando a estação D. Pedro II, hoje Central do Brasil, à estação de Belém, atualmente Japeri. Ao redor da linha e de suas estações ocorre um processo de povoamento marcado tanto pela chegada de novos moradores quanto pelo deslocamento de pessoas e centros administrativos de vilas e cidades das margens dos portos fluviais, os quais perdiam sua importância como caminho de riqueza e pessoas. As consequências desse processo podem ser percebidas até hoje na maioria das localidades, como pode ser percebido em Nova Iguaçu onde temos o centro administrativo e o comercial construídos ao redor da estação de trem de Nova Iguaçu, denominado de Unidade Regional Centro².

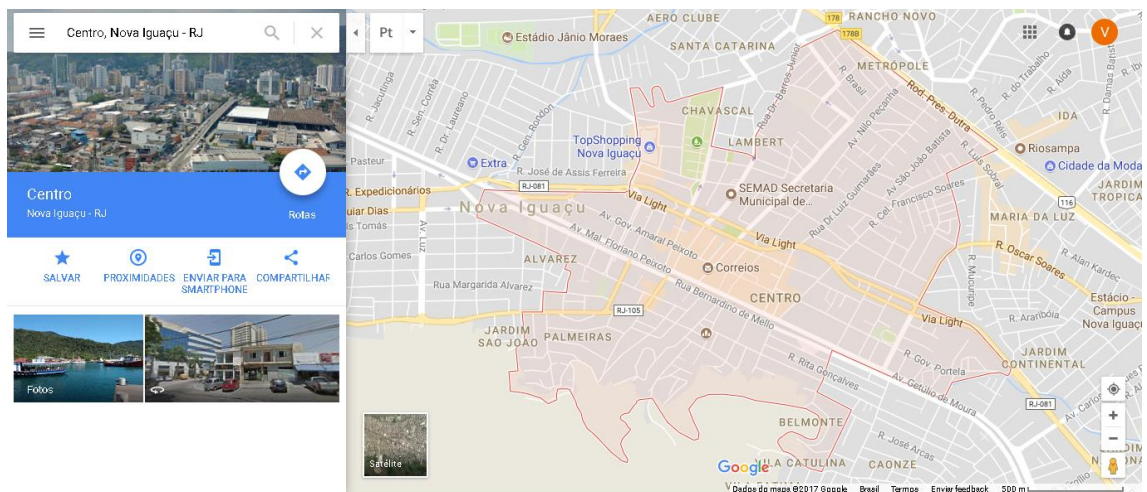


Figura 1 - Imagem printada do Google Maps que apresenta as demarcações da Unidade Regional de Governo Centro. A linha férrea está localizada entre a Avenida Marechal Floriano Peixoto e a Rua Bernardino de Mello, com a Estação Nova Iguaçu próximo aos Correios no mapa utilizado. Disponível em < <https://goo.gl/2j8Emt>>. Acesso em 15 de julho de 2017.

Até a década de 1940, Nova Iguaçu era conhecida como “cidade perfume”, devido à fragrância dos laranjais que coloriam toda a extensão da cidade. Entretanto, sua principal atividade econômica foi substituída por outras formas de renda devido a crises internacionais, pragas locais e as inundações que imobilizavam os trens deixaram nas cidades da Baixada apenas a lembrança da época em que Nova Iguaçu, devido às flores de laranjeiras, era chamada de ‘cidade-perfume’, restando dos pomares somente árvores secas que passaram a ser queimadas ou derrubadas pelas mesmas máquinas que desde a década de 1930 vinham

² A cidade de Nova Iguaçu é dividida em Unidades Regionais de Governo por questões administrativas, sendo ao total nove URGs - Austin, Cabuçu, Centro, Comendador Soares, Km 32, Miguel Couto, Posse, Vila de Cava e Tinguá, Adrianópolis, Rio D’ouro e Jaceruba além da unidade Gericinó e Mendanha que não é abairravel. A cidade tem ainda ao total 68 bairros. Disponível em <http://www.nima.puc-rio.br/sobre_nima/projetos/novaiguacu/mapas.php>. Acessado em 07 de maio de 2017.

transformando a terra agrícola em urbana através da criação dos loteamentos e da venda dos lotes para os milhares de homens e mulheres que chegavam do Nordeste brasileiro almejando melhores condições de vida na Região Metropolitana do Rio de Janeiro que crescia economicamente em um ritmo frenético naquelas décadas e que se transformava em um oásis de oportunidades para aqueles proletários realizadores de atividades nada ou pouco qualificadas. (MONTEIRO, 2007, pp. 37 e 38).

Essa população, formada até então pelos trabalhadores rurais atuantes principalmente nas plantações rurais, foi sendo ampliada com a chegada de novos migrantes. Tal processo levou à medidas estatais junto aos proprietários locais com o objetivo de criar espaços capazes de acomodar essas pessoas, sendo que neles “o que menos importava era o seu futuro habitante.” (MONTEIRO, 2007, pp. 37-38). O atendimento de tal demanda levou a um movimento de transformação das chácaras em lotes agrupados.

Nesse momento não só Nova Iguaçu, mas igualmente as demais cidades da Baixada passaram a observar um constante trânsito de sua população através da linha férrea, a qual transportava moradores em direção ao trabalho, estudo e diversão na capital da República (BARRETO, 2006).

A partir desse movimento de povoamento da região, os municípios foram reorganizados tanto do ponto de vista econômico quanto das dinâmicas sociais que permeavam a região. Como veremos a seguir, as transformações ocorreram também nas representações midiáticas.

1.4. Narrativa midiática

Como apontado anteriormente, a mídia está localizada nesse campo da pesquisa como a responsável pela construção de mais uma narrativa sobre o local, versão essa constantemente atrelada às questões de violência e precariedade estrutural. Enne (2013) demonstra como se dá a conexão das narrativas sobre a Baixada à noções de violência, quando destaca que é possível detectar, no decorrer dos últimos cinquenta anos do século XX, um deslocamento na percepção acerca da região, que, de um lugar ermo, até então agrário e que vinha sendo basicamente ocupado por sistemas de loteamento para migrantes que trabalhariam na capital, viria a ser representada na grande imprensa como um lugar marcado por diversos problemas, destacando-se, principalmente, a questão da violência e do abandono pelo poder público. (ENNE, 2013, p.8).

Instaura-se uma relação, quase imediata feita pelos meios de comunicação de massa que correlacionam a Baixada Fluminense à violência praticada pelos “matadores”, adjetivando este espaço como pobre, violento, miserável etc. (ROCHA, 2014). Tal narrativa, contudo, mesmo ainda presente, passa a dividir espaço, no final do século passado, com novas versões baseadas em discursos empresariais oriundos, essencialmente, da especulação imobiliária. Nelas, como destaca Enne (2013),

é possível perceber, no decorrer dos anos 1990, um esforço via grande imprensa carioca e nacional de apresentar a Baixada como um lugar em transformação, prestes a perder suas características negativas e se transformar no ‘novo ABC’, em um lugar de promissores investimentos e condições de mercado. (ENNE, 2013, p.17).

Tais falas tinham por objetivo legitimar uma nova correlação das localidades com noções de progresso e desenvolvimento, fortalecendo uma representação ideal desse território a partir de uma mudança seletiva (ROCHA, 2014). Nesse momento noções de desenvolvimento

são incluídas nas narrativas com o objetivo de justificar políticas públicas e investimentos particulares capazes de gerar desenvolvimento econômico e social. É importante destacar que tais investimentos não se estenderiam a todo os espaços dos municípios, mas estariam restritos a regiões específicas, terminando por intensificar as desigualdades estruturais e de qualidade de vida que permeiam esses espaços, ou, conforme Rocha (2014),

logo, as áreas de riqueza e de incremento técnico são visíveis, todavia o aprofundamento de desigualdades é percebido nos mesmos níveis. Se de um lado há um crescimento da especulação imobiliária, sofisticação de alguns serviços, há também a perpetuação de problemas congênitos relacionados ao aumento da violência urbana e as dinâmicas das enchentes que não cessam nos verões fluminenses. (ROCHA, 2014, p. 184).

Essa dicotomia transfigura-se tanto na vivência e na estruturação dos municípios que compõem esse recorte da Baixada Fluminense quanto nas narrativas construídas sobre eles. A seguir apresento dois exemplos sobre o fenômeno acima referido, os quais servem de base para ilustrar as conclusões apresentadas nesse trabalho.

O primeiro está relacionado à polêmica gerada a partir da novela transmitida pela Rede Globo, no ano de 2017, chamada *Rock Story*. Nela, uma personagem oriunda da cidade de Mesquita – Néia, mãe de um cantor de sucesso – ascende socialmente, se muda para a Barra da Tijuca e passa a tecer vários comentários depreciativos sobre sua antiga cidade. Tais falas são constantemente criticadas pelo filho que mantém laços com sua cidade natal e namora uma moradora do local. Nesse núcleo da trama os comentários negativos são constantemente rebatidos por personagens que entendem o município enquanto “espaço bom para se viver”. A essas vozes de resistência da ficção se juntaram as dos moradores de Mesquita, ofendidos pelas narrativas pejorativas da personagem, nas quais eram definidos como “povinho baixo, sem cultura e educação”³, resultando em uma ação judicial pedindo que fossem suprimidas dos diálogos do personagem. O resultado dessa mobilização foi uma mudança na postura da personagem em relação ao local e a apresentação desse espaço positivamente, pois é onde o seu filho retoma sua carreira e passa a investir em negócios.

O segundo exemplo é do *Youtube*, a partir de uma busca em que usei como filtros apenas a expressão “Nova Iguaçu” e contagem de visualizações. Dos dez primeiros vídeos, quatro são sobre a série CSI: Nova Iguaçu⁴; três sobre religião⁵, sendo duas músicas neopentecostais e um com a exibição de um culto da religião. Os três restantes estavam relacionados à violência, sendo o primeiro e mais acessado o que aborda um confronto entre policiais e bandidos, o segundo abordando o acidente ocorrido em um parque aquático, e o outro com o título “Bandidos são linchados no centro de Nova Iguaçu”⁶.

Esses dois exemplos demonstram uma constante disputa entre narrativas construídas nesses espaços midiáticos sobre a região e mesmo que não sejam unilaterais, como no caso da novela, enfatizam uma imagem de difícil desconstrução:

A representação hegemônica comumente aceita, que relaciona a Baixada às ideias de miséria, pobreza e violência social, serve como pivô de impasses territoriais além de legitimar o status quo no cenário político regional,

³ Informações e fala retiradas da reportagem de Francisco Edson Alves no jornal O dia, em 21 de maio de 2017. Disponível em < <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-05-21/moradores-de-mesquita-protestam-e-vaio-a-justica-contra-novela.html>>. Acesso em 27 de junho de 2017.

⁴ Esquete humorística produzida pelo canal Anões em Chamas e, posteriormente, pela Porta dos Fundos.

⁵ Para maiores informações sobre a presença de igrejas neopentecostais na Baixada Fluminense ver MACHADO, C. B. Pentecostalismo e o sofrimento do (ex-) bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias. *Horizontes Antropológicos*, v. 20, n. 42, p. 153–180, 2014.

⁶ No anexo A estão as capturas de tela dos vídeos descritos.

alimenta dialeticamente outras demandas recentes no campo econômico. (ROCHA, 2014, p.43).

1.5. Os pesquisadores e as pesquisadoras – Uma espécie de “Baixadologia”

Se historiadores, geógrafos e sujeitos da mídia construíram narrativas capazes de definir a Baixada Fluminense segundo seu local de fala, pesquisadores da área das Ciências Sociais também colaboraram de maneira significativa para oferecerem elementos que nos permitem entender melhor esse espaço, os indivíduos que ali vivem e alguns dos mecanismos mobilizados em suas relações. Essa narrativa analisarei a seguir.

Valladares (2005), ao tratar da favela, defende que esse espaço, em determinado momento, passa a ser percebido como importante campo de análise social por diversos acadêmicos, principalmente os cientistas sociais. Defendo aqui a possibilidade de identificarmos o mesmo evento no que se refere à Baixada, sendo percebida enquanto espaço privilegiado para o estudo de categorias como violência – constantemente relacionada a grupos de extermínio – e pobreza, sendo por vezes o local de pesquisa, mas não o objeto em si.

Em sua análise Valladares (2005) defende a existência de três dogmas presentes nas narrativas em relação à favela, inclusive no meio acadêmico, os quais, em grande parte, são igualmente mobilizados nas análises e estudos realizados sobre a Baixada Fluminense. O primeiro deles é o da especificidade. Nele a favela é vista como espaço único e singular devido ao seu modo de crescimento distinto do restante da cidade, sendo essa percepção frequente em trabalhos de geógrafos, arquitetos e juristas.

A leitura acima pode ser identificada em alguns dos trabalhos aqui já citados sobre a Baixada, os quais percebem a região como um espaço geográfico de disputa e conflito constantes – determinantes para a definição da ocupação urbana, da relação com o meio-ambiente e do predomínio da violência sobre a lei.

O segundo dogma compreende o “espaço da pobreza”,

elegendo a favela como território privilegiado para o estudo da pobreza e das desigualdades sociais, os pesquisadores não hesitam quando se trata de estudar os pobres: vão para a favela. Mostram, assim, sua adesão a esse dogma, ao mesmo tempo em que contribuem para o seu fortalecimento. Para a favela são enviados estudantes e assistentes de pesquisa, pois o pressuposto é incontestável: a favela é o lugar da residência dos pobres, o espaço popular por excelência. Transformada em campo, nela são estudados todos os fenômenos associados à pobreza e ao universo popular: violência, religião, saúde, política, associativismo, setor informal, música, mulheres, crianças, jovens, educação, evasão escolar etc. Em sua, enquanto território da pobreza a favela passou a simbolizar o território dos problemas sociais, numa associação do espaço físico ao tecido social. (VALLADARES, 2005, p.151).

Guardadas as devidas proporções, principalmente em relação à quantidade de trabalhos sobre a Baixada comparativamente aos produzidos sobre as favelas, o princípio é perpetuado, transformando este espaço num local para o estudo de temas como violência e/ou estratégias de contorná-la.

Um exemplo da abordagem acima são os estudos sobre grupos de extermínio e a reflexão em relação à construção de uma imagem violenta da Baixada, os quais reforçam uma imagem violenta sobre esse espaço. Segundo Monteiro, (2007) trata-se de um processo relacionado à natureza de sua população, essencialmente pobre e migrante, levando a

costumeira percepção negativa sobre a Baixada Fluminense e a sua população, a origem interiorana – principalmente sertaneja nordestina – chamou sempre

a atenção porque facilitava a visão da Baixada Fluminense como uma nova terra sem lei, semelhante às regiões semiáridas do Nordeste brasileiro. (MONTEIRO, 2007, p.266).

José Cláudio Souza Alves, no seu livro *Dos Barões ao Extermínio: uma história de violência na Baixada Fluminense*, propõe uma reflexão sobre como as práticas de violência vão se configurando na Baixada ao longo do tempo, em uma trajetória iniciada com os senhores de engenho e chega à atuação dos representantes políticos onde

a dominação dos senhores de engenho e a construção de um poder político público local; as relações desses senhores com os quilombos e a decadência da região; a reincorporação urbana da Baixada como periferia e a reestruturação política local, a partir dos anos 30; todos esses tópicos acampanho por descrever a história de múltiplas formas de segregação e dominação a que foram submetidos diferentes setores sociais. (ALVES, 2003, p.19).

O pesquisador traça uma trajetória a partir de reviravoltas sociais, tendo sempre presente as formas de dominação e segregação dos mais diversos setores que constituem a Baixada Fluminense, trazendo consigo a legitimação de matadores enquanto representantes políticos. Assim,

a rápida reincorporação urbana da Baixada e seu intenso processo de loteamento a partir dos anos 30; a concentração populacional e, conseqüentemente, eleitoral nas suas terras; seu caráter estratégico frente aos grupos políticos dominantes tanto na esfera estadual com federal; a interferência da ditadura militar pós-64 no poder local e a atomização das relações sociais resultantes do abandono do estado. A subjetividade dos matadores e sua relação com a esfera política contribuíram para a formulação de uma situação onde a violência poder ser transubstanciada em credencial política capaz de conduzir seus operadores e os esquemas que lhe dão suporte aos postos chaves do poder Executivo, Legislativo e Judiciário. (ALVES, 2003, p. 23).

Essa listagem de elementos levanta questões importantes quando se pensa sobre o processo de construção do conceito Baixada Fluminense. Destaco entre elas a intensa expansão e povoamento em um espaço relativamente curto de tempo e a ausência de um poder público com políticas efetivas no seu cotidiano. Seria, nessa lógica analítica, justamente a ausência da presença estatal a responsável por criar um vazio que foi sendo ocupado por figuras representativas do local que passam a agir de forma violenta com o objetivo de produzir uma ordem nessas localidades, se valendo, inclusive, do recurso de grupos de extermínio.

Monteiro (2007) personifica o exemplo acima com figura de Jorge Júlio Costa dos Santos (Joca), vereador de Nova Iguaçu, líder da campanha de emancipação do então distrito de Belford Roxo e primeiro prefeito deste município fundado em 1992:

Na imprensa local, adversários políticos tentaram fazer da fama de matador adquirida por Joca algo determinante para a diminuição de seu prestígio. Essas tentativas mostraram-se frustradas, pois a população de Belford Roxo visualizava Joca como um salvador e era parte integrante da imagem popular deste líder comunitário, o seu ódio ao banditismo e a sua ausência de tolerância para com a prática de crimes que ofendiam diretamente a família, a moral, ou as poucas propriedades dos moradores dos diversos bairros populares do distrito de Belford Roxo. (MONTEIRO, 2007, p.49).

Ao nos depararmos com a definição de Joca enquanto comunitário que ascende politicamente e ganha lugar privilegiado nos imaginários populares é importante destacar o papel que tais lideranças possuem nesses locais, pois sua existência compreende certo imaginário da história da violência na Baixada.

Por fim, há o “dogma da singularidade”. Este faz com que pesquisas partam do pressuposto da homogeneidade, no qual as diferenças e a diversidade dentro desse campo são postas em segundo plano, ocultando “a pluralidade das formas, das relações e das situações sociais” (VALLADARES, 2005, p.152). Nesta percepção,

‘a’ favela é obrigatoriamente um morro, uma zona ocupada ilegalmente, fora da lei, um espaço subequipado, lugar de concentração dos pobres. Numa mesma denominação genérica, a palavra favela unifica situações como características muito diferentes nos planos geográfico, demográfico, urbanístico e social. (VALLADARES, 2005, p.152).

Os referidos dogmas são perpetuados, como defende a autora, por diversos setores: os responsáveis pelas políticas públicas; as associações e as ONGs com o mapa da pobreza e os pesquisadores. No que se refere a esse último grupo, Valladares (2005) aponta para o fato de muitos de seus integrantes possuírem uma lógica “militante”, havendo uma tendência à codificação ou ocultação de problemas sociais dessas comunidades, atitude que colaboraria com a perpetuação dos dogmas por ela identificados.

As mudanças e questionamentos dos dogmas estabelecidos em relação à favela e, em minha percepção, à Baixada Fluminense passam, necessariamente, pela necessidade de repensar os trabalhos produzidos tanto em meu campo quanto sobre os objetos em si – movimento que já existe, como a discussão sobre Baixadas e tantas outras pesquisas dispostas a refletir sobre esse espaço com um olhar menos engessado. Como Valladares (2005) defende em relação à favela, a presença de novos sujeitos que produzem pesquisas nesses espaços termina por transformar suas abordagens, bem como as pessoas e o próprio local. Tal processo de renovação pode ser relacionado, entre outros fatores, ao aumento do acesso ao ensino superior, na medida em que esse criou uma geração de acadêmicos com marcadores sociais distintos dos até então tidos. A entrada de sujeitos oriundos das favelas e da Baixada na Universidade reverbera nos trabalhos e nas discussões ali construídas.

Algumas das reflexões feitas por esses novos pesquisadores estão conectadas a um questionamento sobre a noção de “centro – periferia”. Ao pensar sobre tais termos Bernardes (1983) propõe compreender a periferia como um espaço de exclusão social em que as camadas populares são obrigadas a conviver com uma grande “densidade demográfica, a distância, o acesso, a ausência de equipamentos e serviços sociais básicos, a falta de quase tudo, o dia a dia beirando os limiões da sobrevivência, a omissão do poder público” (BERNARDES, 1983, p.21). Diante dessas constatações, a autora defende que

todos esses fatos demonstram como o trabalhador é um estranho, um ausente, privado das relações com a família porque o trabalho cotidiano deporta-o, desenraiza-o do bairro, esvaziando por vezes sua capacidade de organização e de reação diante dos inúmeros e grades problemas que o cercam. Assim se constata um outro aspecto desse espaço, o espaço alienação, onde se ergue uma massa proletária fragmentada pelas condições impostas pelo capital, um espaço onde se mora e é estranho, pois é apenas atravessado pela massa trabalhadora, constituindo o problema transporte em agravante a mais no processo de sua exploração. (BERNARDES, 1983, p.121)

A narrativa acima apresentada deve ser entendida como um exemplo clássico da materialização dos dogmas referidos anteriormente, pois apresenta uma Baixada atrelada à

precariedade e à falta de pertencimento do trabalhador – levando por vezes a uma visão de “cidade dormitório”, que tira a agência dos indivíduos e limita sua relação com a cidade. Tal leitura, contudo, é desconstruída na parte final do trabalho de Bernardes (1983), quando aponta sinais de transformação dessa perspectiva afirmando que

se a leitura inicial desse espaço o concebíamos como um espaço de condensação de miséria, ao atravessarmos constante como os heróis anônimos que o construíram revelou-se ser este também um espaço de condensação de energia e de potencialidades, que se constitui em terreno fértil para atuação de várias formas, entre as quais se destacam a igreja, os partidos políticos, o MAB, que de alguma maneira expressaram essas potencialidades, ainda que haja uma diluição das mesmas na medida em que são capitalizadas e canalizadas para várias direções e fins. (BERNARDES, 1983, p. 218)

Ainda que em meio a uma narrativa em tom romanesco, em que o trabalhador se torna o guerreiro capaz de superar todas as mazelas e sobreviver bravamente diante das precariedades desse espaço, é possível identificar indícios de uma transformação do pensamento e de outras chaves de interpretação acionadas pela pesquisadora, que desloca a população de um espaço no qual as únicas respostas possíveis eram, até então, a violência ou a aceitação para o uma lógica de militância capaz de transformar a realidade circundante.

As mudanças de narrativas e perspectivas sobre as cidades da Baixada consolidam-se igualmente nas representações políticas⁷. A eleição de Lindberg Farias⁸ (PT) como prefeito de Nova Iguaçu pode ser apontada como um ponto fora da curva no fazer político da cidade, pois o ex-prefeito além de não ser nascido na Baixada não havia construído sua vida política ali e era uma figura de projeção nacional. De acordo com Barreto (2006),

a cidade e Lindberg figuravam frequentemente em matérias de jornais durante o primeiro mês de 2005. Nesse período as notícias tratavam da transição política e dos problemas enfrentados pelos novos administradores dos municípios da Baixada, com ênfase para Nova Iguaçu e Duque de Caxias. Passada essa etapa, houve uma diminuição do número de matérias, mas o prefeito petista jamais saiu de cena. Ainda naquele primeiro semestre, em 31 de março, outro episódio levaria Nova Iguaçu e a Baixada para a mídia nacional: a chacina de 29 pessoas em um só dia nos municípios de Nova Iguaçu e Queimados. No início da noite daquela quinta-feira, em um intervalo de duas horas, essas pessoas foram assassinadas em frente às suas casas; algumas em bares e outras voltando do trabalho. Entre elas, também havia crianças. (BARRETO, 2006, p. 332).

A imagem então construída, assim como toda e qualquer representação no mundo social, é marcada por disputas, explícitas ou não, feitas por diversos agentes – a mídia, o poder governamental e, inclusive, e seus moradores e moradoras. Rocha (2014) aponta ainda como essa mudança de narrativa sobre tal localidade não é esvaziada de propósito ao lembrar que

a imagem da Baixada que emerge na contemporaneidade, se atrela à nova dinâmica econômica local, regional e nacional. É, portanto, expressão de que

⁷ Além da eleição de Lindberg Farias, ressalto ainda que a Câmara de Vereadores da cidade de Nova Iguaçu no mesmo período de seu primeiro mandato (2009 – 2012) foi composta por 28 vereadores, dentre esses 16 eram naturais da cidade e 12 sendo de outros municípios, apresentando uma mudança no movimento de representação até aqui discutido. O levantamento foi feito a partir da listagem disponível no site < [http://www.cmni.rj.gov.br/site/historia-rol-vereadores/=>](http://www.cmni.rj.gov.br/site/historia-rol-vereadores/). Acessado em 25 de março de 2018.

⁸ Lindberg Farias foi prefeito de Nova Iguaçu por dois mandatos, sendo o primeiro iniciado em 2005 e o segundo em 2009, tendo abandonado o mesmo para seguir na disputa representando o PT no Senado, deixando a vice-prefeita, Sheila Gama, no poder.

a Baixada Fluminense está na encruzilhada de interesses diversos e concorrentes em que diferentes agentes procuram impor suas representações e legitimar suas ações, traduzidas em ganhos de capital político, social e financeiro. (ROCHA, 2014, p.180).

Sendo assim, essas novas narrativas não podem ser lidas a partir de uma ingenuidade em relação a quem as constrói, obrigando a uma constante problematização dos propósitos que possuem.

1.6. O encanto Fluminense⁹

Diante do apanhado acima apresentado das múltiplas narrativas sobre a Baixada Fluminense, proponho aqui um outro esforço: apresentar em poucas palavras a história de Nova Iguaçu.

Marcos Paulo Mendes Araújo (2011), em *O atual cenário da preservação da memória da cidade de Nova Iguaçu*, aponta que como em grande parte das cidades da Baixada a cidade tem sua fundação conectada à agricultura, às fazendas e à mão de obra escravizada:

Historicamente, as terras que atualmente compõem o município, registram a importância deste território como ‘celeiro’ no abastecimento da cidade do Rio de Janeiro. A cidade foi assentada ao lado do Rio Iguaçu que contribui com suas águas para formação da Baía da Guanabara. A ocupação da bacia do rio Iguaçu tem início a partir de 1567 quando as primeiras sesmarias foram distribuídas. Ao longo dos séculos: XVI e XVII os colonos europeus desbravaram as terras e entraram em contato com os índios Jacutingas (tupis) que habitavam a região. (ARAUJO, 2011, p. 94)

Em 15 de Janeiro de 1833 foi criada por decreto a Vila Iguassú. A elevação do povoado a categoria de vila sugere que o local possuía grande importância para colônia, tanto por suas terras férteis quanto a localização estratégica no abastecimento da corte com gêneros alimentícios.

Segundo Alberto Ribeiro Lamego, no livro *O homem e a Guanabara* (1964), a produção agrícola ali colhida não resultou na criação de aglomerados urbanos significativos, pois

as curtas distâncias da cidade, o transporte fluvial e marítimo e a própria situação financeira dos colonos empenhados aos comerciantes do Rio de Janeiro que lhes adiantavam o capital em troca da produção agrícola, quase impossibilitavam a presença de intermediários naqueles portos. E assim, embora uma larga tarja de lavoura contornasse a Guanabara, os produtos alimentícios de consumo imediato, tais como a farinha, o feijão, o milho e o arroz, além das caixas de açúcar, rumavam diretamente das fazendas para o mercado carioca. (LAMEGO, 1964, p.199)

A produção de cana de açúcar no território da Baixada como um todo, como aponta Adrianno Oliveira Rodrigues na sua *dissertação De Maxambomba a Nova Iguaçu, (1833 – 90’s): economia e território em processo*, vigora de 1611 a 1802. Quando entra em declínio devido à falta de tecnologia e às estruturas frágeis dos engenhos, houve um esforço no sentido de implantar o cultivo de café, início do século XIX, mas a maioria das terras da região, já exauridas pelo cultivo intensivo da cana de açúcar, não se mostrou propícia a esse tipo de cultura. Tal situação, contudo, não impediu a região de lucrar com essa nova fase econômica,

⁹ Trecho retirado da letra do hino da cidade de Nova Iguaçu. Disponível em < <https://www.lettras.mus.br/hinos-de-cidades/253616/> >. Acessado em 29 de março de 2018.

pois nesse momento, por ser uma passagem da riqueza oriunda de Minas Gerais e da região cafeeira do estado, passa a ocorrer uma maior aglomeração em torno dos pontos de intercessão entre as vias fluviais e terrestres de transporte de mercadorias, fazendo com que muitos dos entrepostos comerciais fossem elevados à condição de vilas.

O cenário de surgimento e crescimento de vilas sofre um impacto significativo com o esforço do governo imperial em apoiar a construção de ferrovias que substituíssem de forma mais eficiente o transporte de mercadorias, principalmente na região que hoje é Nova Iguaçu, como destaca Rodrigues (2006):

Com o advento da primeira Revolução Industrial e a posterior introdução da máquina a vapor, essa infraestrutura de transportes foi radicalmente modificada. Segundo Soares (1960), já em 1840 foi proposta a construção de uma estrada ligando o porto de Sarapuí à Vila de Iguassú. Em 1854, o Barão de Mauá inaugura a Estrada de Ferro Mauá, unindo o fundo da baía de Guanabara (Porto de Piedade) à Raiz da Serra. Quatro anos depois, em 1858, a Estrada de Ferro Pedro II completa seu primeiro trecho, fazendo a ligação entre as estações de Maxambomba e Queimados, ambas pertencentes a Iguassú. Em 1864 essa ferrovia já alcançava o Vale do Paraíba. (RODRIGUES, 2006, p. 34).

A presença da ferrovia como rota de transporte de riqueza e de pessoas que saíam do Vale do Paraíba, rica região de produção de café, provocou o declínio dos portos fluviais da região, levando a transferência da sede da Vila de Iguassú para a beira da estação da Estrada de Ferro Pedro II conhecida como Maxambomba¹⁰.

No final do século XIX iniciou-se um novo ciclo econômico na região de Iguassú com o cultivo de cítricos, principalmente laranja, pois devido a sua topografia e clima é uma região ideal para tal atividade. Em 1916, “por iniciativa do político Manuel Reis, o nome do município, Maxambomba, é mudado para Nova Iguaçu, onde, três anos mais tarde, é construída a sede da prefeitura municipal.” (RODRIGUES, 2006, p.39). Além dessa mudança do nome, o cultivo de laranja é visto como um elemento revolucionário da economia de Nova Iguaçu já que

exigiu uma infraestrutura própria que ia desde a fabricação de caixas, o transporte até o tratamento e acondicionamento, fazendo com se gerassem empregos especializados na região. Nova Iguaçu tornara-se então o novo ‘eldorado’ e atraía gente de todo país. (RODRIGUES, 2006, p. 40).

O grande volume de produção fez com que o governo criasse rodovias para o escoamento da produção e a facilitação do acesso a essas localidades, embora o mesmo não tenha vindo acompanhado de melhorias para a infraestrutura urbana em si, como saneamento básico e o fornecimento de água tratada.

No início da década de 1940, a produção de laranja começa sua decadência, seja devido a Segunda Guerra Mundial, já que os navios que faziam o transporte refrigerado não aportavam mais no Rio de Janeiro, ou ainda pela falta de armazéns refrigerados para o estoque das frutas. A esses fatores se somaram uma crise do combustível, que dificultou a circulação das mercadorias, e a chegada à região da praga conhecida como “mosca do mediterrâneo¹¹”,

¹⁰ Corrupção da expressão da língua inglesa *machine pump* (máquina de bomba). Denominação da locomotiva que puxava os vagões de carga e passageiros na via férrea.

¹¹ Também conhecida como mosca das frutas e com o nome científico de *Ceratitis capitata*. Disponível em <<http://www.biocontrole.com.br/produto/mosca-do-mediterraneo-ceratitis-capitata/>>. Acesso em 29 de março de 2018.

fazendo com que Nova Iguaçu deixasse de ser a maior produtora de laranja do Brasil, posto herdado pelas cidades do interior de São Paulo.

Com o fim da produção de laranja em grande escala tem início o movimento de fracionamento das terras nas quais ela se dava, resultado de um esforço para conseguir uma reorganização econômica do município, ou seja,

após a crise da laranja e o conseqüente retalhamento das fazendas em loteamentos, buscou criar condições para a atração das indústrias que se instalavam e, conseqüentemente, de trabalhadores nas quais eram empregados ou então que se ocupavam de prestação de serviços na capital da República. (RODRIGUES, 2006, p. 57).

Esse movimento cria as condições para a construção de uma narrativa que apresenta a cidade enquanto destinada a assumir o papel de cidade dormitório e funcionando como uma expansão da cidade do Rio de Janeiro, pois ali se passa a existir uma ocupação urbana voltada essencialmente a construção de moradias para trabalhadores. Paralelamente às implementações das fábricas, sendo a maior delas a Bayer do Brasil, inaugurada em 1958 no então distrito de Belford Roxo, a cidade vai se expandido sem que, contudo, haja um planejamento urbano para tal.

A taxa de crescimento da cidade foi a maior entre os municípios da Baixada Fluminense nos anos de 1960 e 70, alcançando o índice de 7,3%, justificado tanto pela proximidade com o centro administrativo do Rio de Janeiro quanto pela presença de 372 indústrias no município, em 1965.

Nos anos 1980 a cidade atravessa um momento de crise econômica, o qual resulta em um aumento do número de trabalhadores declarados como autônomos e da queda de contribuições. Nesse cenário há a acentuação do nível de pobreza no município, pois, como afirma Rodrigues (2006),

o município de Nova Iguaçu, juntamente com os outros da Baixada Fluminense formaram um cinturão de pobreza em torno do município do Rio de Janeiro. A desatenção das autoridades quanto a esses fatos refletiu claramente na vida societária da região, levando Nova Iguaçu a ter um de seus distritos, Belford Roxo, classificado como sendo um dos locais mais violentos do mundo. A cidade ficou estigmatizada como local de grupos de extermínio que tanto aterrorizaram a região. (RODRIGUES, 2006, p. 84).

Esse momento de crise dura até os anos de 1990 quando se inicia um movimento de construção e comercialização de moradias em conjuntos habitacionais, loteamentos e apartamentos. Tal processo, como aponta Rodrigues (2006) ao discutir Furlanetto et alii (1987), pode ser caracterizado como “uma heterogenização da periferia”, e possibilita uma ruptura com a narrativa que caracteriza Nova Iguaçu unicamente como cidade dormitório, pois tais empreendimentos estão destinados a atender a uma parcela da população que conta com uma renda acima da média identificada no município. Essa mudança é capitaneada por incorporadores que passaram a atuar nas áreas mais centrais das cidades, ou seja, justamente naquelas dotadas de infraestrutura.” (RODRIGUES, 2006, p. 83).

Se nas décadas de 1990 a 2001 Nova Iguaçu perde quatro distritos devido a processos de emancipação, dentre eles Queimado e Belford Roxo, os quais possuíam diversas indústrias no seu território, esse processo não é suficiente para impedir o crescimento imobiliário da cidade. Esse fenômeno de urbanização do município ganha fôlego nos anos 2000 principalmente na URG Centro e leva o Estratégico da Cidade de Nova Iguaçu a se constituir em um instrumento importante na busca reerguer e consolidar a retomada do crescimento econômico iguaçuano.

Abro aqui um parêntese aqui para traçar a trajetória das emancipações dos distritos e bairros da cidade de Nova Iguaçu. A primeira divisão foi em 1943, dando origem às cidades de Duque de Caxias, a qual quatro anos depois se subdividiu e deu origem a São João de Meriti; Nilópolis, emancipada em 1947; Belford Roxo e Queimados, em 1990; Japeri, em 1991 e Mesquita, em 1999.

Para melhor compreender tal mudança a figura a baixo representa em sua parte colorida a área que correspondia ao território inicial de Nova Iguaçu, assim como as divisões agora existentes com as emancipações citadas.

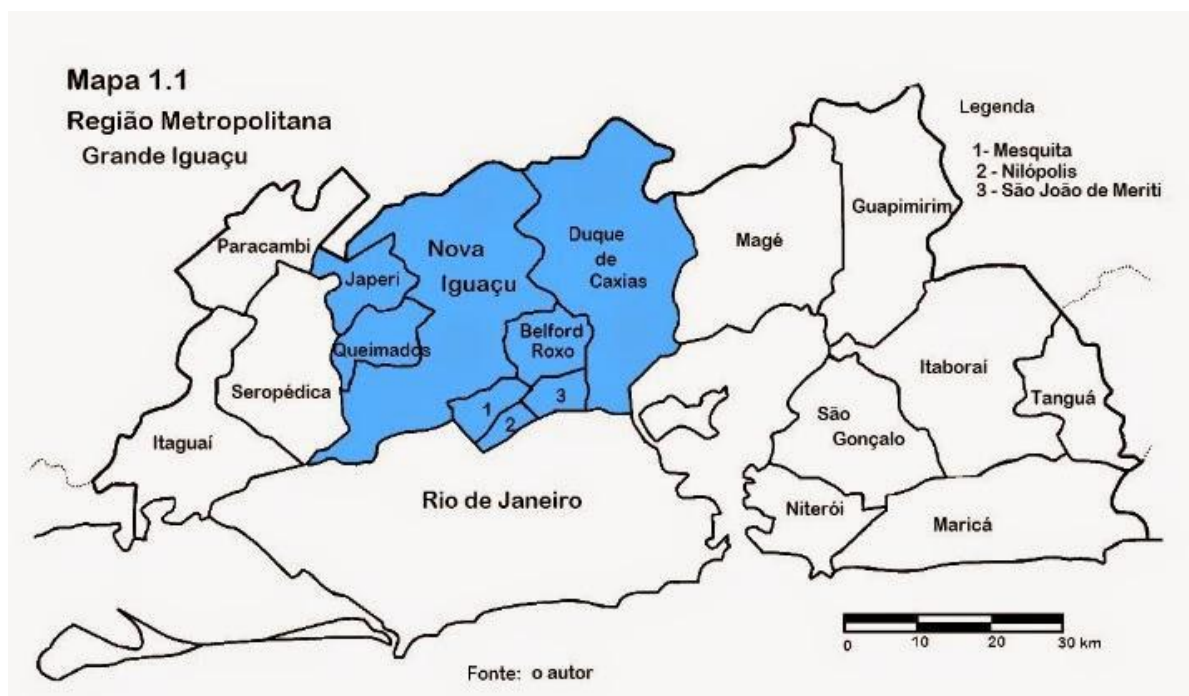


Figura 2 - Mapa de Nova Iguaçu e suas emancipações. Disponível em <<http://geografiaurbanufrj.blogspot.com/2014/12/desenvolvimento-urbano-no-municipio-de.html>>. Acesso em 25 de março de 2018.

Atualmente a cidade conta com uma população de 798.647 de habitantes, segundo a estimativa do IBGE para o ano de 2017, em uma área de 517,996 km².¹²

O processo histórico da ocupação do território que hoje integra Nova Iguaçu pode ser caracterizado como se dando sem a presença de um planejamento urbano que levasse em conta a população que ali viveu e vive. As diversas mudanças estruturais vivenciadas e sofridas foram concretizadas a partir das demandas econômicas e governamentais e foram implementadas, em sua maioria, sem que atentar ao prisma da qualidade de vida das pessoas do local, esse traço, é importante destacar, reverbera até hoje.

O objetivo de destacar o processo histórico da ocupação populacional de Nova Iguaçu é identificar indícios que corroborem a tese de que o crescimento populacional da cidade não foi acompanhado de medidas de planejamento urbano para receber seus novos moradores, como explica Rodrigues (2006),

o acelerado processo de urbanização e industrialização experimentado pelo município de Nova Iguaçu bem como os outros municípios da Baixada

¹² Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/panorama>>. Acessado em 29 de março de 2018.

Fluminense não foi acompanhado pela efetiva ação governamental no que se refere a uma programação de investimentos em equipamentos e serviços urbanos. Da mesma maneira, esse processo fez com que houvesse a diminuição das oportunidades de lazer e recreação nestas localidades. A Baixada Fluminense, particularmente os municípios de Nova Iguaçu e Duque de Caxias, teve seu território seguidamente parcelado e ocupado sem qualquer controle social legal ou urbanístico; há também a falta de esgotamento sanitário e de áreas de lazer para a população, a questão da poluição industrial e do extrativismo predatório, dentre outros problemas enfrentados pela região. (RODRIGUES, 2006, p. 77).

Por tudo isso, é possível concluir que esse trabalho se debruça sobre um campo no qual a população local transita por espaços concretos e narrativos que foram construídos a sua revelia, seja pela inexistência de políticas públicas que garantissem o acesso aos recursos básicos, como água potável encanada e saneamento básico, assim como a espaços de promoção de lazer, ou ainda a visão desse local enquanto uma comunidade a qual se oferece menos pelo simples fato daqueles que ali habitam merecerem menos, pois seriam cidadãos de segunda categoria.

1.7. Ser Baixada e a sua cultura

Partindo do exposto acima fica claro que esse trabalho se dedica a refletir sobre um espaço que não é pensado para a população como um todo¹³. Tal fato seria um dos principais responsáveis por uma condição de carência que se estende desde as necessidades básicas a oferta de espaços culturais.

Compreender as disputas realizadas em relação à Baixada Fluminense como categoria social é fundamental para a construção desse trabalho, pois, como apresenta Rocha (2014), a Baixada Fluminense, como categoria social, deve ser entendida como parte da realidade urbana do Rio de Janeiro. É neste contexto de sua incorporação ao urbano que a representação, que chamamos hegemônica, se consolidou e cristalizou-se no imaginário popular. Entender como a representação hegemônica construída sobre a Baixada está ligada à sua condição de realidade urbana, preconiza uma etapa importante para entender o jogo político e econômico que circunda a produção de sentidos para a Baixada na contemporaneidade. (DA ROCHA, 2014, p.44)

Partimos, assim, para uma análise voltada a seus moradores e suas relações com o local (e entre si) a partir de trabalhos já consolidados e aqui utilizados como referências.

O artigo de Jussara Freire, intitulado *O apego com a cidade e o orgulho de 'ser baixada': emoções, engajamento político e ação coletiva em Nova Iguaçu*, aponta para a existência de uma diversidade na noção de humanidade em relação aos moradores de Nova Iguaçu, e como “ser da Baixada Fluminense” é descrito como uma “inscrição corporal.”

¹³ Ressalto como um todo, pois a população da cidade não vive de forma homogênea seja quanto a escolarização, renda ou classe social. Corroborado pelo fato de que segundo o IBGE o salário médio mensal dos trabalhadores formais em 2015 era de 2,2 salários mínimos, porém 38,7% da população possui rendimento mensal per capita de até ½ salário mínimo. Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/panorama>>. Acessado em 29 de março de 2018.

(FREIRE, 2012, p.921). Nesse trabalho a autora demonstra a relação de um de seus informantes, Sebastião, com uma colega de universidade, Michele. Ambos cursavam Sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no campus IFCS, localizado no bairro Centro da cidade do Rio de Janeiro, Michele morava em Copacabana, Sebastião em Nova Iguaçu. O relato de Sebastião, que não citarei aqui em seus pormenores, termina em sua desistência de cursar a universidade:

“O que me incomodava, no IFCS, éramos... Da Baixada...Tinha... tinha eu, que era de Nova Iguaçu, um rapaz de Nilópolis, e um rapaz... não lembro... era de Cascadura... o resto era todo da Zona Sul... E isso ainda deve ser o perfil de lá... De Zona Sul! Não tinha o meu jeito lá... A gente tem um jeito de falar, não sou carioca, eu não vou para lá... Aquela música da Adriana Calcanhoto... Eu não tenho nada a ver com aquela música... Não me encontro naquela música... Eu sou da Baixada Fluminense, é outro papo, é outra história!” (FREIRE, 2012, p.924).

A concepção da Baixada Fluminense como outra “humanidade” estabelece uma separação que define quem produz e quem é produzido, compreendendo “a existência de humanidades diferenciadas, que não podem, para certos habitantes da Baixada Fluminense, ser pensadas em um horizonte de um viver junto” (FREIRE, 2012, p.926). Essa dissonância entre diferentes tipos de humanidade transcreve-se nas vidas práticas e na esfera política. Se a humanidade do indivíduo é vista de maneira distinta, igualmente precisam-se de estratégias distintas para o viver social e, principalmente, o político.

Em outro de seus trabalhos, *Problemas públicos e mobilizações coletivas em Nova Iguaçu*, de 2016, a autora retorna à cidade e produz novas reflexões sobre o movimento militante de Nova Iguaçu, a partir da análise de como a Federação de Associações de Moradores de Nova Iguaçu (MAB) está organizada. Uma chave de leitura dessa obra pode ser conseguida em Freire (2016) quando este ressalta como a ideia da Baixada Fluminense desperta emoções fortes, como medo, susto, pena e compaixão, seja em artigos jornalistas ou em falas, além de suporem certa homogeneidade. A partir dessa perspectiva de análise, é possível perceber como a pesquisadora, através das respostas dadas por seu círculo de convívio, aponta como ser da Baixada e, particularmente, de Nova Iguaçu traz consigo formas específicas de corporalidade. Suas reflexões permitem levantar questões referentes a carga corporal específica atribuída a pertencer a esses territórios, os sentimentos que tal condição provoca e em qual medida criam um contexto particular de viver, exercer arte e a participação política.

Voltando nossos olhares para a questão cerne dessa pesquisa, Freire (2016) fornece pistas importantes para entender-se as manifestações artísticas em uma cidade situada em região que nessa dimensão sofre um processo de invisibilização, pois, segundo ela, “a Baixada Fluminense não está visível nos seus dramas, nem nos seus artistas, nem nas suas manifestações artístico-culturais” (FREIRE, 2016, p.190). Ao discutir a área “da cultura da Baixada”¹⁴, a autora traz repertórios gramaticais e ações distintas de outras arenas e demonstra que o problema está centrado principalmente

em torno da inexistência de espaços e pontos culturais na cidade de Nova Iguaçu. Quando o conheci, Carlos Bapt, poeta, comentou, numa das primeiras conversas: ‘Nova Iguaçu não tem um teatro, só uma livraria! Tem aquela do *shopping*, mas ela é bem pequena! Não tem um cinema onde passe filmes decentes’ (referindo-se às produções cinematográficas independentes que são projetadas, no Rio de Janeiro, na rede Estação). A crítica de Carlos Bapt encontra-se também em muitas outras colocações de pessoas que

¹⁴ Intitulado ‘Problematizar a cultura: a arena “da cultura da Baixada”.’ páginas 332 a 342.

problematizam a cultura, critica que, como muitos assuntos descritos, se sustenta na ausência de tudo (FREIRE, 2016, pp. 332-333)

Em sua pesquisa Freire (2016) apresenta uma série de eventos artísticos que acontecem na cidade tendo em comum o fato de que não serem produzidos a partir de políticas públicas ou ações governamentais, mas sim de iniciativas individuais, muitos deles em casas particulares e com convites feitos à vizinhança e aos amigos. O crescimento do número de saraus na cidade traz consigo uma perspectiva não mais de “cultura na Baixada” – como recebimento de algo externo a ela –, mas sim de “cultura da Baixada”, num processo de fortalecimento da chamada cena cultural da cidade, com artistas, músicos e poetas de Nova Iguaçu e das redondezas.

A constatação da existência de um núcleo de resistência artística/cultural em Nova Iguaçu, o qual atua com o objetivo de preencher um vácuo deixado pela ausência de políticas públicas para esse setor, levou a construção da questão central dessa pesquisa. Ela está relacionada não aos que produzem cultura, mas no impacto desses espaços voltados a apresentar a arte feita na Baixada, pela Baixada e para a Baixada sobre os moradores do local.

Com base nas reflexões anteriores, podemos identificar a Baixada e Nova Iguaçu, mais especificamente, com base em dois marcadores. O primeiro deles é a percepção de que ambos são objetos de uma constante disputa de narrativas nos mais diversos campos de saber, seja o geográfico, histórico ou midiático.

O segundo refere-se à concepção de que o crescimento demográfico e econômico de Nova Iguaçu não foi acompanhado pela criação de estruturas básicas de saneamento, transporte eficiente, rede de saúde e educação capazes de atender as demandas locais. Nesse cenário adverso a arena artística também é esquecida e só se mantém viva por meio de iniciativas em sua maioria restritas ao âmbito particular, ou seja, a ações individuais que visam a criação de espaços de convívio cultural.

As reflexões acima referidas me levaram a realizar o recorte de abordagem desse trabalho, o qual cria as condições necessárias para responder à questão dessa pesquisa: como a frequência a espaços de cultura e lazer da cidade de Nova Iguaçu impacta a percepção de seus moradores sobre o lugar em que vivem.

Tendo tais pontos esclarecidos, creio ser importante explicar a opção de apresentar, juntamente com essa dissertação, um produto audiovisual que registra uma parte do processo de construção do trabalho, no qual os sujeitos de Nova Iguaçu, literalmente, têm voz e rosto.

1.8. Uma cidade audiovisual

A Baixada e a cidade de Nova Iguaçu possuem uma tradição audiovisual que normalmente passa despercebida pela grande mídia e por uma parcela significativa de sua população. A existência de diversos cineclubes (Cineclube Buraco do Getúlio, Cineclube Mate com Angu de Duque de Caxias, Donana em Belford Roxo, entre outros), assim como a própria TV Maxambomba, torna mais rica a reflexão de questões ligadas à região. Um traço comum de tais iniciativas, com exceção da TV Maxambomba, está no fato de serem resultado da ação de coletivos que tinham como objetivo promover espaços de arte e lazer nos locais que ocupavam, cada um com suas particularidades tão ricas que por si só gerariam várias pesquisas.

É inegável que entre todas as iniciativas mencionadas acima a que ganhou maior visibilidade e repercussão, como apontado na qualificação dessa pesquisa, foi a TV Maxambomba. Essa experiência audiovisual é um marco na construção de uma tradição audiovisual para Nova Iguaçu, a ponto de, mesmo depois do fim desse canal, continuar presente, consciente ou inconscientemente, na cidade.

A TV Maxambomba, segundo Filé (2000), em *O tamanho do mundo*, é uma experiência que ressalta a percepção de que quem pode melhor falar de um lugar é seu morador, como explica o autor,

em 1986 surge em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, a *TV Maxambomba*, criada pelo CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular, e que existe até hoje. A *TV Maxambomba*, também uma TV de rua, inspirada nos moldes da TV Viva e em experiências do Chile, desenvolveu uma trajetória bastante original, saindo da exibição de programas pré-produzidos pela equipe, para investir em que os próprios moradores, dos bairros onde a TV era exibida, realizassem os programas. A *TV Maxambomba* radicalizaria não na “qualidade” dos seus produtos, mas na experimentação de ‘processos’ de comunicação popular em bairros, escolas e grupos organizados. Em 1996, a *TV Maxambomba* é convidada a participar da criação da TV Pinel. (FILÉ, 2000, p. 115-116)

Filé destaca como aquela proposta de TV tinha a finalidade de criar uma audiência pública e coletiva, como um “novo espaço público simbólico” (FILÉ, 2000, p.116), em uma tentativa de recuperar os espaços reais, ruas e praças, permitindo dessa forma a construção de novas intersubjetividades. Tal objetivo foi materializado através da produção e projeção em espaços públicos de programas que dialogavam diretamente com o cotidiano daqueles que eram ao mesmo tempo pauta, apresentadores e espectadores dessas produções.

O projeto da TV Maxambomba não nasceu em Nova Iguaçu, mas foi fruto do Centro de Criação de Imagem Popular – CECIP –, uma ONG fundada em 1986 com sede no Largo de São Francisco, Centro da cidade Rio de Janeiro. Esse coletivo era integrado por diversos profissionais das áreas da comunicação, educação e meio ambiente que tinham como objetivo a produção de materiais audiovisuais e impressos para construção de uma sociedade democrática. Para entender o que foi essa experiência recorro a Carvalho (1999), que, em *TV Maxambomba: procurando as perguntas e as respostas para chegar às pessoas*, sintetiza da seguinte forma:

A TV Maxambomba funciona na Baixada Fluminense e começou em 1986, com uma equipe que não era da Baixada, exceto uma pessoa. Essa equipe fazia programas sobre a região e exibia sua produção numa TV que levava para espaços fechados, principalmente igrejas e associações de moradores. O Objetivo principal era contribuir para fortalecer o movimento popular da região, bastante atuante na época [...] hoje conseguimos perceber que os programas só interessavam de verdade à meia dúzia de militantes das associações de moradores. (CARVALHO, 1999, p.9).

A partir de meu interesse sobre a existência de diversas narrativas sobre Nova Iguaçu, identifiquei a TV Maxambomba como o esforço de uma militância intelectual que passa a atuar na cidade junto a movimentos populares locais, com o objetivo de fortalecê-los. A concretização desse projeto se dá através da produção de programas que abordam os movimentos feitos pela militância local, como passeatas e outros tipos de organizações, com o objetivo de garantir direitos e criar melhores condições de vida para a população. Para atingir uma maior audiência, as projeções deixaram de ser realizadas unicamente em espaços fechados passando a serem realizadas “em um telão montado todas as noites sobre uma Kombi, a cada dia em um bairro diferente da Baixada, atraindo uma multidão de pessoas” (NASCIMENTO, 2009, p.43).

O projeto TV Maxambomba se inicia no estúdio em 1989, ganha as ruas em 1990 e é encerrado em 1998, quando, segundo Nascimento (2009), o CECIP começa a receber incentivos

financeiros de ONGs e a produzir propagandas distribuídas em canais comerciais, o que diminui o interesse e apoio à TV Maxambomba.

Mensurar se a proposta transformadora dos idealizadores e realizadores da TV Maxambomba foi ou não concretizada a partir do formato adotado por eles foge ao escopo desse trabalho, pois demandaria um tempo e esforço já realizado de forma extremamente competente por outros pesquisadores¹⁵. Tal experiência aqui resgatada tem outro objetivo reconhecer a relevância desse movimento para a história audiovisual do país e, em especial, da Baixada, assim como oferecer elementos para a compreensão sobre a cidade, a formação cidadã de seus moradores e sua capacidade de lançar um olhar problematizador da realidade através das lentes de uma câmera.

No que se refere especificamente a esta pesquisa, é importante destacar que pensar a experiência propiciada pela TV Maxambomba aos moradores de Nova Iguaçu, entre os quais me incluo, influenciou não só minha concepção do papel do audiovisual, mas igualmente, a pesquisa que fiz, a forma como a apresento e a maneira como vejo a cidade, ou seja, impactou significativamente em minha maneira de construir uma narrativa sobre a minha cidade.

A tradição inaugurada pela TV Maxambomba, além de impactar uma parcela da população no que se refere a forma de ver a cidade e pensar seu papel nela, rendeu frutos concretos, como a implementação da Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu¹⁶, fundada pela prefeitura da cidade, no governo de Lindberg Farias (PT), no bairro de Miguel Couto. Como descrito em seu site,

a Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu é a primeira escola de audiovisual da Baixada Fluminense e funciona desde julho de 2006. Sua metodologia articula três conceitos – o corpo, a palavra e o território como elementos de expressão da imagem e do som através de ações artísticas dentro e fora da sala de aula. Seu conteúdo pedagógico aponta para o domínio das técnicas e para o encorajamento estético, no sentido de estimular a criação e a produção audiovisual. Este cenário de ações e de representatividade para o pensamento da educação por meio do Audiovisual é proveniente de um histórico de vivências, de estratégias, de catação, e de experimentação no território.

A ELC conta com a parceria do Cineclube Buraco do Getúlio e do Cineclube Mate com Angu, que contribuem com mobilização, produção e metodologia da Escola. A gestão geral é da OSCIP Avenida Brasil Instituto de Criatividade Social e o patrocínio é da Petrobras e da secretaria de Estado de Cultura, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro. (SOBRE A ESCOLA. Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu).¹⁷

A sede da referida escola foi transferida posteriormente para o bairro de Austin e durante sua existência realizava eventos em parceria com o Cineclube Buraco do Getúlio e a Prefeitura de Nova Iguaçu. A última atualização em seu site foi feita em maio de 2016 e na página do Facebook em março de 2018, onde se encontra a informação de que está atualmente fechada. Aponto para essa iniciativa tanto pela referência social que possui, ao ser a primeira escola de audiovisual da Baixada Fluminense, como pelo fato de poder ser identificada como um

¹⁵ Ver NASCIMENTO, Clarissa Staffa. “Além da Imagem”: experiências e memórias populares atrás da TV Maxambomba. Dissertação (Dissertação em História) – UFF. Niterói, 2009.

¹⁶ Para mais informações seguem os links: < <http://escolalivredecinema.com.br>> e < <https://www.facebook.com/escolalivredecinema/>>. Acessado em 01 de março de 2019.

¹⁷ SOBRE A ESCOLA. Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu. Disponível em: < <http://escolalivredecinema.com.br/sobre/>>. Acesso em 01 março 2019.

elemento da perpetuação da tradição audiovisual da cidade e que, justamente por isso, termina por se estabelecer como uma via de construção de linguagens e imaginários.

O meu desejo de produzir um documentário como dimensão dessa dissertação ganhou substância quando entrei em contato com trabalhos como os de Valter Filé e Cecília Mello. Esta pesquisadora, no artigo *Permanência e desaparecimento: a cidade e o cinema de Tsai Ming-Liang*, me permitiu compreender o cinema “como uma forma de arte afinada com o urbano e capaz de proporcionar uma *flânerie* imaginária” (MELLO, 2013, p. 264). Tal entendimento levou-me a ter consciência de como essa arte está relacionada à realidade da cidade na qual é produzida e na maneira de olhar do diretor, pois as escolhas de gravação e de edição são, nada mais nada menos, reflexos de uma visão do lugar, colaborando para reforçar ou desconstruir narrativas sobre ele.

Se Mello (2013) discute como o espectador recebe as obras específicas do cinema de Tsai Ming-Liang nos espaços de exibição, o foco desse trabalho aparece na outra ponta: na produção do material que possui a “capacidade única de captação do real, parece nos permitir ver, mais do que qualquer outra arte, a natureza dessa instabilidade, refletindo sobre ao invés de simplesmente refletir a cidade” (MELLO, 2013, pp. 267-268). Sendo assim, a capacidade do cinema de apresentar e permitir pensar a cidade, bem como sua própria produção de material, abre espaço para a elaboração de um trabalho que torna possível um olhar mais amplo tanto para análise do pesquisador quanto para aqueles que o acessam.

Valter Filé (2014), no artigo *Imagens, formação de professores e relações étnico-raciais*, ao discutir o papel atribuído às imagens nas práticas pedagógicas atreladas às questões étnico-raciais, aborda questões referentes ao uso de fotografias, mas acredito que algumas de suas conclusões podem ser transpostas para a mídia audiovisual, pois trazem concepções que norteiam e viabilizam a escolha dessa forma de comunicação para um trabalho acadêmico.

O autor defende a fotografia não como um ato isolado, feito sem referenciais, mas sim como o resultado da relação do fotógrafo com o que está a ser narrado (FILÉ, 2014) dessa forma é um tipo de registro que carrega consigo o poder de impactar a esfera da produção de imaginários, subjetividades, conceitos e pré-conceitos, demarcando o que deve ou não ser exposto a partir daquele que o produz, reforçando determinadas “visões” e ocultando outras.

Ainda que a produção em forma de audiovisual não aconteça de uma maneira estática como na fotografia, acredito que os processos de construção de ambas estão fortemente atrelados por dois pontos. O primeiro é o próprio recorte do que seria filmado, o ângulo, a proximidade, o plano de fundo e mais tantas outras escolhas que, por vezes, não são claramente racionalizadas e expostas. Seria o equivalente a ir à casa de um entrevistado e esse escolher o cômodo no qual mais se sente confortável para ser gravado – tal escolha traz a imagem que ele deseja transmitir, a maneira como se percebe e/ou quer ser percebido.

O segundo é a edição. O ato de editar é dar uma forma ao material bruto através de um processo de recorte, transições de cenas, inclusão de trilha sonora com o objetivo de estabelecer uma narrativa determinada. Nesse sentido, parto do pressuposto de que viver em um lugar é construir relações e narrativas sobre ele, e me proponho a realizar um processo de desnaturalização dessas visões para a construção de uma pesquisa que se materialize não só em palavras, mas em imagens, sons, cores e movimentos.

CAPÍTULO II: Nossas escolhas, nosso espaço e nosso trabalho

2.1 Como veremos essa cidade

Como indicado na introdução, busco nessa pesquisa identificar e compreender narrativas construídas por moradores de Nova Iguaçu sobre a cidade a partir de quatro questões. A primeira visa entender como compreendem essa cidade, o que acham sobre esse espaço; a segunda se relaciona a espaços de lazer, questionando onde os buscam e qual sua avaliação das opções presentes no município; a terceira refere-se às reportagens veiculadas sobre o local e a última aciona a noção de imaginário, buscando identificar a imagem de cidade ideal nutrida por eles.

Para mensurar se há uma transformação quanto às narrativas sobre a cidade depois da frequência a espaços de lazer e cultura, é necessário compreender como ela era percebida anteriormente. Partindo desse pressuposto, no terceiro capítulo serão analisados os adjetivos e as descrições utilizados nas narrativas dos moradores entrevistados sobre o local em que vivem.

O questionamento sobre como são compreendidas as reportagens vinculadas sobre Nova Iguaçu foi resultado da percepção de que esse espaço é constantemente representado na mídia a partir de estigmas correlacionados a violência e periculosidade, como abordado no primeiro capítulo. Ao mobilizar o conceito de estigma neste trabalho recorro a Goffman (2004) que no livro *Estigma* ao tratar do tema afirma que

enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser – incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 2004, p. 6).

Entendo que Goffman (2004) utiliza tal conceito para tratar de indivíduos e de suas relações sociais, mas este trabalho propõe que as cidades, como as pessoas, podem ser estigmatizadas, podendo, portanto, serem compreendidas a partir desses mesmos termos. A partir de tal perspectiva, defendo a possibilidade da visão estigmatizante pode impregnar as construções de narrativas que irão determinar o que é uma cidade em um processo de redução da diversidade local, no caso de Nova Iguaçu, a reduzindo as noções de violência, falta de cultura, falta de mobilidade urbana, saneamento básico, educação e saúde pública.

Enne (2013) nos ajuda a entender a posição da mídia na construção de narrativas sobre os locais quando afirma que “entendemos que as concepções acerca do urbano não são estáticas e sofrem variações a partir da construção e disputa de múltiplos discursos. Neste processo, os discursos midiáticos ocupam lugar central.” (ENNE, 2013, p. 8). A constatação da existência de narrativas estigmatizantes, principalmente vindas das mídias, foi um dos fatores que me levou a recorrer ao audiovisual como recurso para difundir entre a população local os resultados dessa pesquisa. Acredito que essa é uma ferramenta que alcança um universo mais amplo do que o trabalho escrito, além de possibilitar uma identificação com as falas, lugares e ideias ali

presentes. Tal estratégia permite mobilizar as mesmas ferramentas utilizadas pela a mídia, imagens e sons, trazendo, contudo, vozes de Nova Iguaçu que falam não só sobre o estigma atribuído, mas que ressaltam aspectos silenciados nas falas recorrentes sobre o lugar.

Dentro da dimensão acima referida, o audiovisual é percebido neste trabalho como uma ferramenta de empoderamento da população, pois esta, ao mudar de lado na tela – passando de espectadora a personagem central – sofre um impacto positivo em sua autoimagem, ao perceber sua voz num espaço novo e como possibilidade concreta de obter a projeção das suas narrativas.

Partindo do pressuposto de que “o imaginário não é apenas a representação simbólica do que ocorre, mas também um lugar de elaboração de insatisfações, desejos e busca de comunicação com os outros” (CANCLINI, 2008, p. 21), é possível afirmar que pensar sobre ele em uma pesquisa que gira em torno da análise de narrativas é fundamental, pois nessa dimensão humana se projetam não apenas o vivido, mas as vontades, sentimentos e desejos em relação ao futuro.

Howard Becker (2007), em *Segredos e truques de pesquisa*, chama a atenção para o impacto da mudança da pergunta “Por quê?” para “Como?” em entrevistas, destacando que essa simples troca de palavras abre portas para respostas muito mais frutíferas, pois

quando entrevistava pessoas, se lhes perguntava por que haviam feito algo, provocava inevitavelmente uma resposta defensiva. [...] Quando, por outro lado, eu perguntava como alguma coisa havia acontecido – ‘Como você foi parar nessa linha de trabalho?’, ‘Como acabou lecionando naquela escola?’ – , minhas perguntas ‘funcionavam’ bem. As pessoas davam-me respostas longas, contavam-me histórias cheias de detalhes, forneciam-me explicações que incluíam não só suas razões para o que quer que tivessem feito, mas também as ações de outros que haviam contribuído para o resultado em que eu estava interessado (BECKER, 2007, p. 52).

Unindo essas duas análises, concluo que o acesso aos imaginários dos entrevistados permite encontrar respostas para questões referentes a como esses sujeitos veem a cidade e se veem nela. A percepção dos imaginários aparece nesse trabalho como uma realidade, tal qual defende Maffesoli (2001) em *O imaginário é uma realidade*, e não como uma ficção ou contraponto a uma realidade social, política ou econômica. Imaginários são aqui percebidos como

estado de espírito que caracteriza um povo, não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração. [...] O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. [...] O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra (MAFFESOLI, 2001, p.75).

Maffesoli (2001) demonstra como o imaginário existe em uma esfera coletiva, ultrapassando o indivíduo, e, nesta perspectiva, ao acioná-lo, as respostas obtidas fazem parte de uma gama coletiva que cria o cimento social. Tal percepção foi fundamental para tornar exequível o projeto de compreender e filmar os imaginários de moradores de Nova Iguaçu, pois me permitiu acessá-los partindo da certeza de que “de algum modo, o homem age por que sonha agir.” (MAFFESOLI, 2001, 77).

Aqui, estabeleço uma ressalva para esclarecer a alternância entre as grafias no singular e plural da palavra “imaginário”. Isso se dá devido ao fato de que os autores aqui referenciados

utilizam esse conceito no singular, porém, para essa pesquisa, o imaginário aparece como diverso e múltiplo. Essa percepção se baseia na crença de que as narrativas são construídas das mais diversas formas possíveis por se basearem em um imaginário plural e ressaltar essa pluralidade de uma forma gráfica facilita a compreensão das ideias aqui expostas. Tal dimensão plural não exclui, contudo, a certeza dessa pluralidade dialogar entre si, ou seja, de possuir pontos em comum, os quais serão identificados no capítulo três.

O desejo de pensar os imaginários e as narrativas construídas levou-me a optar pelas ferramentas fornecidas pela etnometodologia. Ao definir esta abordagem Garfinkel (2018), em *O que é etnometodologia?*, propõem que estudos sociológicos podem ter um caráter compreensivo e não unicamente explicativo. Nessa perspectiva atentar para eventos considerados como comuns – forma de sentar, arrumar o cabelo, postura corporal, manipulação de acessórios – durante uma entrevista se reveste de importância, pois deixam de ser considerados como maneirismos pessoais e passam a ser objeto de um olhar “reflexivo”, ou seja,

o sentido (ou o fato) reconhecível, ou o caráter metódico, ou a impessoalidade, ou a objetividade dos relatos não são independentes das ocasiões socialmente organizadas de seus usos. Suas características racionais consistem no que os membros fazem com os relatos, no que ‘entendem’ deles nas ocasiões reais socialmente organizadas de seus usos. Os relatos dos membros estão reflexiva e essencialmente vinculados, pelas suas características racionais, às ocasiões socialmente organizadas de seus usos, visto que são *características* das ocasiões socialmente organizadas de seus usos. Esse vínculo estabelece o tópico central de nossos estudos: a relatabilidade racional das ações práticas enquanto realização prática contínua (GARFINKEL, 2018, p.114).

A partir dessa análise de eventos situados na área do comum que as expressões e ações indexicais são o objeto dessa pesquisa, à medida que funcionam nas ocasiões reais como formas de fala e de conduta, demonstrando aspectos de uma cultura e as narrativas sobre ela construídas por seus membros.

Adalberto H. Guesser (2003), em *A etnometodologia e a análise da conversação e da fala*, ao dialogar com Garfinkel (1984), demonstra a possibilidade de que em um ato de comunicação todos os elementos ali presentes estão em jogo, já que são construídos a partir de uma interpretação onde símbolos e códigos não proporcionam a inteligibilidade, mas igualmente são reinventados e adaptados. Assim,

cada indivíduo contribui decisivamente e singularmente na ‘construção’ de seus processos de interação com os demais agentes sociais, e seu esforço interacional deve ser levado em conta no momento das análises sociológicas, pois são eles os únicos capazes de revelar o ‘sentido das ações’ empreendidas pelos agentes (GUESSER, 2003, p.153).

A prática da etnometodologia aqui desenvolvida visa, portanto, compreender a circunstância nas quais a conversação é produzida – seja na aproximação espontânea para a conversa ou na abordagem – assim como o raciocínio sociológico desenvolvido pelos autores nesse mesmo meio. Ao compreendermos que estamos em um jogo de comunicação que leva seus participantes a tenderem a falas baseadas nas expectativas que criam em relação ao outro é inevitável não questionar as nossas próprias pesquisas acadêmicas. Lidar com essa limitação do ato comunicativo é um desafio a ser vencido, e o desconsiderar pode reforçar narrativas que desconstruem nuances presentes no contexto social, pintando-o unicamente em tons de cinza.

Ciente do perigo acima, recorri a etnometodologia por ela me lembrar “que as ações desenvolvidas pelos atores são guiadas pelo seu raciocínio prático, fruto dos momentos

particulares vivenciados e experimentados a cada ato interacional.” (GUESSER, 2003, p.159). Passei assim a adotar uma postura de constante vigilância em relação ao senso comum presente nas falas, entre falas e silêncios de entrevistados e pesquisadores. Tal cuidado se mostra fundamental, pois como alerta Garfinkel (2011), em *Estudos dos fundamentos rotineiros das atividades cotidianas*, o senso comum é o

conhecimento institucionalizado do mundo real. Não só o conhecimento de senso comum retrata uma sociedade real para os membros, mas, à maneira de uma profecia que se autocumprir, as características da sociedade real são produzidas pela obediência motivada de uma pessoa a essas expectativas contextuais (GARFINKEL, 2011, p.125).

O senso comum cria, assim, uma atmosfera que gera uma relevância e legitimidade de certas ações e conhecimentos, levando a obediência de determinadas regras e a naturalização de elementos de uma determinada realidade, cercando-os de uma fictícia aura de permanência. Desse modo tomo como pontos de atenção as experiências sociais adquiridas, os conhecimentos, as interações e a capacidade criativa e adaptativa de interagir dos sujeitos durante nossas conversas e filmagens.

Através das respostas dadas às provocações feitas nas entrevistas creio ser possível mapear as narrativas introjetadas e reelaboradas por moradores de Nova Iguaçu, assim como identificar se existe ou não uma mudança em sua percepção após o contato com as experiências de lazer e cultura propostas por mim a eles (isso pressupondo que não conheçam nenhum dos locais da visitação).

Antes de trazer as questões e respostas de moradores da cidade, apresentarei as formas como essa dissertação foi sendo construída e reconstruída ao longo do tempo, com o objetivo de demonstrar que as imprevisibilidades do campo estão presentes em todo trabalho acadêmico e que, inegavelmente, são fatores determinantes para as conclusões nele contidas.

2.2 A construção

A concepção dessa pesquisa foi reconstruída diversas vezes. A ideia de produzir uma análise sobre a percepção de pessoas em relação à cidade de Nova Iguaçu me perseguia há tempos, mas achar a fórmula viável para concretizar tal projeto foi um processo marcado por altos e baixos e constantes quebras de expectativas.

Apresento dois momentos de minha elaboração: o primeiro deles foi escrito antes de ir ao campo, com pressupostos teóricos sobre como pretendia construir o espaço no qual a pesquisa seria feita, tendo em vista que ela não se situaria em um grupo pré-existente. O segundo relato se dá após meu contato com a realidade do campo. Esse duplo movimento parte da crença de que seria possível produzir um material frutífero sobre as inconstâncias e imprevisões do campo, no qual nem sempre o planejado se concretiza.

Além disso, destaco minha opção pela construção de uma narrativa que não exclui os percalços, expectativas e abordagens antes pensadas – aquilo que “não deu certo” –, por entender ser essa uma forma eficiente de oferecer uma visão mais ampla e honesta sobre uma questão sempre presente em pesquisas nas Ciências Sociais: nossa relação com o campo. Sendo assim, a construção desse capítulo é um constante movimento que pode fornecer outras formas de pensar o espaço em que foram estabelecidas as minhas escolhas metodológicas.

2.2.1. Antes do Campo

Ao abordar os percalços e nuances na produção de pesquisa na área das Ciências Sociais, Becker (2007) afirma que

nós, cientistas sociais, sempre atribuímos, implícita ou explicitamente, um ponto de vista, uma perspectiva e motivos às pessoas cujas ações analisamos. *Sempre*, por exemplo, descrevemos os significados que as pessoas que estudamos dão aos eventos de que participam, de modo que a única pergunta não é se deveríamos fazer isso, mas com que precisão o fazemos. Podemos, e muitos cientistas sociais o fazem, colher dados sobre os significados que as pessoas dão às coisas (BECKER, 2007, p. 20) [grifo do autor].

Tal problematização do ato de pesquisar em Ciências Sociais permite duas reflexões. A primeira se refere à ideia de que a nossa produção estará sempre marcada pelo ponto de vista defendido sobre aquilo e/ou aqueles objetos de nossa análise. A imagem de uma pesquisa imparcial se problematiza, seja no campo das Ciências Sociais ou, até mesmo, como nos mostra Maria Isaura Pereira Queiroz (2008), nas Ciências Exatas e Naturais, pois, segundo a autora, nas primeiras décadas do século XX, essas "não estavam mais tão certas e seguras em suas perspectivas e em seus resultados quanto se imaginara" (QUEIROZ, MIP 2008, p.15), devido a percepção de que, como em outras áreas de conhecimento, também eram permeadas por "influências e limitações da coletividade a que o investigador pertencia" (Ibidem). Portanto, tona-se complexo realizar um total distanciamento e/ou imparcialidade na construção de qualquer pesquisa.

A segunda questão está relacionada à percepção dos pesquisadores sobre sua capacidade de colher dados sobre as significações que as pessoas dão às coisas e não apenas uma leitura feita por nós sobre tais significações. Tal constatação me possibilitou compreender como moradores elaboram e reelaboram narrativas sobre Nova Iguaçu e, ao fazerem isso, forneceram pistas importantes não apenas sobre o lugar, mas também quanto às ferramentas que criam para pensarem e mudarem suas percepções e imaginários.

O que vi durante meu tempo de estudo nas Ciências Sociais foram duas perguntas principais como forma de estabelecer contato com outros estudantes: "Você pesquisa o que?" seguida por "Qual é o seu campo?". A correlação, por vezes, automática quanto ao "fazer Ciências Sociais" e "ir a campo" traz duas questões. A primeira é o estranhamento quando nos deparamos com um trabalho que segue moldes teóricos. A segunda é a noção de que não estar em campo tornaria o trabalho mais frágil e esvaziado da autoridade etnográfica (CLIFFORD, 1998)¹⁸.

Com isso a reflexão aqui proposta é de pensar o campo não como um movimento obrigatório ou dotado de "pureza", mas como fruto de nós e das relações estabelecidas com ele/nele.

Jeanne Favret-Saada (2005), no artigo *Ser afetado*, dentre várias reflexões, aponta que ao se fazer pesquisa devemos estar atentos ao fato de que nossa simples presença no campo o afeta significativamente. Para ilustrar o conceito de afetar, a autora apresenta sua pesquisa sobre feitiçaria em Boucauge¹⁹. Nos narra ela ter encontrado uma resistência em seu campo, e isso se deu devido a uma visão pejorativa baseada na dicotomia "nós" versus "eles". O "nós", incluindo o pesquisador, aparecia enquanto desenvolvido, aquele que não acredita na feitiçaria,

¹⁸ Disponível em <<http://dialogosantropologicos.blogspot.com.br/2010/09/sobre-autoridade-etnografica.html>>. Acessado em 08 de agosto de 2017.

¹⁹ Região agrícola francesa.

enquanto o "eles" seriam os menos desenvolvidos crentes e praticantes. Tal perspectiva relacional estabelece um grau de distanciamento que afetou o trabalho da autora.

Diante da dicotomia acima descrita encontrar alguém disposto a falar sobre feitiçaria era achar uma pessoa disposta a ocupar livremente uma posição inferiorizada. Como podemos supor, e a autora demonstra, os habitantes do local não queriam se posicionar de tal maneira e dessa forma afirmavam-se incrédulas sobre tais fenômenos ou afirmavam serem experiências vivenciadas apenas por outros indivíduos. Essa dificuldade só foi transposta quando Favret-Saada foi vista como enfeitiçada.

Esse novo olhar sobre a pesquisadora foi o resultado de um processo no qual uma série de acontecimentos levou o grupo a percebê-la como uma pessoa enfeitiçada ou alguém que poderia remover os feitiços.²⁰ Em ambas as posições ela se tornou um indivíduo caro aos moradores, passando a fazer efetivamente parte desse arranjo. A partir dessa mudança foi possível não só dar continuidade à pesquisa como também ser constantemente requisitada a assumir um posicionamento ativo em relação aos acontecimentos. Ela foi afetada e por isso integrou-se a lógica do grupo.

A noção de ser afetada aparece aqui como uma possibilidade de construir o campo. O artigo de Favret-Saada (2005), assim como livro gerado por aquela pesquisa, *Les mots, la mort, les sorts*, trouxeram essa nova possibilidade. O texto de Marcio Goldman (2005), *Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia*, analisa os conflitos que decorreram dessa produção.

O que Favret-Saada traz e Goldman (2005) reforça é o questionamento em relação à eficácia da premissa básica sobre o trabalho de campo ser fruto de uma observação participante, a qual foi o caminho que possibilitou a pesquisadora concluir seu trabalho, pois a particularidade de seu campo impossibilitou um grau maior de afastamento.

A não afetação também não teria permitido a Goldman (2003) ouvir os tambores, como ele apresenta no artigo *Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos*. Nesse trabalho, o autor explica sua escolha a partir da descrição de uma ajuda dada aos membros de um terreiro de candomblé para a realização de um ritual fúnebre, durante o qual ele ouve o som de tambores. Ao voltar ao terreiro e questionar sobre a origem da música que ouvira é informado ser ela oriunda do outro mundo. Depois dessa experiência, Goldman relata ter tido um sonho no qual era reproduzida uma de suas conversas com um político da sessão local do Partido dos Trabalhadores, tal qual ocorreu durante o campo. Durante ela ambos ouviam uma batucada ao fundo, classificada por seu interlocutor como uma falta de consciência política, um desvio da ação política. Diante disso,

o que acabou ocorrendo é que o fato de alguém, afinal de contas tão próximo a mim em termos de concepção de política e de opções ideológicas quanto o político petista, sugerir que, em certo sentido, os tambores que ouvíamos eram de seres apenas semivivos (já que alienados) lançou, inadvertidamente, a ponte que viria a permitir a articulação entre os tambores dos mortos e os tambores dos vivos (GOLDMAN, 2003, p.451).

O que se constituiu no campo deste pesquisador foi uma articulação de ideias só possíveis porque Goldman estava "afetado". Se os tambores eram reais ou não, pouco importa, pois o ponto central é quanto o autor se permitiu afetar com o campo e em qual medida isso contribuiu para a construção de uma nova dimensão em sua pesquisa.

²⁰ Os moradores da região identificaram a mesma enquanto enfeitiçada a partir de uma série de eventos que em outra situação teriam passado despercebidos, tais como um acidente de carro, um tremor nas mãos e um brilho no olhar.

Por fim, Stéphane Beaud e Florence Weber (2007), em *Escolher um tema e um campo*, trazem os questionamentos sobre a questão ao traçarem uma discussão quanto à constituição do trabalho de campo e como esse processo está envolvido em posicionamentos desde a primeira escolha até a realização da pesquisa. Além disso, os autores ressaltam o fato de que nem toda questão será, necessariamente, respondida através de uma etnografia.

O objetivo de mobilizar as reflexões de tais autores é demonstrar como existem diversos campos possíveis, inclusive de uma maneira distinta da clássica premissa da observação participante, com novos questionamentos e novas respostas decorrentes de uma abordagem distinta. Tais possibilidades permearam a concepção da presente investigação, como um alicerce a proporcionar outras abordagens, terminando por se materializar na pesquisa aqui construída.

A construção de entrevistas foi sem dúvida um desafio, mais ainda após a leitura do capítulo *Preparar e negociar uma entrevista etnográfica* (BEAUD; WEBER, 2007). O texto, seguindo a proposta do livro de trazer um guia prático quanto ao trabalho etnográfico, constrói uma narrativa didática com orientações e meios para conseguir uma entrevista. Minha primeira impressão após sua leitura foi que todas as escolhas feitas por mim serem erradas.

Algumas das premissas apresentadas pelos autores que justificaram o receio acima foram: a noção de que as entrevistas não deveriam ser "isoladas" (contraponto básico para construção da pesquisa, pois eu não teria contanto nenhum anterior com os entrevistados) e a ideia da entrevista enquanto um prolongamento de uma discussão já iniciada – enquanto o método proposto por mim era o inverso, a entrevista não como fim ou meio, mas início para o contato e a interação.

Se a angústia foi grande, a reconstrução também. Diante de constantes reformulações internas e com meus pares cheguei a duas conclusões que me guiaram na construção desse trabalho. A primeira é a compreensão da etnografia não como uma obrigação.

Mesmo sendo apresentada a outras técnicas de pesquisa, vivenciei na prática das salas de aula com a exaltação do trabalho etnográfico e a defesa da ideia de que qualquer outra abordagem não seria “tão legal” / “tão interessante” quanto esta. Os textos dados como referências, tidos como clássicos, são em sua maioria um trabalho etnográfico, fazendo crescer em mim (e em alguns amigos meus) a sensação de que deveríamos/queríamos ser os próximos Malinowskis²¹.

O segundo resultado dessas reflexões foi a clareza em relação ao campo como resultante de uma construção. Se essa percepção já se fazia presente na graduação, as reflexões advindas do mestrado a consolidaram e forneceram as diretrizes que nortearam sua aplicação nesse trabalho. Uma delas consiste na premissa de que como pesquisadores estamos sempre em construção durante a realização de nosso campo, resultado do fato de que nos relacionamos constantemente com os participantes da nossa pesquisa e imaginamos/re-imaginamos o campo desejado²². Tal hipótese levou-me a questionar sobre a possibilidade trazer novos olhares e visões sobre o objeto e me perguntar: se nós construímos essas relações com nosso objeto, por que não construir um espaço no qual elas irão se concretizar?

²¹ Clássico antropólogo, considerado um dos fundadores da Antropologia Social. Reconhecido pelo seu livro: MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976

²² Esse conceito vem de uma frase do David Harvey ao discorrer sobre a concepção de cidade, sendo essa "se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser re-imaginado e refeito." HARVEY, David. A liberdade da cidade In: MARICATO, Erminia ... [et. al]. *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1. Ed. São Paulo: Bontempo: Carta Maior, 2013. p. 58.

2.2.2. Construindo esse espaço

Com base no exposto acima, o campo desse trabalho foi experimentado por mim enquanto uma dimensão construção. Ao defini-lo dessa forma não advogo que outros tipos de campo não o sejam, mas exponho o fato desse conceito ter ganhado uma dimensão material nessa pesquisa, já que houve um processo de elaboração do espaço físico para a pesquisa acontecer. Tomada a decisão de construir um campo o próximo passo dado foi o de elaborar um roteiro para as conversas e filmagens a serem realizadas, nessa etapa a primeira questão a ser equacionada: quem serão os moradores com os quais entrarei em contato?

O único equalizador que recortaria todas as pessoas entrevistadas foi o fato de serem moradoras de Nova Iguaçu por no mínimo dois anos. Não delimitamos um recorte de idade, raça, gênero ou renda, pois o objetivo era abarcar a maior diversidade possível. Outro recorte foi a quantidade de entrevistas que seriam feitas, sendo determinado o número de 10 no início da pesquisa e 10 ao seu final, principalmente devido ao curto espaço de tempo. Sendo assim, no final do campo, eu teria vinte entrevistas com distintos moradores de Nova Iguaçu.

Após isso a questão foi: onde vou encontrá-los? Em escolas? Em associação de moradores? As respostas não foram satisfatórias, pois como não queria um recorte pré-determinado dos participantes, e a partir disso surgiu a ideia de ir ao encontro de moradores nas ruas da cidade.

Mas como os escolher? Acreditando que parar indivíduos nas ruas já mostraria uma pré-seleção como, por exemplo, escolher alguém pela forma como se veste, seja por me agradar ou não, preferi correr o risco, e, em vez de selecionar os entrevistados, deixei as pessoas livres para darem as entrevistas.

Tal escolha se deu a partir da inspiração de uma experiência artística realizada por Ana Teixeira, em São Paulo capital, intitulada Escuto Histórias de Amor²³. Ela se baseava na seguinte proposta:

Numa ação essencialmente de rua, Ana senta-se numa cadeira e põe outra ao seu lado. Enquanto espera que alguém que esteja passando sente-se e conte espontaneamente sua história, a artista tricota uma peça vermelha, que, até o momento, tem quase 4 metros. 'Ela faz parte do meu kit, que inclui uma bolsa, as duas cadeiras e os banners em diferentes idiomas', conta Ana, formada em Artes Plásticas pela USP (DEL RÉ, Adriana. Ela escuta histórias de amor. *Estadão*. São Paulo. 28 abr. 2012).

Tendo esse o modelo como inspiração, escolhi fazer a pesquisa visando não uma pré-seleção, mas a criação de um espaço no qual as pessoas se sentiriam à vontade para participarem do projeto.

No campo da idealização, os moldes de execução seriam parecidos com os de Ana Teixeira: colocar algumas cadeiras, uma mesa e uma placa onde se lia "Vamos falar sobre Nova Iguaçu?"²⁴. Como elementos novos, levei dois instrumentos: uma câmera fotográfica e um celular com o papel de gravador.

²³ Disponível em <<http://www.estadao.com.br/blogs/jt-variedades/ela-escuta-historias-de-amor/>>. Acesso em 07 de julho de 2017.

²⁴ A escolha dos dizeres na placa não foi simples, era preciso uma frase curta, tanto devido ao espaço disponível na placa, quanto acreditando que uma síntese aguçaria a curiosidade das pessoas. Após um *brainstrom* (entre Sara, eu e Vinicius, pessoas que como disse construíram essa pesquisa comigo) como diversas possibilidades que traziam em comum a ideia de um convite utilizando uma chamada similar as formas de marketing essa foi a que mostrou-se mais viável ao objetivo.

Depois de definir *como* encontrar os entrevistados, a tarefa consistiu em estabelecer *onde* eu esperaria meus interlocutores.

Como discutido no capítulo um, a cidade tem um território de 523,888km², estando politicamente dividida em 10 Unidades Regionais Administrativas (URG's), cobrir tal extensão em uma pesquisa que contava com um tempo tão limitado para ser realizada era inviável, levando a necessidade de escolher regiões para desenvolver meu campo. Nesse momento surgiram uma série de questionamentos: qual seriam as URG's selecionadas, e porquê. Apenas uma? Um recorte de renda? Duas, três...

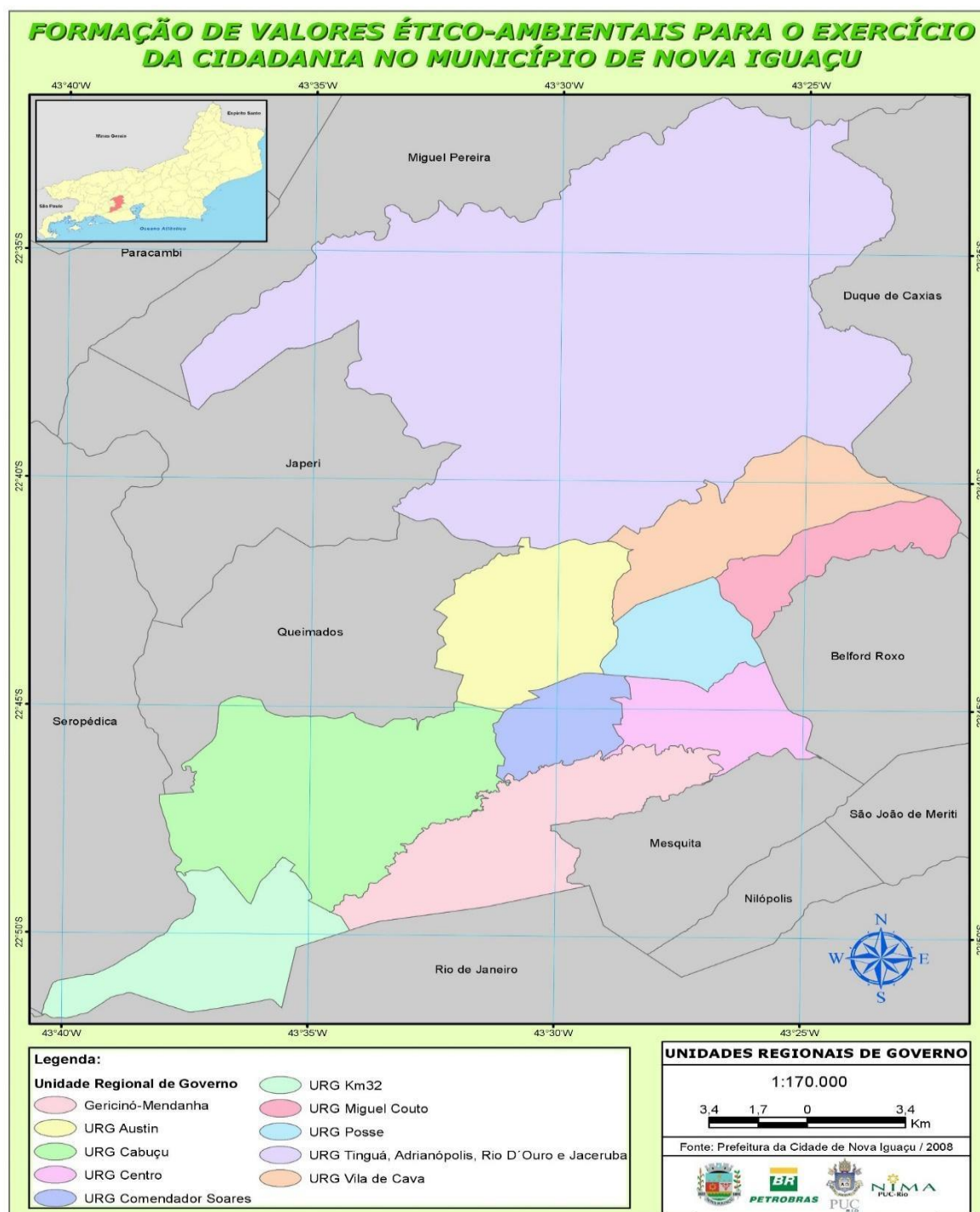


Figura 3 – Mapa das URGs de Nova Iguaçu. Disponível em:< https://www.nima.puc-rio.br/sobre_nima/projetos/novaiguacu/mapas.php>. Acesso em 5 de maio de 2017.

Tais questões foram sendo respondidas a partir do momento em que a premissa de visitar todas se tornou inviável, principalmente pelo segundo momento, o do passeio, melhor explicado no tópico “O imaginado”. O primeiro desejo foi fazer um recorte de econômico, analisando a URG com maior renda *versus* a com menor. Porém não consegui acesso a esses dados por serem coletados a nível de município e não como URG ou bairro. A saída vislumbrada foi, então, uma abordagem histórica.

Em 1886, a primeira estação de trem da linha Rio D’Outro foi fundada na atual URG Vila de Cava, ponto de convergência de duas malhas ferroviárias – da Estrada de Ferro do Rio

do Ouro, a da Serra do Tinguá e a do Rio D'Ouro –, estando, portanto, próxima à sede inicial da Vila de Iguassú, que hoje é um sítio arqueológico.

A partir da escolha tivemos a ideia de um novo contraponto: entre o gérmen da linha férrea e sua atual região central. Sendo assim, o recorte estabeleceu-se a partir da URG Vila de Cava e a URG Centro.

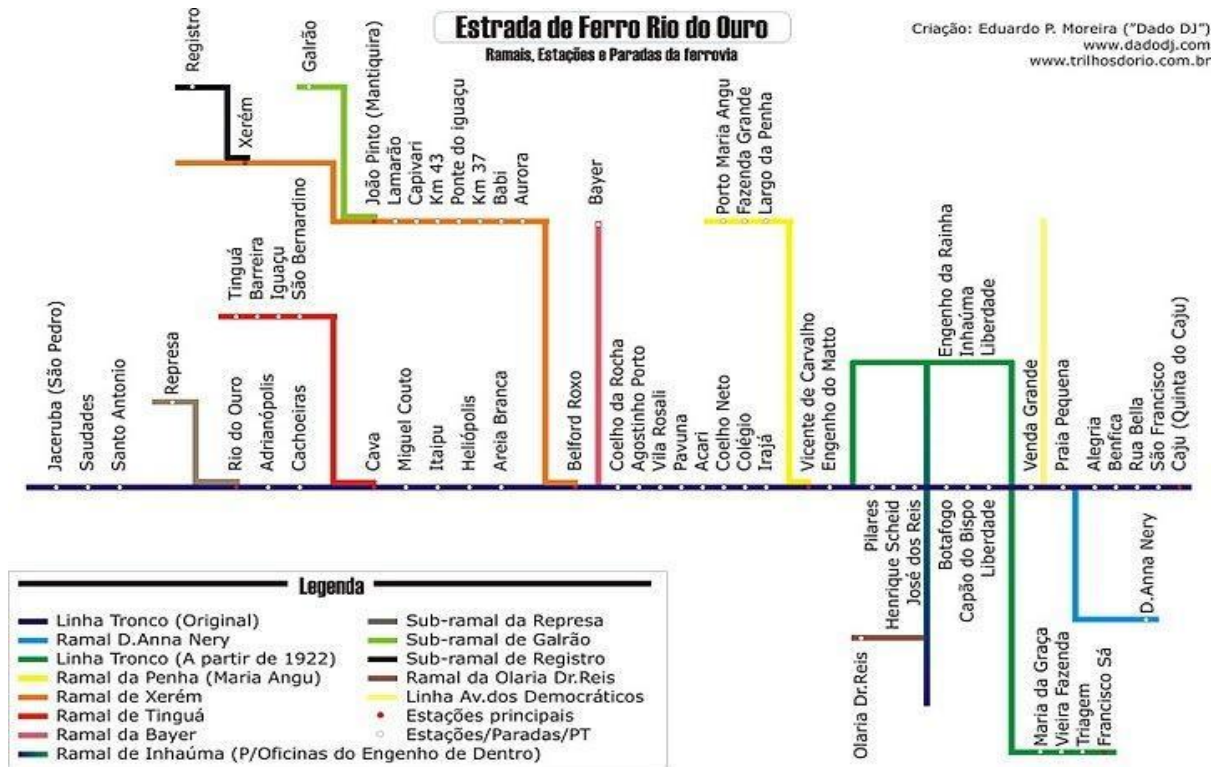


Figura 4 - Linha férrea Rio D'Ouro. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_riodeouro/efrio_ouro.htm>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.



Figura 5 - Estação de trem Vila de Cava em foto tirada no ano de 2009 por Eduardo P. Moreira. Disponível em <http://www.estacoesferroviaria.com.br/efcb_rj_riodeoutro/cava.html>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

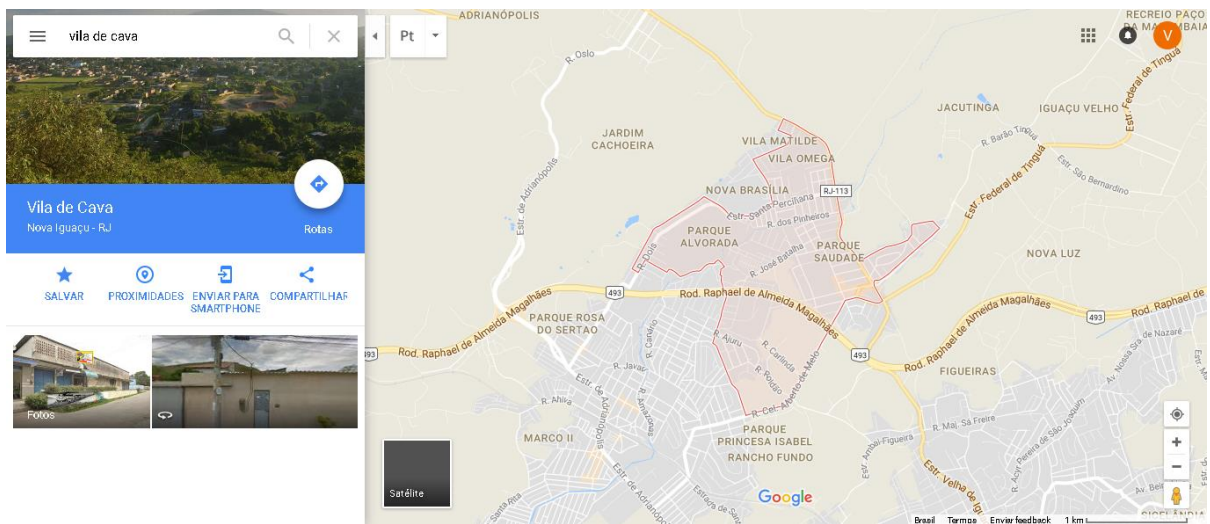


Figura 6 - Imagem printada do Google Maps que apresenta as demarcações da Unidade Regional de Governo Vila de Cava. Disponível em:< <https://goo.gl/HJmfWa>>. Acesso em 15 de julho de 2017.

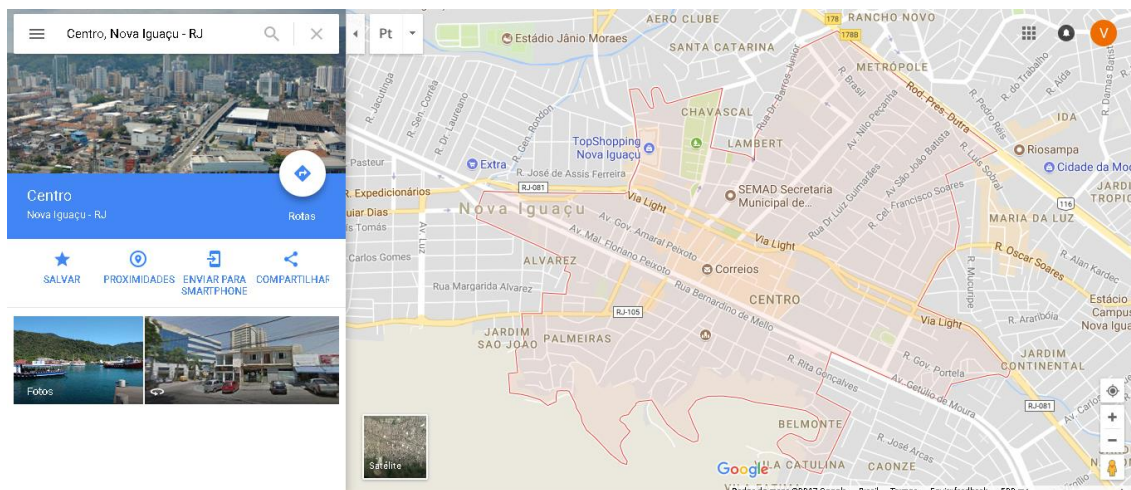


Figura 7 - Imagem printada do Google Maps que apresenta as demarcações da Unidade Regional de Governo Centro. Disponível em: < <https://goo.gl/2j8Emt>>. Acesso em 15 de julho de 2017.

Uma vez delimitado o recorte espacial, o próximo passo foi determinar o local exato em que me localizaria para ouvir interlocutores dispostos a me contarem sobre sua cidade.

Na URG Vila de Cava, a escolha foi mais simples, sendo eleita a Praça de Vila de Cava, seu ponto central, em meio ao comércio e ponto final de uma série de ônibus, local onde acreditava haver uma considerável circulação de pessoas. Tal escolha foi marcada principalmente pelo fato de não conhecer as dinâmicas da região, estive lá poucas vezes e nenhuma delas foi enquanto pesquisadora, portanto, foi o que me pareceu mais coerente a partir do conhecimento que detinha sobre o espaço.

A escolha do local na URG Centro me trouxe mais conflitos, pois conheço o espaço e o vivenciei por diversos anos. O conhecimento prévio de suas dinâmicas e do fluxo comum de passantes que circulam em diferentes pontos criou uma espécie de armadilha. Acredito haver um desejo em grande parte de nós, pesquisadores iniciantes, por uma pesquisa a mais repleta de reviravoltas e desacordos possíveis dentro dos seus objetos, pois dessa forma ela seria a mais produtiva e interessante possível e o conhecimento que tenho sobre esse espaço me fez procurar pelas condições nas quais essa possibilidade se tornaria realidade.

A partir da minha percepção sobre o local ao longo dos anos, pude verificar uma diferença econômica entre os frequentadores dos dois lados da Passarela Caracol – passarela sobre a linha férrea que une a Av. Marechal Floriano Peixoto e a Rua Bernardino de Mello, duas vias importantes da cidade. A primeira delas é extensa, possuindo possui um grande fluxo de pessoas e ônibus e corta o centro comercial dessa URG, a segunda serve ao “outro lado” da cidade onde existem diversos bares, restaurantes e prédios de moradia da classe média/alta iguaçuana.

Uma questão central em relação ao meu campo é o fato de viver nele, ou seja, de estar continuamente lidando com minha narrativa pessoal sobre a cidade. Um exemplo disso é a distinção feita entre um “lado rico” e um “lado pobre”, a qual, ao meu olhar, mostre-se evidente, mas que não é baseada em nenhum dado científico. Ao imaginar essa pesquisa desejei por tempos estabelecer um dos pontos de análise em algum local dessa “parte nobre” ou “rica” da cidade, acreditando que assim traria mais dados distintos quanto ao posicionamento relacionado à outra URG, localizada no “lado pobre”.

Dividi, então, áreas de circulação historicamente instituídas em torno da linha férrea, meio de transporte que impactou significativamente na forma de distribuição da população e na maneira de crescimento da cidade. Esta Nova Iguaçu cortada em duas pelos trilhos do trem, a

meu ver, materializava uma divisão simbólica entre duas dimensões da cidade que dialogavam entre si, mas mantem certa distância. Um exemplo de tal distanciamento é o fato de apenas quatro linhas de ônibus atravessam os dois viadutos existentes na URG Centro (Viaduto Padre João Musch e Viaduto Dom Adriano Hipólito), formando “mundos que se tocam, mas não se interpenetram” (PARK, 1967, p. 61).

A escolha do local para entrevista foi se modificando a partir do momento em que não encontrei um ponto físico capaz de realizar o projeto, chegando inclusive a pensar em me instalar na Passarela Caracol. A inviabilidade dessa opção por questões práticas – é uma passarela de cerca de 1,20 de largura – levou-me a repensar, em conversas com amigos, o porquê era tão importante estar nesse local específico, tendo em vista que existem outros centros de passagem mais próprios para o propósito da pesquisa. A partir dessa reflexão deparei-me com o fato de que minha justificativa vinha não de uma curiosidade acadêmica, mas de uma visão naturalizada sobre a cidade, assim como do desejo de produzir dados os mais impactantes e distintos possíveis, ignorando o que tais escolhas pressupõem distinções que, talvez, não existam.

Se Foote Whyte (2005), em *Sociedade de Esquina*, destaca como Cornerville era útil e como acreditava ser um local fértil para sua pesquisa o mesmo se deu comigo em relação à Nova Iguaçu, tanto devido ao fato de morar na cidade, conhecer alguns de seus espaços e saber como transitar entre eles, quanto pelo interesse que surgiu sobre como as pessoas percebiam o espaço. Mas, como citei acima, a facilidade gerou pressupostos e naturalizações que necessitavam de desconstrução.

Ao utilizar os mesmos marcadores mobilizados na escolha da Praça de Vila de Cava a solução do problema acima se mostrou clara e surgiu a opção por realizar meu campo na Praça Rui Barbosa: local central, polo comercial e com o maior número possível de passantes.

Sendo assim, as praças escolhidas para o estudo foram a Praça de Vila de Cava e a Praça Rui Barbosa.

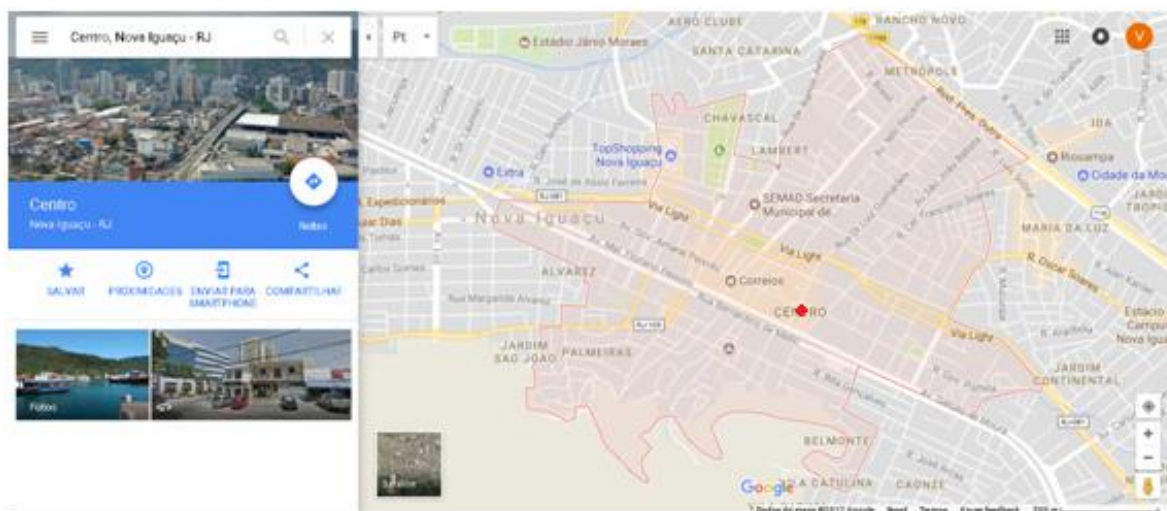


Figura 8 - Imagem printada do Google Maps que apresenta as demarcações da Unidade Regional de Governo Centro, o ponto vermelho representa a localização da Praça Rui Barbosa. Disponível em: < <https://goo.gl/2j8Emt>>. Acesso em 15 de julho de 2017.

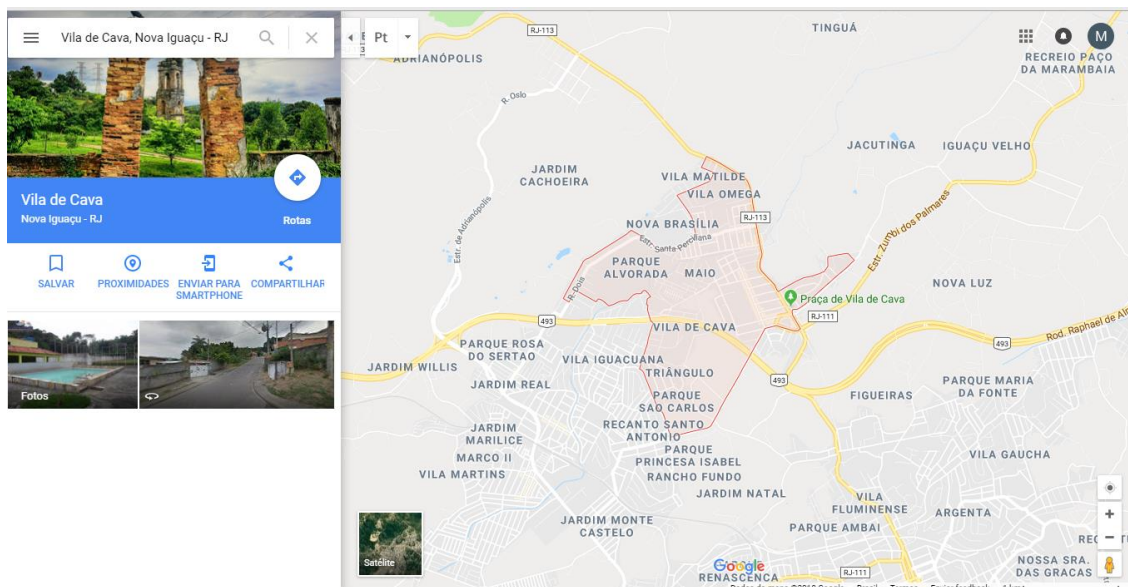


Figura 9 - Imagem printada do Google Maps que apresenta as demarcações da Unidade Regional de Governo Vila de Cava, o ponto verde representa a localização da Praça Vila de Cava. Disponível em: <<https://goo.gl/HJmfWa>>. Acesso em 17 de julho de 2017.

2.3. O imaginado

A partir das escolhas necessárias para a constituição física e prática do trabalho, instaurou-se a questão sobre como as conversas seriam desenvolvidas, quais assuntos abordar e como estruturar efetivamente as entrevistas. Esses tópicos foram construídos junto à orientadora, com o objetivo de evitar perguntas fechadas, privilegiando questionamentos que abrissem espaço para as pessoas exporem quem são, quais as suas relações com a cidade e o imaginário mantido sobre ela.

No início das entrevistas buscava conhecer com quem estava falando²⁵ – nome, idade, profissão, e um pouco suas histórias de vida. A seguir fiz perguntas que envolviam diretamente a cidade: o que é Nova Iguaçu para você?; o que vê na mídia sobre ela?; se gosta de morar aqui e os desejos em relação à cidade²⁶. Ressalto que o roteiro funcionou como um guia, possibilitando outras questões mais amplas.

Com base em Stéphane Beaud e Florence Weber (2007), este momento foi imaginado como aquele no qual

as entrevistas aprofundadas não visam produzir dados quantificados e, portanto, não precisam ser numerosas. Não têm por vocação ser "representativas". Se você quer atingir a "representatividade" vai querer fazer entrevistas que cobrem o espectro inteiro do meio pesquisado (BEAUD; WEBER. p. 119, 2007).

Ou seja, o objetivo não era a construção de uma impressão da cidade de Nova Iguaçu de uma maneira geral, mas sim como alguns moradores a entendem e se visitas a movimentos culturais e áreas de lazer alterariam de alguma forma sua relação com ela.

²⁵ Digo no plural, pois minha ida ao campo não será só, irão comigo dois amigos próximos, Vinicius e Sara visando principalmente o auxílio quanto a parte técnica da produção desse campo/documentário, aos quais, desde já, agradeço.

²⁶ Ver em Anexo B o roteiro de perguntas que direcionaram a entrevista.

Ao final da entrevista seria proposto a todos um roteiro de passeio a alguns pontos culturais e de lazer da cidade. Dentre os vinte entrevistados, planejei levar dois de cada URG para o passeio, determinamos essa quantidade por uma questão logística, tendo em vista que os locais visitados não são próximos entre si.

A proposta de um “passeio”, expressão utilizada para facilitar a compreensão dos participantes, se baseia na percepção de que o lazer tem uma importância subdimensionada na vida das pessoas. Tal compreensão está inscrita nos termos de Magnani (2003), no livro *Festa no pedaço*, quando o define como “parte integrante da vida cotidiana das pessoas e constitui, sem dúvida, o lado mais agradável e descontraído de sua rotina semanal.” (MAGNANI, 2003, p.18).

O autor destaca no livro referido a existência de uma visão distorcida sobre o papel do lazer na vida dos indivíduos e das comunidades de baixa renda, pois é comumente compreendido como irrelevante ou dispensável, estando em uma das últimas posições entre as escolhas que um indivíduo com orçamento financeiro limitado é levado a fazer (além de estar contraponto à esfera do trabalho e ao tema política, dimensões enquadradas na categoria de “coisas mais sérias”). O autor contesta tal percepção do lazer – constantemente compreendido como válvula de escape ou alienação – defendendo ser uma parte fundamental na vida do trabalhador²⁷, sendo elemento integrante do seu cotidiano e se constituindo, para o pesquisador, em uma experiência capaz de fornecer pistas significativas para a compreensão dos modos de agir, pensar e dos valores dos indivíduos.

Magnani (2003) levanta um aspecto crucial em seu trabalho: a necessidade de compreender em qual medida as formas de entretenimento e cultura popular podem indicar traços de privilégio de certas áreas, pois determinados locais das cidades e metrópoles possuem uma quantidade significativamente maior de eventos em comparação as regiões consideradas periféricas. Ao aplicar tal perspectiva analítica ao campo dessa pesquisa é possível afirmar que essa carência é em parte responsável pela criação e reprodução de um imaginário popular em relação ao local no qual predomina o estereótipo de que ali inexistem áreas de lazer criando, portanto, a necessidade de deslocamento em direção ao “Centro do Rio” caso se deseje desfrutar de uma vida cultural.

Compreendo a escolha do lazer como tema de pesquisa por entendê-lo enquanto uma experiência capaz de oferecer pistas valiosas para refletir sobre vivências e suas narrativas construídas sobre espaços específicos e a cidade em geral. Ainda que a televisão, as reuniões em família e outros eventos tenham um papel fundamental na vida dos indivíduos, o analisado aqui são outras opções de lazer que estão entendidas no espaço social de reivindicações entre o público e o privado (GOFFMAN, 1979).

A seleção desses espaços não foi difícil, pois já tinha em mente locais adequados ao objetivo de meu trabalho, a dificuldade enfrentada foi a construção da programação devido a logística da vida prática.

O primeiro espaço escolhido, em torno do qual girou toda a estruturação do passeio, foi o Parque Municipal de Nova Iguaçu²⁸. Este espaço é apresentado por Rosimar Abreu Leal, na dissertação *Política de Atendimento ao Adolescente em Cumprimento de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto na Cidade de Nova Iguaçu*, da seguinte forma:

A cidade tem um rico patrimônio ambiental, pois 67% de sua área são compostas de Unidades de Conservação da Natureza. Ao Sul encontra-se a Área de Proteção Ambiental (APA) Estadual Gericinó-Mendanha de uso

²⁷ Termo utilizado pelo autor.

²⁸ Em algumas pesquisas o mesmo pode aparecer com o nome de Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu, porém usaremos a nomenclatura gravada na placa de entrada do mesmo.

sustentável. Dentro desta APA o Governo Municipal instituiu o Parque Municipal de Nova Iguaçu que é uma unidade de proteção integral (LEAL, 2012, p. 101).

O Parque foi criado em 1998 e está localizado na Serra de Madureira, tendo o intuito de proteger a reserva de Mata Atlântica ali presente. Abriga uma cachoeira com uma série de poços além da sede da Fazenda Dona Eugênia, conhecida como Casarão, construída no final do século XIX²⁹.

Edileuza Dias de Queiroz (2013), em *Reflexões sobre possibilidades e desafios para a sustentabilidade socioambiental em unidades de conservação a partir de ações de educação ambiental*, defende que os parques, como uma das categorias de Unidades de Conservação, têm um importante papel socioambiental, pois são territórios pensados a partir do objetivo de proteger os atributos naturais no presente para as gerações futuras, beneficiando a população urbano-industrial, além de possuírem forte apelo estético e motivações culturais e religiosas. Desta forma, podem

possibilitar um maior envolvimento da sociedade com as questões socioambientais, considerando-se que, as Unidades de Conservação – mais especificamente a categoria Parque –, abrigam motivações e interesses que despertam para uma formação cidadã, com capacidade de estabelecer uma nova dinâmica socioambiental (QUEIROZ, ED. 2013, p.9).

Sendo portador de tal potencial, além de se constituir em uma alternativa de lazer junto à natureza, o Parque possui entrada gratuita e um acesso relativamente fácil, sendo possível chegar a pé ou de carro, apesar da estrada de terra ser acidentada.

O segundo local elencado foi o Museu Odé Gbomi, localizado no bairro do Valverde, e contando com acervo iorubá³⁰. É o único museu de Nova Iguaçu, mas o conhecia e ao tentar realizar uma visita prévia ao fui informada da necessidade de agendamento prévio, diante disso optei por conhecê-lo junto com o grupo.

O terceiro lugar escolhido foi o Cineclube Buraco do Getúlio. Este espaço é apresentado em sua página *Facebook* da seguinte forma:

O 'Buraco' realiza desde julho de 2006, sessões mensais e gratuitas, priorizando a difusão do curta-metragem nacional e promovendo intervenções artísticas de teatro, poesia e circo no intervalo entre os filmes, além de shows e performances de DJs e VJs. Em 2015, o Cineclube Buraco do Getúlio passou a realizar exibições e sessões na Praça dos Direitos Humanos de Nova Iguaçu, no 2º sábado, intercalando os meses³¹.

A escolha pelo Cineclube se deu, igualmente a do Parque, por já fazerem parte da minha rotina de lazer em Nova Iguaçu. Porém, encaixá-lo no cronograma mostrou-se um desafio, pois, durante o tempo hábil disponível para a produção da pesquisa, não havia nenhuma sessão marcada.³²

²⁹ Disponível em < <https://goo.gl/QQ3ENc> >. Acesso em 25 de julho de 2017.

³⁰ Mais informações acesse <<https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pedacinho-da-africa-em-nova-iguacu-cidade-tem-primeiro-museu-de-ioruba-do-rio-de-janeiro-2018030.html>> e <<https://www.facebook.com/www.institutoafroodegbomi.com.br>>.

³¹ Disponível em <https://www.facebook.com/pg/buracodogetulio/about/?ref=page_internal>. Acessado em 25 de julho de 2017.

³² A pesquisa foi realizada entre os dias 17/07/17 e 27/07/17, período possível devido a férias do meu trabalho, momento esse em que não haviam sessões programadas. Mesmo com a extensão da pesquisa, havendo campo até o segundo semestre de 2018 não houveram sessões.

Diante da impossibilidade do Cineclube, o plano B foi a Roda de Rap. Nomeada de *Musicação na Pista*, ela acontece todo domingo na Via Light, próximo à Praça dos Direitos Humanos no bairro Centro, tendo com a "finalidade de sonorizar locais relacionados a prática esportiva, inserindo atrações como Bandas de rock, Rappers, DUB, musical alternativa."³³

Domingo, dia 09/07/2017 fui juntamente com Sara à Roda de Rap reconhecer o local. Com seu horário de início marcado para as 16:00h, porém, seguindo indicação de frequentadores do espaço, chegamos por volta das 19:30h. O que encontrei foi um espaço de sociabilidade de jovens, alguns com seus skates e outros apenas rindo e conversando com música ao fundo. Por volta das 21:30 começaram as batalhas de RAP³⁴, e pelo observado conclui ser um bom encerramento para o passeio proposto, porém a logística criou um empecilho: o fato de ser em um domingo e começar à noite. Se já acreditava ser complicado moradores se disporem a um passeio o dia todo, ter sua última atividade em um domingo à noite me fez desistir da programação.

Como, então, terminaria o passeio? A partir dessa questão lembrei-me de eventos – como lançamento de livro e exposições – para os quais já fui convidada no Cultural Bar, localizado na Rua Floresta Miranda, também no bairro Centro, conhecida por abrigar uma série de outros bares. Ao procurar informações sobre o espaço, cheguei a seguinte apresentação:

"Um bar para se beber uma cerveja bem gelada, saborear petiscos dos deuses e encontrar gente inteligente, ouvir música boa, poesia, literatura, etc. Durante o dia, servimos

Almoço Executivo ou Refeição a preços a partir de R\$ 13 apenas.

Frequentado por artistas, músicos, poetas, jornalistas e intelectuais da Baixada Fluminense/RJ.

O nosso Cardápio Cultural noturno é o seguinte:

2ª Feira: Vídeos musicais no Telão FULL HD (sem couvert artístico)

3ª Feiras: Vídeos musicais no Telão FULL HD (sem couvert artístico)

4ª feira: MPB e Samba com Peregrino (violão e voz) e Sapuri (Percussão) e curtas metragens nos intervalos com Diego Bion (sem couvert artístico)

5ª Feiras: MPB com Douglas & Bruno (couvert R\$ 6)

6ª Feiras tem Samba de Raiz com o grupo Samba da Siriguela (couvert R\$ 6)

Sábados, das 13 às 16h: Almoço Musical com o grupo Chorando de Rir (sem couvert artístico)

Sábados, às 20:30h: Pop Rock, com bandas diversas (couvert R\$ 6).

Os eventos mensais são:

Jazz, na segunda quarta-feira de cada mês,

Sarau Poético, na última quinta-feira de cada mês,

Dança de Salão, no último sábado de cada mês.

Além disso, esporadicamente, rola lançamento de livros, exposições, stand-up comedy e esquetes teatrais, entre outras atividades culturais.

Fique ligado na nossa Time Line para saber da nossa programação."³⁵

³³ Informação retirada da página do *Facebook* do evento. Disponível em <https://www.facebook.com/pg/musicacaonapista/about/?ref=page_internal>. Acessado em 25 de julho de 2017.

³⁴ As batalhas de RAP se formaram a partir de três pessoas que se revezavam no cuidado com o som e na interação com a plateia, sendo dois homens e uma mulher. Os Mestres de Cerimônias que se inscreveram eram sorteados em duplas, rimavam um para o outro e ao final o público escolhia o vencedor a partir de gritos.

³⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/pg/culturalbardenovaiguacu/about/?ref=page_internal>. Acessado em 25 de julho de 2017.

Instantaneamente a informação sobre o Sarau Poético saltou aos meus olhos. Havia achado o local, entrei em contato com o dono do bar para confirmar sobre o evento, diante da afirmativa e com a informação de que começaria por volta das 19:30, decidi que encerraria o passeio lá.

Vencida essa etapa de definições, estabelecemos o horário de início às 13 horas com o objetivo de poupar a logística do almoço e por acreditar que o período da tarde seria suficiente para a execução da pesquisa. Diminui o número de pessoas, pois seria necessária a ida de alguém para me auxiliar nas filmagens e captação de som, já que todo o passeio seria filmado. Sendo assim, optei por levar três moradores nesse tour³⁶. Ao final das atividades, tinha como intuito questioná-los não só sobre o que acharam dos lugares e do passeio em si, mas se houve mudanças em seus imaginários sobre Nova Iguaçu.

Com isso, após essas idas e vindas, a programação final foi definida da seguinte forma:

13:00 às 13:30 - Encontro
14:00 às 16:00 - Parque Municipal de Nova Iguaçu
17:00 às 18:00 - Museu
18:30 às 19:00 - Lanche
19:00 - Sarau Poético no Cultural Bar

O lanche seria um momento de confraternização na Praça do Skate, por esta oferecer certa estrutura, como local para sentar e mesas, e ser próxima ao local do Sarau Poético. Este momento seria usado para refletir sobre o que foi visto até então e estreitar os laços entre os participantes.

A única data possível para o passeio foi na última quinta-feira do mês (27/07/2017), devido à data do Sarau, sendo também levado em consideração o fato do museu estar localizado dentro de um terreiro de Candomblé, o qual possui atividades inclusive nos finais de semana. Tratei de arriscar meu temor sobre a ausência dos interlocutores, já que era um dia de semana.

Para pensar o trânsito e permanência dos grupos nos espaços escolhidos, recorri a Goffman (1979) quando defende que os indivíduos em suas vidas sociais estão constantemente fazendo uma série de reivindicações relacionadas ao território no qual se encontram. Nesse processo adotam posturas que levam à definição de um mesmo espaço de diversas formas: seja utilizando como base elementos geográficos, seja com base em leis e diretos institucionais, de forma situacional, na divisão entre público e privado, entre outros. Também não se pode desprezar a perspectiva individualista, na qual não seriam consideradas reivindicações coletivas.

Os espaços eleitos por mim podem ser classificados como situacionais, uma vez que neles as reivindicações estão sempre em jogo, sendo acionadas por diversos indivíduos em momentos distintos e, inclusive, ao mesmo tempo. Também podem ser entendidos como um

ambiente no qual se expande e se sente à vontade; encontra, em suma, o clima moral em que sua natureza peculiar obtém os estímulos que dão livre e total expressão a suas disposições inatas. São motivações desse tipo, suspeito eu, que têm suas bases não no interesse, nem mesmo no sentimento, mas em algo mais fundamental e primitivo, que trazem muitos, se não a maioria de jovens

³⁶ Para acessar a entrada do parque é preciso ir ao município de Mesquita enquanto o Museu está localizado no bairro do Valverde na URG Cabuçu com uma distância de 15,2 Km entre eles. O Cineclubes, a Roda de Rap e o Bar Cultural estão situados na URG Centro, os dois primeiros em esquinas opostas em relação ao outro e em uma distância de 3,9 km do Bar Cultura.

e mulheres, da segurança de suas casas no interior para a grande e atordoante confusão e excitação da vida citadina (PARK, 1976, p.62).

Dessa forma os espaços promovem o encontro de sujeitos que compartilham o mesmo clima moral, criando uma sensação de segurança para a expressão de quem se é. Tratando especificamente de locais como a Roda de Rap e o Cineclube Buraco do Getúlio, podemos categorizá-los enquanto uma região moral segura para a expressão de si mesmo, tendo em vista que são espaços de exposição de potencialidades que permitem a livre expressão daqueles que se sentem deslocados ou marginalizados por possuírem diferentes valores, e não se encaixam nos meios de lazer instituídos até então. Verifica-se assim

as mesmas formas de diversão, quer sejam proporcionadas por corridas de cavalos ou pela ópera, devem de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida citadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos. A distribuição da população resultante tende a ser bastante diferente daquela ocasionada por interesses ocupacionais ou por condições econômicas (PARK, 1967, p.63).

É extremamente relevante ressaltar que “não é preciso entender-se pela expressão ‘região moral’ um lugar ou uma sociedade que é necessariamente ou criminosa ou anormal.” (PARK, 1967, p.65), mas sim regiões que possuem um código moral divergente. Desta forma, há uma transformação do espaço em que acontecem esses eventos – ambos na mesma região da Via Light –, pois passam a ser ocupados por agentes que compartilham um mesmo código moral a partir de um gosto ou uma paixão que

pode ser uma arte, como a música, ou um esporte, como a corrida de cavalos. Tal região diferiria de outros grupos sociais pelo fato de seus interesses serem mais imediatos e mais fundamentais. Por essa razão, suas diferenças tendem a ser devidas mais a um isolamento intelectual (PARK, 1967, p.65-66).

Após essa série de escolhas e recortes, que trouxe consigo diversas dúvidas e anseios, o campo foi se constituindo cada vez mais no meu imaginário. Com tais decisões tomadas, não restava outro passo que não tornar a pesquisa real.

2.4. O real

A realidade é cheia de imprevistos, uns mais previsíveis do que outros. Ao propor a construção do campo assumi alguns riscos: desde a total invisibilidade da estrutura a ser montada até a incerteza em relação aos interlocutores que desejariam ir ao segundo momento do encontro.

Com o objetivo de cumprir a promessa de apresentar nesse trabalho as transformações que ocorreram ao longo de sua realização, apresento o relato sobre as estruturas nas praças de uma forma mais objetiva e menos descritiva, não analisando ainda o conteúdo das entrevistas, mas sim a questão prática do campo. Tal escolha se deve tanto ao fato de desenvolver essa análise no terceiro capítulo de uma forma mais completa, quanto por entender que o teor escrito é apenas uma parte da pesquisa, havendo ainda o documentário como outra produção essencial para a compreensão do trabalho, sendo, portanto, complementares. O relato aqui funciona como *making off* que permite uma compreensão muito mais ampla da produção audiovisual que integra essa pesquisa.

2.4.1 Segunda-feira, 17 de julho de 2017

Chegamos, eu e Sara, às 09:00h da manhã na Praça Rui Barbosa, arrumamos a estrutura, a qual, embora simples, foi por nós reorganizada diversas vezes, em grande parte pela insegurança que me parecia inevitável e se fazia presente. Estávamos lá, sentadas e prontas para o que viesse às 11:00h. Na praça, além de nós e do movimento de pessoas, havia uma tenda de um grupo evangélico que tocava músicas gospel, vendia CDs e orava para os passantes interessados.

Não demorou muito e um senhor com dificuldade de dicção parou. Não consegui compreender seu nome, apenas que era morador de Nilópolis, e conversamos até onde foi viável a comunicação.

Em seguida chegaram Maurício e Nélio, amigos, moradores de Nova Iguaçu, um aposentado e outro beneficiário do INSS devido a uma doença cardíaca. Curiosos sobre o que se tratava, explicamos e fizemos a entrevista. O receio da interferência nas respostas um do outro, ainda que as perguntas fossem feitas separadamente, esteve presente, pois na coletividade podem aparecer respostas distintas das que seriam dadas individualmente. Diante do fato de ambos se sentirem confortáveis fornecendo a entrevista desta forma, optei por conduzi-la dessa forma.

Ao final da entrevista foi informado sobre o segundo momento programado, o que foi feito com os demais entrevistados que eram moradores de Nova Iguaçu. As pessoas, a princípio, responderam positivamente fornecendo seus contatos. Até então, diante das instabilidades para marcar o último evento do passeio, não havia sido definido o dia do passeio, portanto, não passei essa informação.

É importante registrar que Nélio demonstrou um incômodo, também identificado em vários outros entrevistados, tanto sobre ser gravado quanto sobre o pedido de seus dados e da assinatura para a declaração de autorização de imagem³⁷. Um exemplo foi quando perguntávamos a Maurício qual sua profissão e ele interrompeu dizendo “você quer falar de Nova Iguaçu ou da gente?”, com tom jocoso.

A outra entrevistada foi Rejane e sua filha. A entrevistada foi extremamente solícita e demonstrou interesse no passeio. Além dela houve ainda Jean do qual não há imagens, pois a bateria da câmera havia acabado.

Neste mesmo dia tivemos mais duas entrevistas, que não foram utilizadas no documentário, referentes a dois senhores. O primeiro morador de Mesquita, cidade vizinha, que não atendeu ao recorte da pesquisa, e outro que não se sentiu seguro para assinar a autorização, mesmo com toda a explicação e demonstração da proposta do projeto.

Ficamos no local até 13:30 porque a bateria da câmera havia acabado e o cartão de memória dela estava cheio. Animadas com a repercussão e com o andamento do trabalho e visando alcançar outro público decidimos voltar à praça no mesmo dia na parte da tarde.

Retornamos ao local às 16:30, eu, Sara e Vinícius, para aproveitar o horário de saída do trabalho dos que por ali circulavam. O que encontramos foi outra Praça Rui Barbosa. Aos poucos foram se organizando locais de venda de comida, como cachorro quente, hambúrgueres e salgadinhos, assim como a presença de barraquinhas com os mais diversos tipos de produtos. Sentimos que nossa presença incomodava, não pelo que estávamos propondo fazer, mas por ocuparmos espaço destinado às mesas e cadeiras desses vendedores, os quais, aos poucos, as colocavam ao nosso redor. Em certos momentos tivemos a sensação de sermos percebidos pelos passantes como consumidores e em outros de estarmos invisíveis naquele espaço.

³⁷ Devido a produção do documentário foi necessário o pedido de direito de imagem, questão essa que deixou alguns dos entrevistados desconfortáveis. O mesmo pode ser visto no Anexo C.

Com o incômodo crescente, devido principalmente à indiferença das pessoas, permanecemos na praça até 18:30. O local era outro, a dinâmica era distinta e a impressão que havia é que na organização ali instaurada esse tipo de trabalho não tinha espaço.

Levantar porquês de algumas pessoas pararem, de outras apenas olharem, fazerem piadas ou não nos verem ali traz reflexões sobre a forma como elas se relacionam nas cidades.

Georg Simmel (1903), em *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*, aponta que a vida nas grandes cidades está imersa em um volume gigante de informações. Se Simmel reconhecia isso no início do século XX, o que vemos no século XXI é a intensificação desse fenômeno, pois as constantes ondas de informação nos chegam não apenas quando estamos nos centros urbanos. Esse fenômeno faz com que se tenha um movimento de proteção por parte do indivíduo contra a avalanche que ameaça soterrá-lo, sendo um desses mecanismos o caráter blasé diante da vida (SIMMEL, 1903). Tal atitude é marcada pela percepção de que certas informações tem um valor nulo, não se devendo, portanto, dedicar momentos de atenção a elas, gerando a preservação de si para ocasiões vivenciadas na esfera particular, ou seja, adotando uma estratégia de manutenção e proteção dessas relações. Nessa perspectiva percebemos à nossa volta apenas os elementos capazes de nos tocar pessoalmente.

Essa concepção é reiterada a partir do momento em que as pessoas que chegavam até a estrutura que montamos questionavam, primeiro, sobre Nova Iguaçu, não sobre quem éramos, o que queríamos ou algo do gênero. O assunto “Nova Iguaçu” era para elas o mais relevante.

Utilizamos ainda como recurso para despertar o interesse dos transeuntes a exposição da câmera na mesa, por vezes gravando algumas cenas da cidade ou simulando entrevistar Sara, pois percebemos como a câmera operava em determinados momentos enquanto elemento inibidor daqueles que chegavam dispostos a ser entrevistados e em outros também enquanto um atrativo aos olhares dos passantes.

Ao final daquele dia saímos da praça com um leve sentimento de frustração, mas igualmente de reconhecimento da dinâmica ali existente.

2.4.2. Quarta-feira, 19 de julho de 2017

No segundo dia, em uma manhã com clima chuvoso, voltamos eu e Sara para a Praça Rui Barbosa. Para nossa surpresa, acontecia a Feira da Roça de Nova Iguaçu³⁸, fundada em 2006. Dividimos o espaço com outras barracas de frutas, legumes e afins, montamos novamente a estrutura e aguardamos aproximações.

Nesse dia, cinco pessoas pararam para conversar conosco. A primeira foi Jorge, advogado. No começo se mostrou receoso quanto à câmera, mas disposto a conversar. Após alguns minutos de diálogo informal se dispôs a gravar as respostas para nossas perguntas. Ao final chamou um amigo seu, João, um dos produtores da feira e que também participou proativamente na entrevista.

Ao final da entrevista de João, dois amigos que circulavam pela feira demonstraram curiosidade sobre a proposta e foram solícitos em participar, propondo que ao final da entrevista respondêssemos a algumas perguntas. A entrevista foi feita em conjunto. Ao encerrarmos a gravação nos perguntaram coisas sobre o propósito da pesquisa, de onde éramos e afins e se apresentaram enquanto Fernando Cid, secretário de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Agricultura e Turismo de Nova Iguaçu e Paulo César Rodrigues Faisca,

³⁸ Mais informações sobre a Feira em <<http://www.noticiasdenovaiguacu.com/2014/10/feira-da-roca-e-sucesso-em-nova-iguacu.html>>. Acessado em 28 de janeiro de 2018.

superintendente de Agricultura³⁹. Ressalto que durante a entrevista nenhum dos dois apresentou-se com tais cargo, mas sim, respectivamente, como policial aposentado e produtor rural/empresário.

Fernando e Paulo César demonstraram interesse na proposta da pesquisa, defendendo a importância de tais estudos para a região e que gostariam de ter acesso aos resultados dele no final da pesquisa. Ao irem embora, esqueceram uma compra, o que nos levou a nossa última entrevista do dia, Tatiane, que trabalhava na parte administrativa da secretaria supracitada e demonstrou interesse em participar ao chegar para buscar as sacolas.

Com a entrevista de Tatiane, o céu ficando cada vez mais cinzento e a feira terminando, demos por encerrado mais um dia de pesquisa.

2.4.3. Quinta-feira, 20 de julho de 2017

Era o terceiro dia de pesquisa e me dirigi com Sara ao outro local escolhido para a pesquisa: a praça de Vila de Cava. Chegamos lá às 14:30, montamos nossa estrutura e aguardamos. A praça tem um clima bucólico, com árvores, balanços e escorregas; algumas barracas de comida ainda fechadas e comércio em volta. O movimento é frequente, porém em ritmo desacelerado em comparação com a Praça Rui Barbosa, dividimos o espaço com crianças e pais, religiosos Testemunhas de Jeová com seus estandes e folhetos e pessoas que aguardavam seus ônibus, já que além de ser a praça central de bairro é também – ou talvez, justamente por isso – o ponto final de uma série de ônibus que fazem o trajeto para “Nova Iguaçu”, “Central” e “Tinguá”.

Apesar do volume significativo de transeuntes, não houve comoção com nossa presença. Se na Praça Rui Barbosa causamos algum tipo de transformação no ambiente, mesmo que fosse apenas no campo da curiosidade e dos olhares, a Praça Vila de Cava não pareceu alterar sua rotina por nossa presença.

Ficamos algumas horas lá e apenas uma pessoa parou questionando sobre a câmera, dizendo gostar de fotografia, mas sem interesse em participar do projeto nem de conversar conosco.

Aproveitamos esse tempo de espera para refletirmos sobre os entrevistados até então e percebemos a concretização de um medo antigo: um recorte geracional e de gênero, tendo em vista que pararam para falar conosco, majoritariamente, homens acima dos cinquenta anos de idade.

Em um processo que demonstra as reviravoltas de produzir saber científico em um espaço já familiar, desnaturalizar a cidade foi e é fundamental na construção dessa pesquisa. Esta percepção, assim como o conhecimento que possuo desse local, me permitiram reorganizar a abordagem visando conferir a este trabalho uma diversidade maior na amostragem obtida. Diante dessa conclusão decidi ir à Praça do Skate.

Essa praça não havia aparecido inicialmente como espaço para a construção do campo por se constituir em um espaço frequentado principalmente por jovens – havendo encontros grupos como LGBTQI+, góticos, skatistas, entres outros – o que poderia estabelecer uma padronização das idades. Como, ironicamente, o que se constituiu foi a unidade geracional no

³⁹Fernando Cid é atual presidente do PCdoB Nova Iguaçu, já tendo exercido três mandatos como vereador da cidade. Paulo César Faisca é dono da Fazenda Faisca na região de Tinguá, sendo este indiciado por crime ambiental, disponível em <<http://www.mpf.mp.br/rj/sala-de-imprensa/docs/pr-rj/ACP-%20Fazenda%20Faisca%20-%20JSM%20.pdf>>. Acesso em 28 de janeiro de 2018.

outro extremo da faixa etária, após o silêncio na Praça Vila de Cava⁴⁰, fomos para a Praça do Skate, visando completar as dez entrevistas propostas inicialmente.

Chegamos por volta das 17:30 e encontramos uma praça movimentada em uma tarde ensolarada, com grupos de jovens praticando slackline⁴¹, skate e vôlei de praia. Várias pessoas circulavam buscando um caminho para atravessar a cidade, pois uma de suas saídas é em frente ao Viaduto Padre João Musch, elo de conexão entre dois lados da cidade.

Não permanecemos muito tempo no local, pois já estava escurecendo e a ausência da luz natural dificultaria a filmagem, porém, no pouco tempo que lá ficamos, Vanessa, que levava seu cachorro para passear e é moradora das redondezas, parou e conversou longamente sobre a relação dela com a cidade, incluindo aspectos históricos em suas falas, contando como costumava ser a cidade e como ela “mudou” com o passar os tempos.

Abro um parêntese aqui com o objetivo destacar uma narrativa sobre a cidade que se baseia a partir da construção histórica e que foi obtida em uma conversa informal que fizemos no dia 19 com Hugo – nome fictício, pois ele não se apresentou – vendedor de algodão doce na Praça Rui Barbosa. Hugo disse que nos percebeu ali desde o primeiro dia. Não era mais morador de Nova Iguaçu, pois havia se mudado para Japeri, mas nos perguntou sobre nossa presença ali. Após explicarmos começou a relatar sobre como aquele espaço era anteriormente. Segundo ele, houve uma época em que o local no qual estávamos era ponto final de diversas linhas de ônibus e onde havia uma grande quantidade de “pivetes morando” sobre as marquises desses pontos, ressaltou o fato desses jovens realizarem vários roubos. Ilustrou esse caso ao contar sobre um assalto feito por esses à loja das Casas Bahia, próximo ao local, através de um buraco aberto no telhado. Encerrou sua narrativa relatando como os mesmos foram sendo “extintos” por “certas pessoas da região” que “deram um fim neles”⁴².

Voltando a Vanessa, tivemos uma longa entrevista que foi gravada, porém ela não quis assinar o termo de uso de imagem. Após essa entrevista decidimos voltar no dia seguinte, um pouco mais entusiasmadas e com uma certeza: a Praça do Skate estaria mais cheia, pois lá há um encontro informal⁴³ de jovens nas sextas-feiras.

2.4.4. Sexta-feira, 21 de julho de 2017

Chegamos à sexta-feira, data na qual, a essa altura da pesquisa, esperávamos ser o último dia de campo deste primeiro momento. Às 16:20, eu, Sara e Vinicius montamos nosso espaço, escolhendo tal horário pelo conhecimento de que o encontro costuma começar após as cinco horas.

O primeiro a nos conceder a entrevista foi Carlos, advogado, morador próximo a localidade, e que construiu sua narrativa atrelada a questão histórica de Nova Iguaçu.

⁴⁰ Acredito que no espaço da Praça Vila de Cava uma abordagem sobre as pessoas, as chamando para participarem do nosso estudo, funcionaria tendo em vista que há uma quantidade significativa de pessoas que circulam nesse espaço. Porém, como a proposta não era essa e sim das mesmas virem ao nosso encontro, não o fizemos e de tal forma não obtivemos repercussão em nossa presença ali.

⁴¹ “O Slackline é uma prática corporal realizada em uma fita estreita e flexível, de nylon ou poliéster, tencionada em dois pontos fixos, onde são realizados movimentos estáticos e dinâmicos.”. Disponível em <<http://www.slackproof.com/o-que-e-slackline>>. Acessado em 28 de janeiro de 2018.

⁴² Tal relato traz consigo não só um emaranhado de narrativas criadas a partir de referências históricas sobre a cidade inscrita inclusive em traços arquitetônicos e populacionais, mas também em um registro de diversas violências que ocorriam nesse espaço e que parecem nesta circunscrições em diversas formas e momentos nas experiências de seus moradores, tal como foi descrito no capítulo um, ainda que quando questionados sobre isso os entrevistados não colocam a questão da segurança em primeiro plano criando inclusive um esquema de comparação com a cidade do Rio de Janeiro que seria mais violenta.

⁴³ Chamo de informal pois não é organizado por nenhum grupo específico.

Em seguida chegou Brendo entregando folhetos da hamburgueria de seu irmão e que também participou, tendo a visão mais crítica sobre a cidade até então. Sua perspectiva sobre Nova Iguaçu foi corroborada pelos entrevistados que vieram em seguida, Matheus e Cleiton. Ambos pediram para que tomássemos conta da sua mochila para irem ao banco, na volta apenas Matheus se interessou em conversar conosco, Cleiton ficou de fora observando e fazendo constantes intervenções nas questões e nas respostas de seu amigo, sem, contudo, se dispor a fazer a entrevista de forma direta.

Às 18:30 já havíamos atingido nosso objetivo e estávamos aliviados por não ter de filmar por mais tempo devido a questão da luminosidade. Ao final desses quatro dias de campo coletamos treze entrevistas, sendo que as utilizadas no documentário serão apenas onze, excluindo a de Jean por uma falha técnica na gravação e a de Vanessa por não termos sua autorização para o uso de imagem.

Sobre essa experiência tirei algumas conclusões. A primeira é de ter sido um campo cansativo, estressante e em muitos momentos desencorajador. A sensação de que as pessoas não se envolveriam e de certa invisibilidade foi intensificada pela experiência vivida na Praça Vila de Cava. Esses sentimentos, creio eu, estavam ligados às pressões estabelecidas sobre a produção da pesquisa e o temor de que não ocorresse da maneira imaginada, gerando uma espécie de angústia que parecia pôr a prova todo trabalho até então feito.

Outras questões que vieram à tona ao final dessa etapa, para as quais não tenho resposta, foi a razão para mais pessoas acima dos 50 anos e mais homens do que mulheres pararam para a entrevista. Questiono esse dado devido ao fato da circulação nesses espaços, principalmente da Praça Rui Barbosa, não se caracterizar por uma distinção clara em relação ao gênero ou faixa etária dos transeuntes. Não obtive uma resposta sobre o assunto principalmente por essa não ser a questão em si estudada, mas acredito que em outro momento ela possa permitir diferentes chaves de entendimento para pensar sobre como pessoas com diferentes marcadores sociais pensam, percebem e ocupam o espaço público.

Um apontamento extremamente pertinente em relação a essa etapa do trabalho é a interação dos transeuntes com os dizeres da placa ou conosco, os quais, em grande parte, envolviam brincadeiras, risadas e críticas à cidade feitas de forma indireta. Essas ações e a recusa a participarem da entrevista podem ser lidas como uma pressuposição dessas pessoas quanto à visão esperada por nós das narrativas, como se fossem cabíveis apenas falas positivas sobre Nova Iguaçu onde o negativo não seria ouvido. Tais atitudes ocorreram apenas da Praça Rui Barbosa, local onde as entrevistas em seu total canalizaram aspectos positivos da cidade e que foram feitas em sua maioria por pessoas acima dos 50 anos. Em contraponto, na Praça do Skate as críticas apareceram nas entrevistas de forma direta e feita majoritariamente por jovens.

Como última questão destaco que a presença câmera, assim como o termo de direito autoral, foram elementos geradores de insegurança nas pessoas. O primeiro permeado por uma narrativa de timidez e o segundo sempre acompanhado do questionamento sobre ser necessário colocar todos os dados.

Durante todo o trabalho demonstro a presença de diversas pessoas na construção dessa pesquisa e, portanto, acredito ser relevante abrir espaço para que uma delas, sem a qual o trabalho certamente não se concretizaria, deixe aqui suas impressões quanto a esse campo vivido: Sara.

“Cresci na Zona Oeste do Rio de Janeiro, tudo o que eu sempre ouvi falar sobre Nova Iguaçu era o que eu via na tv em reportagens sobre violência e falta de assistência pública, ou o que eu ouvia do meu ciclo familiar, uma tia que se mudou para Nova Iguaçu, porém nunca foi uma moradora fixa, falava de casos ruins que aconteciam lá e o resto da família falavam como ela “morava mal” por morar em Nova Iguaçu.

Como até a faculdade eu nunca havia ido à cidade, salvo uma única vez que fui apenas à casa dessa tia, que é bem interior. Tive uma grande ressignificação sobre nova Iguaçu a partir da interação com reais moradores que estudaram comigo. Colaborar nesse campo com Marília foi de longe a maior parte dessa ressignificação, descobri e conheci lugares que eu nem sabia que poderiam existir na cidade, conversei com pessoas e ouvi biografias de um lugar que para eles é tão significativo e carregado de histórias que ao ouvir como falavam dessa cidade com tanta paixão e brilho no olhar, facilmente absorvido pelo ouvinte. Eu pude perceber como os entrevistados externavam uma relação de amor ambíguo, daquelas que “só quem pode falar mal é quem vive aqui”, o que mais ouvi nos dias de campo foi “Violência tem em todo lugar, não é só aqui”, que as pessoas por mais que não parassem para realmente fazer a entrevista, sempre reagiam ou respondiam alguma maneira à placa “Vamos falar sobre nova Iguaçu?”, fosse positiva ou negativamente. Por muitas vezes observava que as pessoas respondiam à pergunta seja resmungando algo sozinhas ou com os que estavam conversando com elas, vi que as pessoas realmente têm muito para falar sobre a cidade, acredito que o que falta é quem as escute.

Hoje tenho um carinho muito especial pela cidade e sou a que defende Nova Iguaçu no meio dos que também só conhecem por outros meios que não o de conhecer, viver e senti-la.”⁴⁴

2.5. O passeio

Em todas as entrevistas explicávamos às pessoas sobre a pesquisa e o segundo momento do passeio, perguntando se estavam dispostas a participar. Com exceção de João, as outras se mostraram receptivas a proposta. Com a primeira parte finalizada e com o roteiro definido no sábado (dia 22), comecei os contatos, que, assim como a primeira parte, não saíram como o esperado.

Decidi não chamar nem Fernando nem Paulo César devido às posições políticas ocupadas na administração municipal, pois acreditei que suas presenças trariam respostas de cunho governamental para as questões levantadas, distorcendo o objetivo desse trabalho desse trabalho. A partir dessa decisão, tentei ligar para todos os demais entrevistados: com Mauricio, Jean e Matheus não consegui entrar em contato; Nélio afirmou que não poderia devido a questões médicas; Rejane também não pode por questões médicas do seu marido; João havia dito que não possuía interesse; Tatiane não poderia devido ao trabalho assim como Carlos; Vanessa e Brendo não me responderam. Sendo assim, o único que confirmou foi Jorge. Com apenas uma pessoa não achei viável a produção da pesquisa e desmarquei a atividade.⁴⁵

Após a frustração a questão a ser resolvida era de como produzir o outro momento da pesquisa. No grupo de orientação, ao levar minhas dúvidas de como prosseguir, Jannyne – aluna que compunha o mesmo – sugere a ideia da utilização de informantes, nos moldes mais clássicos das Ciências Sociais, a partir de alguns participantes do grupo, também moradores de Nova Iguaçu.

Após definido isso, o questionamento seguinte foi sobre a provável uniformidade de marcadores sociais dessas pessoas, tendo em vista o fato de como um integrante do grupo indicaria um informante e esse último traria outra pessoa para a pesquisa corria-se o risco de deparar-me com um grupo unilateral e similar quanto às visões sobre a cidade. Como uma

⁴⁴ A fala de Sara está em itálico como uma maneira de diferenciar a fala dela da minha narrativa.

⁴⁵ Além desses fatos, não ignoro a possibilidade de os entrevistados não terem ido seja por falta a empatia ou por receio de sair em um passeio com pessoas que não conheciam.

tentativa para sanar essa limitação foi sugerida à utilização dos dados do IBGE⁴⁶ buscando a pluralidade desejada.

A multiplicidade de marcadores sociais que compõem as sociedades é incontável. Em uma cidade com Nova Iguaçu que possui 796.257 pessoas, segundo dados do IBGE no ano de 2010, essa diversidade não seria menor. Ao analisar os dados desse instituto em relação à cidade escolhi três tópicos aleatoriamente: característica da população, religião e educação. Ao analisá-los percebi a existência de diversos arranjos possíveis, assim como de várias combinações de marcadores intercessores e com base neles foram construídas as tabelas a seguir.⁴⁷

⁴⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁴⁷ Os dados podem ser consultados na íntegra no site do IBGE. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330350&search=rio-de-janeiro|nova-iguacu>>. Acesso em 18 de novembro de 2017.

Tabela 1 - Análise das amostras sobre características da população.

ANÁLISE DOS DADOS DO IBGE DE 2010 SOBRE A CIDADE DE NOVA IGUAÇU NO CENSO DEMOGRÁFICO COM AMOSTRA SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO	
Pessoas residentes em domicílios particulares, ⁽¹⁾ cor ou raça Parda, com rendimento de Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	129977 pessoas
População residente, Total, 40 a 49 anos	110617 pessoas
População residente, Urbana, 40 a 49 anos	109472 pessoas
Pessoas residentes em domicílios particulares, ⁽¹⁾ cor ou raça Parda, com rendimento de Mais de 1/4 a 1/2 salário mínimo	87116 pessoas
Pessoas residentes em domicílios particulares, ⁽¹⁾ cor ou raça Branca, com rendimento de Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	85887 pessoas

Tabela 2 - Análise das amostras sobre religião.

ANÁLISE DOS DADOS DO IBGE DE 2010 SOBRE A CIDADE DE NOVA IGUAÇU NO CENSO DEMOGRÁFICO COM AMOSTRA SOBRE RELIGIÃO	
População residente, religião evangélicas	294099 pessoas
População residente, religião católica apostólica romana	263499 pessoas
População residente, religião sem religião	168600 pessoas
População residente, feminina, religião evangélicas	166657 pessoas
População residente, cor ou raça parda, religião evangélicas	146197 pessoas

Tabela 3 - Análise das amostras sobre educação

ANÁLISE DOS DADOS DO IBGE DE 2010 SOBRE A CIDADE DE NOVA IGUAÇU NO CENSO DEMOGRÁFICO COM AMOSTRA SOBRE EDUCAÇÃO	
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que não frequentavam a escola - Total	509840 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, Médio completo e superior incompleto - Total	181329 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade que frequentavam a escola – Total	171453 pessoas
Pessoas de 10 anos ou mais de idade, fundamental completo e médio incompleto - Total	147912 pessoas
Pessoas que frequentavam regularmente o ensino fundamental – Total	126315 pessoas
População residente – Total	796257 pessoas

É possível observar, a partir da interseção dos dados, que a maioria da população se encontra na faixa situada entre os 40 e 49 anos; é moradora da área tida como urbana; declara-se parda e recebe entre meio e um salário mínimo. Também identifiquei o fato de variações da maior parte da população acontecerem devido ao valor da renda e a cor ou raça.

Quanto à segunda tabela, a maioria da população se identifica evangélica, existindo variações em relação ao recorte de gênero e de cor ou raça. Seguido pela população católica, e por fim aqueles que se autodeclaram sem religião.

A terceira e última tabela apresenta o recorte relacionado à escolaridade. Para uma análise mais proveitosa para essa pesquisa desconsidere os dados referentes aos que não frequentaram a educação infantil, números esses que são os mais altos do estudo, pois tal etapa de ensino ainda não era obrigatória no município até 2016, quando se obrigatória a matrícula de crianças a partir dos quatro anos de idade. Com base em um recorte nos dados e tendo em vista apresentarem diversos marcadores de idade, faixa etária e renda assumi para esse trabalho apenas os maiores números totais dos que frequentaram ou não a escola em determinadas séries.

De posse dos dados acima estabeleci três perfis norteadores quanto aos marcadores sociais necessários aos meus futuros pesquisados:

a) Autodenominado evangélico (a);
Com a idade entre 40 e 49 anos;
Não frequentasse a escola.

b) Autodenominado católico (a) apostólico romano;
Com a idade entre 40 e 49 anos;
Morador da área urbana;
Com Ensino Médio completo e superior incompleto.

c) Sem religião;
Autodenominado de cor ou raça branca;
Com renda entre meio e um salário mínimo;
Com Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto.

Realizada essa etapa, iniciei a busca pelas pessoas que participariam da pesquisa a partir de contatos próximos a mim, dispostas a me ajudarem nessa etapa. Pedi a conhecidos para indicarem uma pessoa, a qual, por sua vez, me levaria a contatar um terceiro indivíduo. Essa organização se deu como uma tentativa de constituir uma separação entre as duas pontas da pesquisa, ou seja, ao anseio de chegar até pessoas que não conheciam e que não tiveram contato prévio com a pesquisa. Igualmente, busquei preservar o grupo participante de uma pré-seleção feita por conhecidos, que poderiam convidar pessoas, as quais em sua perspectiva seriam supostamente capazes de trazer aspectos “mais interessantes” para a pesquisa. Esse cuidado foi tomado não aspirando uma neutralidade ou imparcialidade, mas tentando sanar e aparar arestas do processo.

A primeira das informantes foi Camila, estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, participante do mesmo grupo de orientação do qual faço parte e moradora de Nova Iguaçu. Camila foi solícita e disse que poderia estabelecer o contato com uma pessoa que corresponderia aos primeiros marcadores que cruzei.

A segunda pessoa que me ajudou na busca foi Adolfo, meu pai, integrante da comunidade católica Cristo Ressuscitado como Ministro da Palavra, a qual se situa no bairro Vila Anita, em Nova Iguaçu. A partir de sua rede de contatos pedi que me indicasse uma pessoa

Católica Apostólica Romana, autodenominada de cor ou raça parda e com renda de 1/2 a 1 salário mínimo e com ensino médio completo e superior incompleto.

Por fim, acionei Vinícius, já citado nesse trabalho e com uma rede ampla de contatos na cidade, e pedi que me indicasse alguém sem religião; autodenominado de cor ou raça branca, com renda de entre meio e um salário mínimo e com ensino fundamental completo e ensino médio incompleto.

Ao mesmo tempo em que procuravam estabelecer tais contatos, eu tentava articular o passeio. Encontrei um novo percalço nesse processo. Diante do fato de trabalhar, tinha que fazer esse passeio no mês de janeiro de 2018, tal limitação obrigou-me a reestruturar a logística do mesmo, pois haveria sarau no Bar Cultural nesse período, retornando apenas no mês de março. Diante dessa questão surgiu a possibilidade de realizar a visita a dois pontos histórico de Tinguá: o Cemitério dos Escravos e o Porto de Iguassú.

A opção acima levou a alteração do viés do trabalho, pois ao retirar do itinerário o Sarau e o Cineclube a possibilidade de dialogar com espaços de lazer construídos por uma organização autônoma deveria ser posta em segundo plano. Diante da possibilidade de ser obrigada a abrir mão de tal dimensão coloquei essa ideia de lado. Em seu lugar surgiu a opção de levar os futuros entrevistados a um evento, realizado pelo idealizador do Cineclube Buraco do Getúlio, chamado Mormaço.



Figura 10 - Print do evento da festa no Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/events/309042122939731/>>. Produzido em 20 de janeiro de 2018.

Sendo uma iniciativa autônoma, a festa atende os requisitos estabelecidos durante a programação do passeio que passou a ter como roteiro a visita ao Parque, ao Museu e a festa.

Com esse obstáculo transposto, encontrar as pessoas dentro dos marcadores definidos mostrou-se uma tarefa mais difícil do que supus inicialmente. Os informantes tentaram, porém não conheciam ninguém que se adequasse aos parâmetros estabelecidos e mais uma vez necessitei reorganizar a forma da pesquisa.

Como Nova Iguaçu é uma cidade que possui diversas faculdades e universidades, surgiu a opção de alterar o recorte e defini-lo a partir de três universidades: Estácio de Sá, Universidade de Nova Iguaçu (UNIG) e Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar (UFRRJ – IM). Não coloquei nenhum tipo de marcador social e os únicos requisitos necessários seriam: ser estudante e morador de Nova Iguaçu.

Iniciei essa etapa entrando em contato com pessoas que conhecia nessas universidades: Camilla na UFRRJ – IM, Jonathas na UNIG e Grazielle na Estácio de Sá. Essa última não pode me ajudar, pois já havia concluído seu curso e não conhecia ninguém para me indicar. Camilla e Jonathas me indicaram Andrea e Felipe, respectivamente, os dois foram extremamente solícitos, porém no dia programado, o qual não havia como ser alterado devido a festa, ambos não poderiam. Perguntei se possuíam alguém para me indicar, porém não tive retorno.

Persistindo no recorte acima, solicitei ingresso nos grupos do Facebook das universidades. Por ser um local virtual onde se concentra uma quantidade significativa de alunos acreditei ser viável tentar utilizar esse meio, porém só fui aceita no grupo da Estácio dois dias após a festa.

Diante de tais reviravoltas o objetivo de concretizar essa pesquisa nos moldes idealizados inicialmente estava cada vez mais distante. A indisponibilidade das pessoas para participarem do passeio, fosse por falta de interesse ou dificuldade de conciliar datas, foram elementos que estiveram presentes em todo esse trajeto, fazendo com que reinventar e reimaginar esse trabalho se tornasse um movimento necessário e constante. Dessa forma, mais uma vez, foi preciso sair da zona de conforto e repensar como esse seria construído.

Foi nesse momento que surgiram duas ideias que conseguiram ser convertidas em um único projeto. Eliska, minha orientadora, sugeriu um levantamento quantitativo sobre a relação das pessoas com a cidade e seus locais de lazer. O mesmo seria feito nas praças onde eu já havia realizado o campo utilizando perguntas e abordagens diretas aos que circulam nesses espaços. Concomitantemente, surge a ideia de entrevistar pessoas que já frequentavam tais espaços de lazer na busca de compreender suas relações com a cidade e esses locais.

A partir dessas duas ideias entrelaçadas acreditamos ser possível concluir algumas questões: quais espaços de lazer são conhecidos pelas pessoas? Quais os marcadores sociais presentes entre as pessoas que conhecem e frequentam locais de lazer não midiaticamente popularizados? E, principalmente, se há uma distinção da visão sobre a cidade de Nova Iguaçu por parte de frequentadores e não frequentadores de espaços alternativos de lazer?

Diante de todas as reviravoltas relatadas, criei um recorte que demonstrou na prática ser mais viável: entrevistar moradores presentes nos espaços de lazer, identificando quem são seus frequentadores e sua opinião sobre a cidade. Também decidi entrevistar moradores de Nova Iguaçu que estudam na UFRRJ – IM sobre como veem a cidade e quais espaços de lazer conhecem.

Tomada a decisão acima elaborei um crachá para mim e para Sara como forma de identificação, reformulei o questionário⁴⁸, pegamos a câmera e fomos para as ruas.

⁴⁸ O novo modelo de questionário pode ser visto no Anexo D assim como o crachá, produzido para gerar uma relação de confiança com os entrevistados e entrevistadas, no Anexo E. Além disso foram criados questionários específicos para as entrevistas feitas nos locais de lazer e cultura, presente no Anexo F.

2.6. O novo campo

A chegada à Rural foi mais simples, inclusive logisticamente, do que aos campos anteriores. Tal fato se deve em grande parte por pertencermos, eu e Sara, a essa universidade, ainda que em outro campus, pois criou uma sensação de domínio sobre o local e suas formas de se organizar, sensação essa baseada em uma ideia de coletividade entre os estudantes da universidade (autodenominados de ruralinos).

A particularidade de fazer a pesquisa nesse novo local se deve ao fato de todos os entrevistados possuírem nível médio completo e cursarem a graduação, gerando assim um novo recorte levado em consideração na análise das entrevistas. Fomos à universidade no dia 07/08/2018, no período da noite, onde obtivemos seis entrevistas, e no dia seguinte no turno da manhã conseguindo mais três.

A partir desse novo molde, no qual abordamos nossos interlocutores, notamos que, proporcionalmente, houve uma quantidade significativa de alunos da universidade não eram moradores da cidade, assim como casos de pessoas que passaram a residir em Nova Iguaçu devido ao ingresso à Universidade.

No primeiro dia a dinâmica encontrada foi propícia à realização das entrevistas, pois havia vários estudantes no pátio e a maioria dos abordados se mostrou prestativa a contribuir com o trabalho. Poderíamos, eu e Sara, ter alcançado o quantitativo apenas naquele turno, mas, visando uma amostragem mais diversas, tendo em vista que os cursos são alterados de acordo com o turno, decidimos voltar no dia 08 pela manhã. Lá retornando, o espaço encontrado foi outro⁴⁹, o esvaziamento da universidade era notável, provavelmente devido aulas que aconteciam, portanto, a demora na obtenção das entrevistas foi maior. Ainda que com uma dificuldade, a quantidade almejada foi alcançada e começamos a traçar estratégias para a ida aos espaços de lazer na cidade.

Diferente do ambiente da universidade, os próximos locais em que fomos e que serão apresentados a seguir eram espaços de socialização, nos termos de Simmel (2006):

Assim como aquilo que se pode chamar de impulso artístico retira as formas da totalidade de coisas que lhe aparecem, configurando-as em uma imagem específica e correspondente a esse impulso, o ‘impulso de sociabilidade’, em sua pura efetividade, se desvencilha das realidades da vida social e do mero processo de socialização como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de ‘sociabilidade’ [*Geselligkeit*] em sentido rigoroso. (SIMMEL, 2006, p.64).

Sendo assim, a postura adotada pelos entrevistados nesse espaço é distinta, por estarem em um momento atípico, de lazer, estando, portanto, imbuídos de um maior “impulso da sociabilidade”, o qual irá refletir em suas percepções e respostas. Com essa ideia em mente seguimos em direção aos locais de lazer viáveis naquele momento: o Parque e a Roda de Rap, os quais inclusive possuíam eventos no mesmo dia, sendo um no horário da manhã e o outro no da noite.

⁴⁹ Tal qual a mudança de dinâmica ocorrida na Praça Rui Barbosa, a UFRRJ – IM, demonstra outra organização e convivência relacionada aos horários do dia. Destaco isso pois acredito ser mais um indício de reflexão sobre como os espaços e lugares são alterados a partir das mais diversas questões, consciente ou inconscientemente pelos indivíduos, seja pelo público em si lá presente ou, até mesmo, pelo horário do dia.

2.6.1 “Eu vou nas asas de um passarinho”⁵⁰

Ainda na companhia de Sara, fomos ao Parque Municipal pretendendo conversar com a administração para explicar a pesquisa e requisitar autorização para sua realização. Ao chegarmos lá, em uma manhã de sexta-feira, foi-nos indicado Edgar, administrador do Parque, extremamente prestativo não só ao nos permitir realizar o trabalho dentro do Parque como também narrando um pouco da história dessa instituição, as descobertas históricas ali realizadas, os encantos naturais e as dificuldades enfrentadas no cotidiano de sua administração.

Em meio à conversa Edgar referiu-se a um projeto organizado por sua administração em parceria com a Secretaria Municipal de Turismo (Semadetur) com o intuito de levar pessoas a conhecerem o Parque: Música na Natureza. O evento teve início como forma de comemoração do Dia Mundial da Água e contou com a apresentação de músicos no espaço da Pedreira, palco ao ar livre localizado dentro do parque.

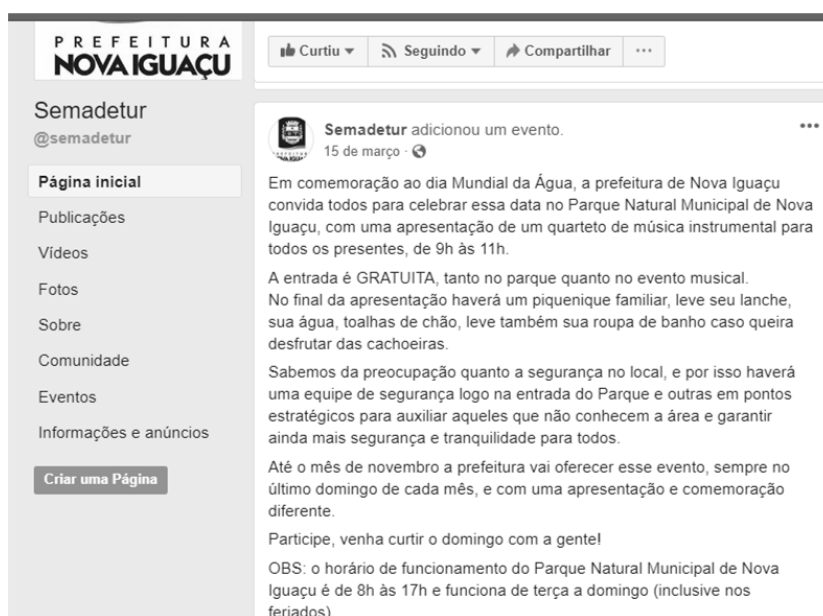


Figura 11 - Imagem printada da página da Semadetur no Facebook que relatava sobre a promoção do primeiro evento. Disponível em <<https://bit.ly/2LDrjh4>> produzida em 21 de dezembro de 2018.

Na edição em que fomos, eu, Sara e Letícia – minha colega de turma do mestrado – o tema era Emílio Santiago, cantor reconhecido da MPB falecido em 2013. No evento, além do palco montado de maneira informal e acolhedora, havia ainda uma exposição de fotos intitulada “Trabalhadores de Nova Iguaçu – Algumas fotografias” com trabalhos de Flávio Lara, curadoria de Domi Junior, produção Bigode Jorge e organização Semadetur. Junto a ela havia uma barraca com a venda de acarajés, tapiocas e afins.

⁵⁰ Trecho da música de “Beija Flor” da Timbalada e famosa na interpretação de Emílio Santiago em 1996.



Figura 12 - Imagem printada do evento produzido na página do Facebook. Disponível em < <https://bit.ly/2Q8Dnrg> > produzida em 21 de dezembro de 2018.

O espaço contava com pessoas de diversas idades, um grupo de pintores, outro da terceira idade, excursões, ciclistas, famílias e amigos. Ao chegarmos produzimos a primeira entrevista com Cristilene, que descobrimos trabalhar no parque enquanto estagiária da graduação em Geografia em curso na UFRRJ – IM. Um tempo depois os cantores começaram seu show e no intervalo realizamos mais três entrevistas, com o casal Marcos e Francisca, com

Mariana e, ao final do evento, com Natalia e Samuel. Todos coincidentemente estavam indo ao Parque pela primeira vez em decorrência do evento.

2.6.2 A roda de Rap

Terminada a etapa do Parque, comecei a pesquisar sobre a Roda de Rap Musição e não achei nenhuma previsão dessa. Ao garimpar no *Facebook* deparei-me com a divulgação da roda Catarse Rap marcado também para dia 02/09 no local em frente aonde ocorria a anterior e eu e Sara decidimos comparecer.

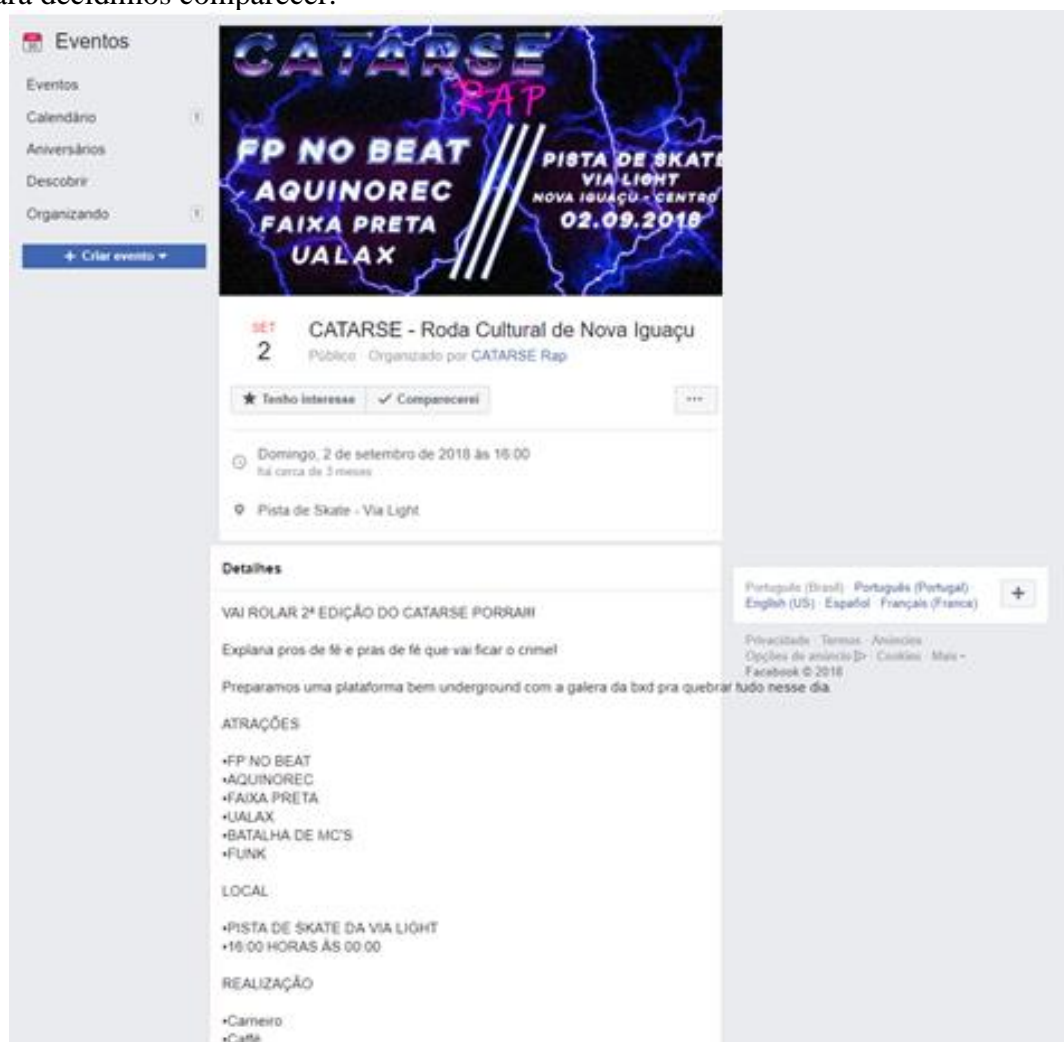


Figura 13 - Imagem printada do evento produzido na página do Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/events/398343160696766/>> produzida em 29 de dezembro de 2018.

O evento contava com uma quantidade menor de pessoas do que a registrada em nossa visita anterior anteriormente relatada. Ali chegando começamos coletando a entrevista de Tom, amigo do organizador, João, com o qual pudemos conversar e descobrir que o evento é fruto de uma divisão do Musição, ocorrida devido às discordâncias internas. Após ele entrevistamos os amigos Vitória e Davi, Guilherme e encerramos com Cintia.

Também estava presente o secretário municipal Fernando Cid, conhecido por nós na Praça Rui Barbosa, o qual, segundo João, visitava recorrentemente o evento, ação

compreendida pelo organizador como forma de incentivo do poder público a essa iniciativa cultural.

2.6.3 Cineclube

Fiquei atenta durante todo o tempo de pesquisa sobre as próximas sessões do cineclube, porém, na única ocorrida no período – 21 de julho de 2018 – não foi possível comparecer. Terminei optando por trabalhar com as informações coletadas nos dois espaços acima, pois, como a visita ao museu Odé Gbomi é feita a partir de reservas, não consegui adequar minha agenda a da instituição.

Terminada a coleta de narrativas e imaginários sobre Nova Iguaçu, em um campo que se mostrou vivo, mutável e constantemente desafiador, iniciou-se uma nova etapa de trabalho tão instigante quanto a primeira. Ela é apresentada a seguir e ao lê-la é possível identificar as distinções e aproximações presentes nas narrativas dos entrevistados sobre Nova Iguaçu e uma análise sobre o dito e o não dito na fala de quem vive, trabalha, estuda e se diverte na cidade.

CAPÍTULO III: O que dizemos sobre nós – análise das entrevistas

Este último capítulo debruça-se sobre as falas contidas no documentário que acompanha a parte escrita de minha dissertação. Essa dupla apresentação dos resultados de minha pesquisa se deve a percepção de que a dimensão audiovisual tem o potencial de alcançar um público mais amplo do que uma dissertação acadêmica normalmente consegue, além do fato dessa forma de registro dialogar com uma tradição da Baixada de pensar-se através de produções audiovisuais.

Como dito no primeiro capítulo, alguns dos municípios da Baixada Fluminense possuem uma tradição na produção e exibição de audiovisuais, e acredito que esse movimento indica a existência de uma expressão que vai para além dos canais tradicionais, como associações, sindicatos ou partidos políticos, os quais, por suas características intrínsecas, tendem a restringir a forma de expressão de seus participantes.

Sendo assim, a meu ver, existe uma potencialidade ainda não explorada das pesquisas realizadas sobre e na Baixada explorarem um canal de comunicação que permitiria a academia dialogar não apenas com seus pares, mas com uma parcela da população. Tal forma de registro se mostra extremamente rica, pois oferece a quem antes seria apenas leitor a possibilidade de ocupar simultaneamente o espaço de espectador, ampliando as possibilidades de identificar camadas de significação que as palavras escritas pelo pesquisador muitas vezes, consciente ou inconscientemente, silenciam.

Minha percepção inicial, corroborada pelas observações feitas no campo, é de que há uma demanda no universo artístico e intelectual iguaçuano por canais capazes de dar visibilidade a narrativas sobre a cidade normalmente desconhecidas por uma parcela significativa da sociedade local. Nesta perspectiva, as rodas de rap, os saraus, os festivais de dança, os grafites na praça do skate, as peças, exposições na Casa de Cultura e outros eventos são elementos podem ser entendidos como respostas desses agentes culturais à demandas de moradores que se veem e pensam através lentes diferentes das utilizadas por agentes externos. Essa necessidade artística e cultural na cidade, ainda que não seja o foco central das narrativas dos entrevistados, aparece nas entrelinhas de suas falas de forma recorrente.

A construção do documentário, em termos de produção concreta, foi feita de forma orgânica, pois teve seus parâmetros estabelecidos pela opção de construir um espaço para as entrevistas localizado em praças (ou seja, além da mesa, das cadeiras e do cartaz, bastou acrescentar um microfone e uma câmera). Essa opção, somada ao fato de não dispor de equipamentos profissionais, impactou a qualidade do áudio, que apresenta dificuldade de compreensão em alguns momentos devido aos ruídos externos (esse problema técnico foi solucionado com a apresentação de legendas nos trechos menos claros).

Limitações práticas como a bateria ou o mau funcionamento do cartão de memória, bem como a falta de iluminação adequada foram reverses de produtores iniciantes, servindo de alerta para nós mesmos e aos pesquisadores que buscam nesse trabalho informação sobre as dificuldades da realização de uma pesquisa desse tipo.

A captura das imagens em si não apresentou problemas. Todas as entrevistas foram gravadas por Sara, enquanto as imagens de transição foram feitas por mim, por ela e por Vinícius. A resistência encontrada nos entrevistados, como já discutida, deveu-se principalmente à dificuldade em lidarem com o fato de serem gravados e expostos, mas, uma vez atravessada essa barreira inicial, as entrevistas tenderam a fluir.

Em uma entrevista, normalmente, há o encontro de dois ou mais sujeitos. Quando esse encontro é registrado audiovisualmente entram em cena dois elementos – a câmera e o microfone – os quais de alguma forma afetam o discurso dos entrevistados, seja tornando-os mais falantes e desenvoltos ou tímidos e retraídos. Tal entendimento me permite defender a produção audiovisual não como a forma mais fidedigna de registro, mas enquanto uma janela que oferece aos moradores de Nova Iguaçu a possibilidade de vislumbrarem uma paisagem mais complexa do que podiam supor existir, pois não está exposta na grande mídia.

A edição foi feita por mim, e recebeu respostas positivas e negativas a cada corte apresentado, seja nas reuniões de orientação, na qualificação ou de meus familiares, em especial Eduardo, meu irmão, que contribuiu muito nos detalhes do documentário. As músicas escolhidas para a trilha sonora são de artistas da Baixada Fluminense. O Seu Mathias e Panela Zen⁵¹, moradores de Belford Roxo, município vizinho, gravam suas composições no estúdio Zen, localizado nos fundos de sua casa de Seu Mathias, o qual atende as necessidades de diversos artistas da região. A Banda Gente⁵² é de Nova Iguaçu, tocam Rock and roll e lançou em 2017 um álbum com diversas composições relacionadas à vivência na periferia; Marcelo Peregrino⁵³ é compositor e cantor do município, fundador do selo Pirão Discos, união de músicos independentes, o qual, segundo ele, “carrega seu conceito de MPB: música popular da Baixada. Em sua perspectiva ‘Nova Iguaçu é afetiva e agregadora, e os músicos daqui tem qualidade e autossuficiência’, ressalta.” (MAPA DE CULTURA RJ.)⁵⁴ e, por fim, Ele Semog⁵⁵, ou Luiz Carlos Amaral Gomes, analista de sistema e poeta negro também da cidade que declama seu poema no início da produção. Sua obra possui uma forte crítica à desigualdade social e propõe uma afirmação identitária, é criador do grupo Negrícia – Poesia e Arte de Criolo e do jornal Maioria Falante. A escolha de artistas da Baixada se justifica por se constituir em uma forma de mostrar a arte produzida no lugar, ou seja, por indicar uma coerência na defesa da tese de que a cidade é capaz de gerar vozes que a definem. Com tudo isso posso afirmar que essa dimensão de minha pesquisa é uma produção da Baixada, na Baixada, sobre a Baixada e para a Baixada.

Se inicialmente a construção do documentário foi pensada como ponto de partida para uma compreensão sobre o espaço, ao final desse trabalho ele se apresenta como prisma capaz de apresentar, além das visões sobre a cidade difundidas ao longo do tempo, a reelaboração dos imaginários daqueles indivíduos que nela vivem e se encontram no processo de escrita/reescrita de sua história enquanto comunidade.

Como defendem Goffman (1979) e Mantovani (2012), em *Resenha Para uma compreensão da sociedade situacional: inter-relações do controle do comportamento em lugares públicos*, os indivíduos, ao se perceberem em uma “situação” de entrevista, alteram seu comportamento com o objetivo de atender a “expectativa” (GARFINK, 2011) que creem ser a do entrevistador. Isso leva a uma mudança de comportamento dos entrevistados e entrevistadas, no qual “os relaxamentos a que alguém se permite quando sozinho passam a ser controlados.”

⁵¹ Para mais informações acesse < <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/seu-mathias-e-panela-zen-2> >. Acessado em 01 de março de 2019.

⁵² Para mais informações acesse < <https://www.bandagente.com.br/p/release.html> >. Acessado em 01 de março de 2019.

⁵³ Para mais informações acesse < <https://marceloperegrino.wixsite.com/music> > e < <https://www.bigdiadamusica.com.br/peregrino> >. Acessado em 01 de março de 2019.

Disponível em < <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/pirao-discos> >. Acessado em 01 de março de 2019.

⁵⁴ Disponível em < <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/pirao-discos> >. Acessado em 01 de março de 2019.

⁵⁵ Disponível em < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/234-ele-semog> >. Acessado em 01 de março de 2019.

(MANTOVANI, 2012, p. 163). Tal “controle” reverbera em ações corporais, como o ajeitamento dos cabelos, a correção da postura e vestimenta, algumas alterações no tom de voz e outros gestos que são intensificados pela presença da câmera.

O lugar que os signos e a conversa comum ocupam, como demonstra Garfinkel (2011), criam esquemas de interpretação onde respondemos ao contexto dado, mesmo sem conseguir mensurar objetivamente as expectativas ali presentes. O momento da entrevista é o auge desse processo e nele os movimentos do entrevistado são percebidos como necessários na preparação para dizer coisas julgadas como negativas em relação à cidade.

Segundo minha interpretação, ao serem gravados, a maioria dos moradores acreditavam ser necessário elogiar a sua cidade. Mesmo que tal expectativa não fosse imposta, a sensação da necessidade de enaltecer o lugar estava presente até nos discursos que produziam críticas sobre a mesma. Como estratégias, conscientes ou inconscientes, para diminuir o impacto negativo de suas palavras em relação à Nova Iguaçu, identificamos a generalização (“Isso não é só aqui, não!”, “Em todo lugar tem isso.”) e a culpabilização do Estado e das autoridades pelas mazelas sociais (“O governo não faz nada”, “O prefeito precisa resolver isso”...). Até as falas com tom de brincadeira (“Você não quer saber o que eu acho de Nova Iguaçu...”, “Acho uma m...⁵⁶!”) de alguns transeuntes que passavam pela placa e comentavam, mas não queriam efetivamente conversar pode de alguma forma ser entendida como a ação de um mecanismo de autocensura no momento de falar sobre o lugar no qual se vive.

Com base no exposto acima, defendo que as respostas dadas nas entrevistas foram construídas a partir de um espaço de experiência que estabeleceu certo horizonte de expectativa sobre o que deveria ser dito. Nesse contexto, contrariar o esperado exige uma mudança tanto comportamental quanto da lógica argumentativa, as quais justificariam novas posturas no diálogo, sendo estas intensificadas pela presença da câmera, pois suas palavras passariam a ter um peso maior, pois continuariam registradas para a posteridade.

Mantovani (2012) apresenta outro ponto diretamente correlacionado ao que propomos na nossa pesquisa:

Muito mais do que a importância do comportamento daquele que aguarda a chegada de um companheiro em uma rua deserta que, ao surgir um desconhecido, passa a olhar no relógio e observar a esquina para atestar a lógica em sua aparente inação e possivelmente sentirá vergonha, caso se suspeite que ele está à toa, a indolência merece ação legal. *Todos têm o direito de ir e vir na rua, mas ninguém tem o direito de ficar parado nela.* (MANTOVANI, 2012, p.164) (Grifo nosso).

Foi justamente a infração destacada pelo autor que cometi em um campo classificado como local de circulação, pois a minha presença, junto com Sara e Vinícius, alterou a dinâmica dessas praças. Criamos ali um ponto incomum que para alguns passou despercebido, mas em outros gerou curiosidade, risos e dúvidas.

Como ressaltado no capítulo dois, é possível identificar em uma conversação a presença de quadros mentais de significação criados a partir do contexto e da escolha dos símbolos selecionados pelo falante para traduzir a compreensão da realidade percebida naquele momento. A partir dessa percepção apresento a seguir o quadro criado por mim com o objetivo de analisar as entrevistas realizadas.

Parti da análise do jogo entre espaços de experiências e horizontes de expectativas, assim como de aproximações e afastamentos para construir a análise das entrevistas entrelaçando a sociolinguística e a etnometodologia. Analisei tanto o contexto das conversas

⁵⁶ A utilização de reticências nessa frase se dá ao uso de palavra de baixo calão e será reutilizado quando necessário.

quanto o lugar em que foram produzidas – se houve ou não abordagens, se estavam sozinhas, em grupo ou afins – observando como os espaços alteram as expectativas de respostas a serem dadas.

No processo acima levei em consideração o princípio de que a comunicação é, segundo Brigatte (2009), o

resultado do trabalho conjunto dos participantes engajados em uma interação face a face. Assim, adota-se a noção essencialmente contextualizada de significação, posto que os significados são construídos, negociados e ratificados na medida em que os participantes se envolvem e envolvem o outro no discurso em determinadas circunstâncias culturais, históricas e institucionais. (BRIGATTE, 2009, p. 139).

Visando construir uma análise que leva em consideração tais circunstâncias, entrelacei marcadores como gênero, faixa etária, raça/cor e outros aos termos acionados nas narrativas, em uma análise sociolinguística, baseando-me em Souza (2012) quando este destaca que

a sociolinguística estuda a língua, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Segundo Bright (1974), o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística como: dialetos, classe social, gênero, faixa etária, formalidade ou informalidade. (SOUZA, 2012, p. 3).

A sociolinguística aparece nesta perspectiva se constitui em uma análise da língua em seu contexto social, em sua aplicação prática quando existe, ou seja, no ato da comunicação. Foi dessa forma que foram analisadas as respostas, percebidas enquanto frutos de um contexto social que permitiu o uso de determinados termos e conceitos conforme variam a faixa etária, o gênero e a classe social dos entrevistados.

Na perspectiva, adotada por mim, a comunicação se apresenta como o resultado de uma ação conjunta dos envolvidos, os quais continuamente estabelecem negociações em relação a construção dos significados, tendo sempre como pano de fundo as questões culturais em que se encontram imersos, além, é claro, do sistema simbólico operante tanto no macro como no micro estrutural (BRIGATTE, 2009).

Parto da premissa de que

as mudanças de enquadre e de alinhamento sinalizam a complexidade das relações discursivas em termos de papéis e identidades dos interlocutores e a mutabilidade dinâmica do contexto: o que é contextualmente relevante em um momento pode mudar radicalmente quando os participantes mudam de perspectiva. Cada movimento adicional na interação modifica o contexto existente, enquanto cria uma nova arena para subseqüentes interações. Assume-se aqui por conseguinte que as noções de pistas de contextualização, enquadres e alinhamentos constituem princípios importantes para a organização do discurso na interação face a face. (BRIGATTE, 2009, p. 154)

A proposta desse trabalho não é fazer uma sistematização de como se comunicam os moradores de Nova Iguaçu, mas sim um levantamento das narrativas e imaginários atribuídos às questões abordadas no questionário, compreendendo-os a partir de seus recortes e do meio em que foram produzidos.

Ressalto ter levado em consideração em minha análise o fato da interação estabelecida entre entrevistadora e entrevistados ser um jogo social, no qual pode haver desvios da realidade (SIMMEL, 2006). Sendo assim, não tenho a pretensão de estabelecer se as respostas que obtive

foram falsas ou verdadeiras – se os entrevistados efetivamente gostam da cidade como dizem, por exemplo – mas, sim, como ao elaborarem sobre isso refletem

uma série de arranjos conjunturais, de explicações *ad hoc*, que ora atualiza pedaço daquele discurso, ora os combinam com fragmentos de outras formações discursivas, resultando não raro em soluções que ferem ostensivamente os princípios gerais, que nem por isso perdem sua validade; mais do que um conjunto de orientações – falsas ou verdadeiras – destinadas a resolver problemas concretos, constituem a instância que permite pensa-los dentro de alguma ordem, oferecem critérios de classificação e representam o princípio integrado de acontecimentos que em sua incoerência se apresentam como insuportáveis. (MAGNANI, 2003, 145).

Esquematizar e conectar as entrevistas foi uma das partes mais delicadas e reflexivas da escrita dessa dissertação. O receio de manipular, direta ou indiretamente, as falas e os dados esteve presente em todas as etapas de sua construção, bem como a dúvida sobre a melhor forma de apresentá-los, pois os assuntos abordados se entrelaçam das mais diversas formas. Tentando sanar tal questão, tentei estabelecer conexões entre os marcadores sociais e as respostas obtidas.

Para isso, e visando o melhor entendimento das distinções espaciais entre os relatos, sugiro a visualização do documentário que acompanha essa dissertação (nesse [link](#)). Acredito que ele possibilita uma contextualização quase impossível de demonstrar em palavras.

Isto posto, traço o seguinte perfil dos entrevistados e entrevistadas, todos construídos a partir de autoidentificação:

Tabelas 4 - Tabelas traçando o perfil dos entrevistados e entrevistadas. Produzida a partir das entrevistas feitas.

Cor/Raça			
Negro(a)	Branco(a)	Pardo(a)	Amarelo
7	7	4	2

Religião					
Nenhuma	Cristão protestante/ evangélico/ evangélico não praticante	Católico/ Católico não praticante	Budista	Umbandista – espiritualista	Agnóstica
6	6	5	1	1	1

Gênero ⁵⁷		
	Homem	Mulher
Entrevistados	22	12
Média de idade	34 anos	27 anos

⁵⁷ Um fato curioso do trabalho de campo se deu quanto à pergunta “Qual seu gênero”, já que o critério para todas as perguntas foi de autoidentificação, a maioria respondia à questão dizendo sua orientação sexual ou questionando “Como assim?”. Quando explicados que se tratava de feminino, masculino ou outros, afirmavam que se confundiam com as categorias em geral que envolvem sexualidade e expressão de gênero. Tal fato, creio eu, demonstra uma lacuna a ser preenchida de maneira geral quanto ao esclarecimento em relação a tal questão diante da diversidade de categorias e o que as mesmas representam socialmente.

Escolaridade			
Ensino Superior em curso	Ensino médio completo	Ensino Superior completo	Ensino médio em curso
15	7	4	1

Quanto à profissão, foram notadas as mais diversas: dez se declararam estudantes; dois produtores rurais; dois técnicos, sendo uma em enfermagem e outro em computação; dois seguranças; duas domésticas do lar; uma babá; um bancário; um desempregado; um veterinário; um advogado; uma gestora ambiental; um aposentado; um motorista autônomo; um oficial de justiça avaliador do estado do Rio de Janeiro e um modelo/ator/músico.

3.1. Mídia: cabo de guerra

A discussão sobre as narrativas midiáticas em relação às cidades da Baixada, como discutido no capítulo um, é ampla e cheia de nuances que variam sobre o tema das ausências estruturais, passam pelas diversas expressões de violência relacionadas à região e chegam à construções audiovisuais particulares visando outros objetivos, como a TV Maxambomba. Foi nesse tópico do questionário que noções como violência e questões de infraestrutura apareceram, sejam concordando ou não com elas, a partir do questionamento “Você vê reportagem sobre Nova Iguaçu”, “Se sim, sobre o que falava?” e “Você concorda com o que foi dito?”. De tais perguntas foram obtidas as respostas abaixo.

Tabelas 5 - Tabelas sobre as reportagens vistas sobre a cidade assim como seu tema. Produzida a partir das entrevistas feitas.

Veem reportagens sobre a cidade ⁵⁸		
Sim	Poucas vezes/Às vezes/ Muito pouco/Não muito/Raramente	Não
17	11	3

Tema das reportagens		
Violência	Infraestrutura/Ação governamental	Outros
16	13	3

Como forma de conseguir agrupar os dados com o objetivo de analisá-los, optei por correlacioná-los a partir de descritores como “tragédia”; “assassinato”; “aumento da criminalidade na Baixada”; “morte”; “problemas de segurança”; “mazelas”; “miliciano” e “assalto” que enquadrei dentro do conceito de “Violência”.

Seguindo a mesma lógica, construí outro grupo para os termos relacionados às ações do escopo do poder público, assim como críticas sobre a forma como a cidade é gerenciada. Sendo

⁵⁸ Total de 31 pessoas que foram questionadas.

assim, expressões como “falta de asfalto e saneamento”; “transporte precário”; “problemas de infraestrutura”; “carências da cidade”; “falta de incentivo à cultura” e “atraso de trem” (assim como questões governamentais como “política” e “tomadas de decisão do governo”, “falta de recursos”), mencionadas nas entrevistas, foram intituladas como “Infraestrutura/Ação governamental”.

Ao construir os grupos, percebi a existência de referências que não se adequavam aos dois descritores acima, sendo essas: uma reportagem sobre a História da região; outra relacionada a zona rural do município, referindo-se as plantações ali existentes, e a terceira ligada ao turismo desenvolvido na Reserva Biológica de Tinguá. Nessas falas não foram identificados os títulos da reportagem ou do canal na qual foram assistidas, apenas relataram terem visto pontualmente na televisão. Por seu teor distinto dos demais, tais respostas levaram a criação do terceiro enquadramento denominado “Outros”, pois tratam de assuntos distintos entre si e contrapostos aos até então estabelecidos. As três divisões referidas serão recorrentes em todas as análises feitas a partir de agora e estarão grafadas com iniciais maiúscula com o objetivo de diferenciá-las de outros contextos nos quais apareçam.

Muitas das respostas trouxeram mais de uma opção, normalmente associando conceitos de Violência ao de Infraestrutura /Ação governamental. Diante desse universo foi possível inferir que a maioria desses moradores e moradoras já viram algum tipo de reportagem sobre a cidade, mesmo que tenha sido em poucas ocasiões, majoritariamente trazendo tais temas por mim categorizados como Violência ou Infraestrutura/Ação governamental.

O quantitativo de relatos acerca dos conteúdos atrelados a Violência foi similar quando analisados por localidade, assim como sobre Infraestrutura/Ação governamental. Quanto a “Outros”, um dos relatos também veio da universidade e os outros dois advieram da Praça da Liberdade, um de João, produtor rural, e outro de Tatiane, gestora ambiental.

Tabela 6 – Tabela correspondendo localidade da entrevista e a frequência de temas das reportagens. Produzida a partir das entrevistas feitas.

Tema e local da entrevista			
	Violência	Infraestrutura/Ação governamental	Outros
UFRRJ – IM	5	4	1
Parque Municipal	4	4	0
Roda de Rap	4	1	0
Praças	3	4	2

A tabela acima foi construída da influência da sociolinguística, onde é possível correlacionar as pessoas aos assuntos que referenciaram. Nesta perspectiva é possível identificar o fato dos jovens na universidade e na Roda de Rap enfatizarem termos presentes nas categorias Violência e Infraestrutura/Ação governamental, assim como no Parque Municipal, onde apenas um casal não estava na faixa etária referenciada. Nas praças, onde houve a maior variação de público quanto a sua faixa etária, há igualmente uma diversidade de respostas em relação aos outros espaços.

Para tratar de um dos conceitos presentes na categoria Violência mobilizo a situação da entrevista dos amigos Nélio e Maurício. Enquanto começávamos a nos preparar para filmar, informarmos sobre a gravação e Nélio comentou “Amanhã ou depois tem um miliciano batendo na sua porta” em tom de brincadeira e com risadas em alerta ao amigo.

O quadro mental (GUESSER, 2003) criado por Nélio pode nos informar que na sua percepção não seria aconselhável a gravação devido a existência de uma milícia na cidade, sendo esta dotada de poder e com características violentas. Tal hipótese é corroborada não apenas a partir de uma análise do não dito, das entrelinhas da conversa, mas pelo pedido em um primeiro momento, em tom de brincadeira, para que os rostos não fossem gravados durante seus depoimentos. Postura que depois foi alterada ainda que com ressalvas.

Como demonstra Alba Zaluar e Isabel Siqueira Conceição, em *Favelas sob o controle das Milícias no Rio de Janeiro que paz?*, o conceito de milícia no Brasil atual

refere-se a policiais e ex-policiais (principalmente militares), uns poucos bombeiros e uns poucos agentes penitenciários, todos com treinamento militar e pertencentes a instituições do Estado, que tomam para si a função de proteger e dar ‘segurança’ em vizinhanças supostamente ameaçadas por traficantes predadores. Na verdade, segundo os dados das pesquisas de vitimização realizadas pelo Núcleo de Pesquisa das Violências – Nupevi, ligado ao Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, em 2006 e 2007, o termo encobre uma multiplicidade de situações que vão desde moradores não pagos encarregados pelos vizinhos de fazer a segurança da área, ou mesmo moradores pagos para o mesmo fim, que seriam vigilantes, até os ex-policiais. Estes cobram sem apelação pelas atividades de segurança e por vários outros serviços descritos em muitas matérias jornalísticas, prestados em localidades diferentes das de sua residência. Sem esquecer, ainda, os traficantes, alguns que não são pagos e outros que cobram de alguns moradores para garantir exercer a segurança local. (ZALUAR; SIQUEIRA CONCEIÇÃO. 2007, p.90).

Além de outras reflexões que o artigo traz, as autoras destacam como a instauração das milícias não diminui a sensação de insegurança nos lugares por ela ocupados. Dentro dessa lógica o acionamento da noção de milícia feita por Nélio traz consigo noções de periculosidade e violência que podem ser entendidas tanto quanto uma resistência a ser exposto, uma timidez ou até a um medo concreto de forma sutil. Outra situação em que é citada a milícia é na entrevista de Guilherme na Roda de Rap, respondendo que as reportagens que vê sobre a cidade falam sobre a milícia local e que concorda com o conteúdo, mesmo não se aprofundando no tema.

A sensação de insegurança retorna ainda nos relatos de três estudantes, Caio, Mateus e Patrick, ao comentarem a necessidade de caminhar em grandes grupos por um trajeto de 1,6 KM entre a UFRRJ – IM e o Top Shopping para terem acesso aos ônibus que atravessam a cidade.

Sendo assim, as noções de violência e insegurança (assim como falta de infraestrutura) aparecem nas entrevistas, não como algo que fosse questionado diretamente, mas a partir das repostas sobre a representação midiática. As narrativas reverberam em ações corporais e verbais, com a mudança de tom de voz, respirações pesadas e frases como “Ah, você sabe né...”, “Ah, tem isso...”.

O clima de receio e até mesmo medo presente nas falas e posturas, ainda que constantemente amenizado a partir de sorrisos discretos, pode ser lido como um resultado da presença de um discurso midiático que durante décadas definiu a região como perigosa. Ao fazê-lo a mídia utiliza adjetivação superlativa com o objetivo de chamar a atenção dos leitores que passam pelas bancas, telespectadores que passeiam entre os canais ou internautas que devem ter sua atenção captada. Enne (2004), em *Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações*, ao analisar as representações da Baixada Fluminense presentes entre as décadas de 1950 e 2000 em quatro grandes jornais do estado do Rio de Janeiro – Jornal do Brasil, O

Globo, O Dia e A Última Hora –, aponta para o fato de que, durante os cinquenta anos sobre os quais sua pesquisa se debruça, reiteradamente, essa região é definida “como um espaço violento, sem lei, um ‘faroeste fluminense’.” (ENNE, 2004, p. 9).

A visão referida não estava presente apenas nos jornais mais populares – O Dia e A Última Hora -, mas, segundo a autora, encontra eco também no O Globo e no Jornal do Brasil, como, por exemplo, na

construção discursiva de O Globo (9/8/77), definindo a ‘fauna criminosa da Baixada Fluminense’ e também a do Jornal do Brasil, que, no editorial ‘Câncer vizinho’, definiria a Baixada como um local onde ‘a lei do gatilho é tão natural quanto a lei da gravidade’. (ENNE, 2004, p. 9).

Se, como destacado no capítulo um, a associação direta entre Baixada Fluminense e violência a partir da década de 1990 tem perdido força, seja pela disseminação da violência na capital do estado ou, pela pressão de interesses econômicos nessa região em prol de uma visão mais positiva sobre o local, a questão é que tal discurso ainda está impregnado nos imaginários desses moradores aponto da Baixada Fluminense ser percebida como sinônimo de violência.

Aprofundar o impacto dos discursos midiáticos sobre os imaginários da população da Baixada foge ao objetivo dessa pesquisa, mas reiterar sua importância é fundamental, pois contra ele a população local constrói mecanismos de resistência capazes não apenas de humanizar seus espaços de convivência cotidiana, mas romper com a lógica do medo oriunda da banalização da violência realizada pela grande mídia ao se referir ao local. Tal processo se constitui em um mecanismo de defesa e de sobrevivência, pois a exposição a tais notícias pode levar o indivíduo “a acreditar que está vivendo em um mundo cruel e sombrio, em que você se sente vulnerável e inseguro” (GLASSNER, 2003, p. 100) a ponto de deixar de sentir-se um morador da cidade para se perceber como seu prisioneiro.

Com base nessa concepção, acredito ser importante por em perspectiva as narrativas violentas sobre Nova Iguaçu, especialmente à medida em que também crescem os relatos sobre o estado do Rio de Janeiro como local de violência. Destaco aqui que a construção de uma noção de violência pode ser feita tanto em um jogo de oposição, no qual se contrapõe um espaço a outro, permitindo a idealização de determinada localidade, como em uma generalização das práticas no território e no caso das entrevistas analisadas ambos estão presentes. Seja em uma comparação com estados e/ou países tidos como menos violentos, como momentos em que se justifica que todos os locais são perigosos.

Nessa contraposição há relatos que enxergam Nova Iguaçu como um local menos violento do que a cidade do Rio de Janeiro, como o depoimento de Maurício ao dizer: “Você pode usar um cordão aqui que ninguém vai puxar, lá no Rio não” ou de João ao dizer que a questão da violência diminuiu na região: “Ruim é quando você vê assim chacina, essas coisas, coisa que quase você não vê mais em Nova Iguaçu. Nova Iguaçu já foi uma região com muitos crimes, mas ultimamente você quase não vê essas coisas”. Quando questionado se gosta da cidade consente e justifica “por exemplo, no meu caso, a gente não vê não [sic] tem quase violência, não vejo, quando a gente tá dentro do sítio ou fora, eu não tenho problema nenhum em transitar...”. Sendo assim, existem narrativas que demonstram a cidade como um local seguro, qualificando enquanto um lugar tranquilo, relatos esses advindos, em sua maioria, das entrevistas feitas nas praças, por homens adultos/idosos.

Além da narrativa em relação à violência, a questão da infraestrutura é recorrente nos relatos dos entrevistados. Nela a cidade é apresentada enquanto espaço sem saneamento básico, asfalto, serviços de saúde e afins. Em diversas das entrevistas que relacionaram esses conceitos compreendidos dentro de tema Infraestrutura/Ação governamental o quadro jornalístico RJ Móvel, apresentado no programa RJTV 1ª edição, exibido pela Rede Globo de Televisão, foi

citado como fonte de informação, sendo visto tanto como um meio de denúncia e de resolução de problemas – a partir do qual as autoridades competentes se mobilizam e resolvem a questão – como uma forma de intensificação da imagem da cidade enquanto lugar precário e sem assistência.

Quando foram questionados se concordavam ou não com o teor das reportagens, no que se refere ao tema violência a maioria concordou, total de oito pessoas, havendo três discordâncias, uma “Não muito” e mais duas concordâncias com ressalvas “Sim, infelizmente.”

No que se trata das questões estruturais, três concordaram, dois discordaram e cinco alteram-se entre “mais ou menos” e “sim, mas tem outras coisas boas” / “sim, infelizmente”.

Tabelas 7 - Tabelas sobre a concordância ou não com o conteúdo das reportagens. Produzida a partir das entrevistas feitas.

Violência			
Sim	Não	Sim, infelizmente/ Sim, mas não só isso.	Às vezes/Não muito
8	3	2	1

Infraestrutura/Governo			
Sim	Não	Sim, infelizmente/ Sim, mas não só isso	Às vezes/Não muito
3	2	3	2

As respostas dadas sobre se concordam ou não com o que foi dito nessas reportagens mostra um movimento de aceitação e recusa do apresentado. Esse cabo de guerra com as representações midiáticas apresenta ainda outra camada de significado que é a demanda por informações sobre o que é viver nesses locais. Um exemplo disso é a fala de Nélio defendendo a existência de uma “televisão da Baixada, que falasse exclusivamente da Baixada, porque a televisão que nós temos só fala da prefeitura do Rio de Janeiro...” demarcando um afastamento entre o que seriam essas duas realidades e como uma não é capaz de falar com propriedade sobre a outra. Tal ideia é complementada por Maurício ao utilizar as favelas da cidade do Rio como um exemplo de outra realidade que não tem conexão com a Baixada.

A partir do exposto, podemos concluir que as representações feitas pela mídia sobre a cidade estão em um campo de disputa e são constantemente reatribuídas de sentidos. Ao mesmo tempo em que se perpetua a noção de uma Nova Iguaçu precarizada e violenta, os discursos da grande mídia também têm um caráter de denúncia capaz de auxiliar na solução de problemas no município. Em contraponto a esse potencial transformador existe uma demanda pela presença de outros aspectos, os positivos, merecedores de se tornarem notícia, como dito por Ítalo na UFRRJ - IM: “Isso do Parque que você falou, não falam na TV!”.

Sendo assim, cria-se, para alguns, uma atmosfera na qual as mídias buscam uma determinada imagem da Baixada, sendo real ou não, que termina por impedir outros aspectos positivos de serem ressaltados. Institui-se um cabo de guerra no qual, de um lado está à violência e a precariedade e, do outro, as qualidades de Nova Iguaçu e seus potenciais.

3.2 Memórias e afetos

Esse tópico tem como proposta analisar regularidades nas narrativas. O que pude observar nas respostas dadas foi a existência de um padrão para justificar o fato de gostarem da cidade a partir de três vias: reconhecendo-a como um lugar tranquilo de se viver; a valorização de seus moradores e as memórias ali construídas e os aspectos históricos do local. Nesse sentido, compreendo haver uma construção de memórias e afetos sobre a cidade que permeiam as narrativas sobre ela, seja a partir das suas relações familiares ou pelo reconhecimento de sua história.

Vemos nas entrevistas de Rejane, Carlos, Vanessa, Paulo César e Fernando uma Nova Iguaçu descrita a partir da união de características antigas com aspectos modernos. Isso é exposto, segundo os mesmos, na coexistência de relações e conexões interpessoais próximas, “todos se conhecem”, e nos aspectos típicos de uma “grande cidade” como o comércio, o volume populacional e o trânsito, crítica presente em uma série de entrevistas, nas quais tais característica são percebidas como naturais, por alguns, pois seriam “problemas típicos de uma grande cidade”, como disse Carlos.

A teoria de Simmel (1903) sobre as grandes cidades caracteriza esses espaços enquanto dotados de um distanciamento entre seus habitantes, possuindo uma relação mediada a partir do dinheiro e onde a proximidade só se faz presente no campo da intimidade. O que observamos nos relatos dos entrevistados é que, segundo a concepção dos mesmos sobre o que é uma grande cidade, as relações ainda resistem à impessoalidade própria aqueles espaços, havendo a possibilidade de fazer amizades e certa camaradagem. Tal fato se explicaria pela permanência de um clima “provinciano”, como dito por Carlos:

Ela ainda tem os resquícios de ser uma cidade provinciana ainda, então ela tem esses dois lados. Ela é grande, ao mesmo tempo, aqui no centro, principalmente, quem reside aqui tem essa questão [...] você conhece os médicos, você conhece o dono da farmácia, você conhece o dono da padaria pelo nome, o material de construção ainda pego fiado ali no Sérgio, no material de construção ali do Doutor Thibau, ainda consigo pegar fiado. Então existe essa ligação, então o que me prende atualmente na cidade é ainda esse resquício que ainda tem na cidade, mas que eu não tenho dúvida que com o tempo vai acabar se perdendo. (Carlos, 21/07/2017).

Yasmin relata ainda como as pessoas da cidade são boas e acolhedoras, ao contrário dos moradores da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, mais especificamente Ipanema, lugar no qual também passou parte de sua infância devido ao emprego da mãe como empregada doméstica.

Handy é angolano e veio para o Brasil para estudar também ressalta como as pessoas são receptivas, ainda que preferisse a cidade do Rio, tanto por seus familiares residirem lá, como por dispor de mais opções de lazer.

Rejane exalta a cidade, identificando-a enquanto um ponto central da região, principalmente devido ao comércio. Descreve sua trajetória em Nova Iguaçu focando em sua infância e nas lojas que existiam, como a papelaria Casa Mattos e a loja Ultralar e Lazer, sempre com um tom saudosos e a caracterizando como “uma cidade que tem tudo”, pois “tudo o que você precisa vem em Nova Iguaçu que tem”.

Carlos, Vanessa, Hugo, Fernando, Paulo César e Cintia trazem o terceiro aspecto apresentado: narrativas históricas e afetivas sobre a cidade que entrelaçam suas vivências pessoais com as mudanças desse lugar, inclusive em referência a uma história distante temporalmente. A concretude disso se dá quando ao serem questionados sobre se gostam da

cidade respondem de forma afirmativa e referenciam sua vida à trajetória dela ao longo do tempo, justificando sua percepção com elementos históricos desde a fundação da Vila de Iguassú. Tal movimento demonstra a existência de uma percepção do lugar permeada por referências à fatos históricos, ou seja, a compreensão do presente está conectada ao conhecimento da história do lugar em que se vive e termina por interfere nas percepções sobre esse ele. Como, por exemplo, o relato de Cintia ao dizer que sua tataravó, bisavó e avó foram escravizadas na Fazenda São Bernardino⁵⁹ ressaltando como isso afeta sua identidade e reconhecimento enquanto mulher negra e o lugar que ocupa na sociedade.

A elaboração das falas, em especial de Alisson, Mateus e Patrick, sobre esses espaços que foram sendo transformados pela passagem do tempo está carregada de afetividade, pois aquele é o espaço no qual cresceram – e que estão vendo “crescer/crescendo”, termo recorrente nas entrevistas –, é a cidade em que nasceram e onde suas famílias vivem, como demonstra Patrick ao afirmar: “É o lugar que eu construí minhas raízes”.

Tabela 8 - Tabela relacionando gênero e faixa etária aos aspectos de identificação com a cidade que acionam. Produzida a partir das entrevistas feitas.

Ao justificarem o porquê gostam da cidade		
	Falam sobre a História	Falam sobre suas famílias
Feminino	2	0
Masculino	3	1
Feminino/Jovem	2	2
Masculino/Jovem	0	3

A tabela acima sintetiza as respostas dos dois grupos apresentados, estando a primeira coluna referenciando-se as narrativas que trazem os aspectos históricos da cidade (para justificar sua relação com a mesma), e a segunda, a partir da presença de familiares com base no local em que cresceram.

A análise comparativa dos dois quadros mostra uma situação paradoxal em relação aos depoentes, pois, ao mesmo tempo em que percebem sua cidade como um espaço de violências e marcado por uma constante sensação de insegurança, ela também é vista enquanto um lugar no qual gostam de viver e onde constroem seus afetos. Tal contradição se dilui quando percebemos a relação mantida com a cidade enquanto pertencente a uma dimensão para além de questões ligadas à insegurança ou infraestrutura.

A existência de relações familiares, de um resgate da construção histórica e de identidade afeta diretamente as narrativas vivida sobre esse espaço. Em tal perspectiva a compreensão de Nova Iguaçu enquanto um espaço de violência – visão relativizada por alguns dos entrevistados ao colocarem em perspectiva relacionando, ao estado do Rio de Janeiro e a sua cidade homônima – assim como o reconhecimento das limitações infra estruturais e

⁵⁹ A fazenda está “Situada entre Vila de Cava e Tinguá, às margens da RJ-111, também chamada de Rodovia Federal, a Fazenda São Bernardino foi tombada pelo Patrimônio Histórico em 1951. Construída em estilo neoclássico, contava com cavalariças, garagem para carruagens, senzalas, habitações para escravos e engenhos de cana e mandioca. Pela fazenda passava a extinta Estrada de Ferro Rio D’Ouro, que tinha uma estação com o nome de São Bernardino. A fazenda produziu café, açúcar, aguardente, farinha de mandioca, além de extrair madeira e exportar carvão. Até ser destruída por um incêndio na década de 1980 e ficar abandonada.” Informações retiradas do site da Prefeitura de Nova Iguaçu. Disponível em < <http://www.novaiguacu.rj.gov.br/2017/12/22/fazenda-sao-bernardino-pertence-a-nova-iguacu/>>. Acessado em 29 de janeiro de 2019.

governamentais não impossibilita necessariamente a existência de uma narrativa na qual o gostar desse espaço é marcante. Tal possibilidade existe devido ao fato das relações e atribuições de sentido conferidas às pessoas, coisas ou locais, serem muito mais complexas e plurais do que se pode presumir a primeira instância ou ao correlacioná-las a um único fator.

Tal perspectiva corrobora minha concepção de que a cidade não é constituída apenas por suas formas físicas materiais e concretas, suas ruas, casas e prédios, mas principalmente por seus habitantes. Pode-se dizer que a cidade é um espaço inventado ou imaginado e, por isso mesmo, reflete quem a habita.

O processo de invenção da cidade tem como uma de suas bases a memória que seus habitantes de forma individual e coletiva constroem em relação a ela. Joël Candau (2011), em *Memória e identidade*, defende a existência de um entrecruzamento entre memória (em suas diversas manifestações) e identidade. Tal processo é estreito a tal ponto de as duas serem indissociáveis, ou seja, a perda ou resignificação da memória em relação ao lugar implica em mudanças identitárias mais ou menos profundas no indivíduo. As falas referidas anteriormente apontam nessa direção, pois ao mobilizarem um passado idílico, a infância perdida e aos laços afetivos os entrevistados transcendem ao meramente racional para justificarem não apenas o valor dado a sua cidade, mas igualmente reafirmarem a sua identidade como cidadãos iguaçuanos.

3.3 As pessoas

Narrativas que descrevem os moradores de Nova Iguaçu enquanto acolhedores e harmoniosos são comuns, inclusive em contraponto com outras regiões. O ponto aqui discutido serão as narrativas de Mariana e Cristilene ao compararem as pessoas e vivências da Baixada com a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, assim como Yasmin referenciou no tópico acima.

Cristilene ao ser questionada sobre o que desejava que tivesse na cidade diz “Querida que tivesse uma praia, pra eu não ter que ir pra Zona Sul, cara, sabe? Não ter aquela sensação de tipo ‘eu não pertencço a esse lugar’, que só a Zona Sul e toda estrutura social nos faz sentir, ‘caramba, eu não pertencço a esse lugar’.”

Mariana narra sobre como a sua relação com a cidade foi construída de forma conflituosa, passando por momentos em que se sentia, em suas palavras, no “não-lugar”, pois não se identificava com a Baixada. Ela conta ainda como a partir dos saraus começou a criar laços com a cidade e como isso alterou sua visão de outras áreas na cidade do Rio de Janeiro:

[...] e aí eu comecei a fazer esses trabalhos com esses coletivos lidando com as pessoas daqui, com poesia daqui, com teorias daqui, com tudo daqui, e comecei a ver que na verdade eu me encaixava muito melhor do que tava sendo daqui do que tá sendo, por exemplo, da Zona Sul. A questão geográfica passou a ser uma questão afetiva. Ai eu tomei horror a Zona Sul, fui muito engraçado, porque eu sou muito radical, eu sou oito ou oitenta, oito ou oito mil na verdade, acho que nem oito ou oitenta, oito ou oito mil. Ojeriza, eu falei eu não quero mais, linha um, não sei o que (risos)... E ai a, tem uma poeta de Nova Iguaçu que é minha amiga, chama Ivone Landi, ela, na verdade não é de Nova Iguaçu, ela é de Mesquita, ai ela ‘Mariana, você tem que reconciliar essas duas coisas, não tem como você ficar uma coisa ou outra, não dá pra ser radical, tem que ter nuances’ ela sempre fala isso pra mim, tem que ter nuances, eu sou muito radical né... E eu me debatia muito com isso, fiz muita poesia sobre isso [...] E ai eu passei por processo de reconciliar, de tentar reconciliar, reconciliar as duas coisas, duas coisas fatalmente reconciliáveis, mas que eu tinha que ter porque senão eu não ia viver, eu ia viver quebrada no meio o resto da vida. E aí eu consegui. (Mariana 02/09/2018).

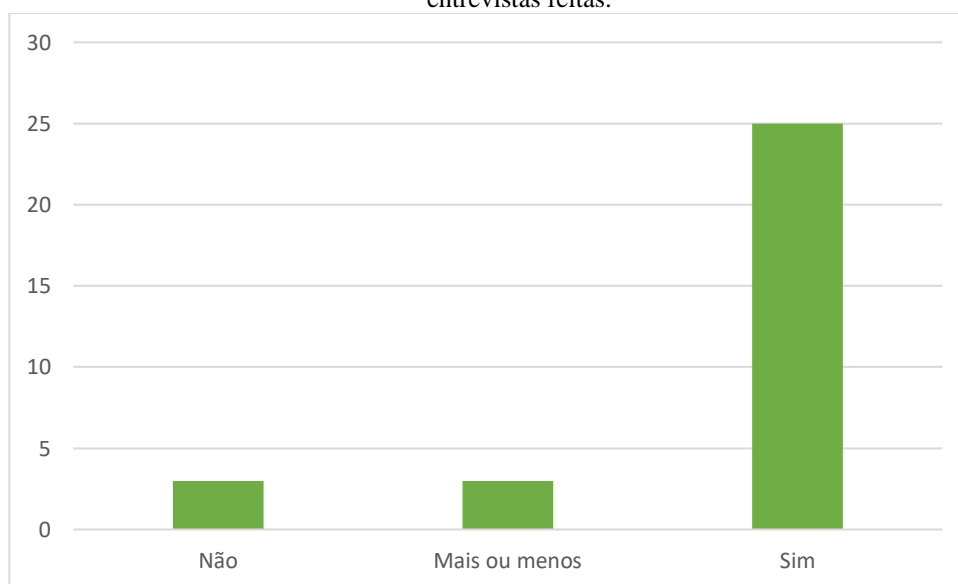
A reflexão que Freire (2012) traz sobre o ser da Baixada, conforme dito previamente, é reafirmada nessa fala em uma lógica de existência humana distinta, criando uma distinção entre ser e existir nesses espaços específicos. Ao descobrir o universo cultural da Baixada, Mariana passa a ressignificar não apenas sua identidade, mas o próprio lugar no qual está inserida. Se antes a cidade era percebida enquanto polo negativo e Rio de Janeiro polo positivo, esses se invertem e Nova Iguaçu ganha novas cores e sentidos. É interessante ressaltar que em um primeiro momento essa ressignificação leva a uma negação total do Rio, mas, passada a euforia da descoberta, segundo ela, foi possível redefinir sua identidade, não se sentir mais uma estrangeira em sua terra, mas se perceber enquanto alguém que é segura em relação ao espaço no qual habita e dessa forma se aventura com tranquilidade por outras regiões.

Mesmo desejando que aspectos de outros espaços fossem transportados para a Baixada, Mariana gosta da cidade, pois “Nova Iguaçu tem tudo” ou quase, faltando apenas a praia.

Essas afirmações podem ser contrastadas com duas perguntas presentes no questionário: “Você gosta da cidade?” e “Você se mudaria?”.

Quanto a primeira questão, a maioria das respostas foram afirmativas, mesmo que reconhecendo e enumerando problemas sobre ela. Os que responderam “mais ou menos” tendem a pesar mais as dificuldades de vivência que enfrentam no município, como a “falta de Saúde, Educação” e afins; o fato de não ter seu “trabalho valorizado”; a ausência de “oportunidades de diversão” e a questão da “mobilidade urbana”.

Gráfico 1 – Gráfico sobre a quantidade de pessoas que gostam⁶⁰ da cidade. Produzido a partir das entrevistas feitas.



Quando perguntados sobre se mudar da cidade, responderam que:

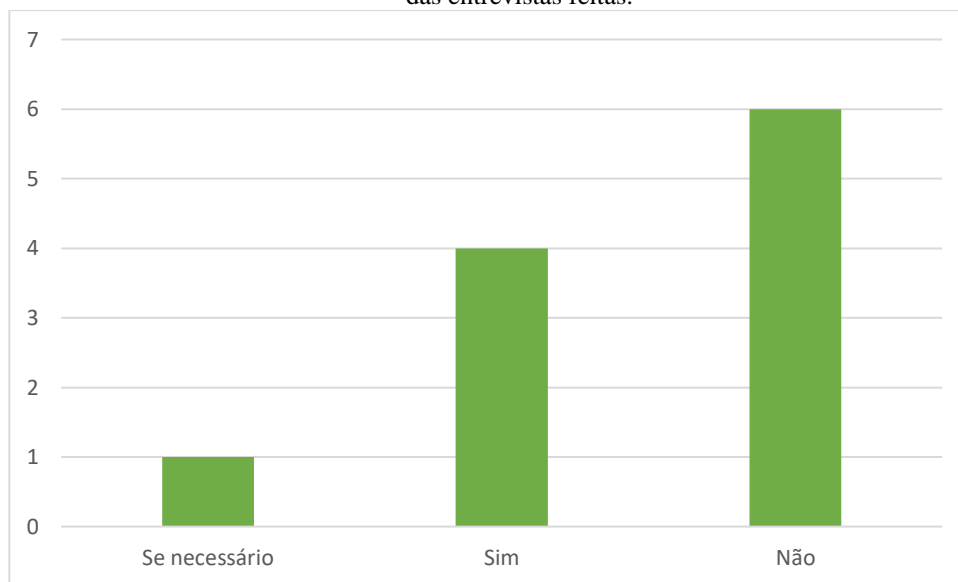
Tabela 9 - Tabela sobre a quantidade de pessoas que mudariam da cidade. Produzida a partir das entrevistas feitas.

Mudaria da cidade		
Sim	Não	Apenas se necessário
21	8	1

⁶⁰ Total de 31 pessoas questionadas sobre o tema.

Desses vinte e um, 17 foram jovens presentes na Universidade, no Parque Municipal, na Roda de Rap e na Praça do Skate. O restante dos entrevistados, maiores de 38 anos dividiram-se em

Gráfico 2 - Gráfico sobre a quantidade de pessoas acima dos 38 que se mudariam. Produzido a partir das entrevistas feitas.



Dentre os locais que disseram ser possíveis áreas de moradia, temos:

Tabela 10 - Tabela sobre o local para o qual as pessoas se mudariam. Produzida a partir das entrevistas feitas.

Outros locais em que moraria						
Centro da cidade do Rio de Janeiro ou proximidades	Outro estado	Miguel Pereira/ cidades do interior	Zona Sul	Outras cidades da Baixada	Outro país	Centro de Nova Iguaçu
6	6	3	2	1	1	1

A explicação dada pelos dispostos a mudarem-se tende a vir relacionada à facilidade de transporte, à sensação de segurança – como é o caso de grande parte daqueles que optaram por outro estado – e a possibilidade de trabalho/estágio.

Essa relação ambígua com a cidade é racionalizada em um movimento que reconhece falhas e ausências, sendo necessário ir a outros espaços para o atendimento de tais demandas. Porém, nenhum dos interlocutores que citou tal desejo demonstrou uma ação concreta no sentido de mudar-se, operando sempre dentro de um universo hipotético.

Sendo assim, ainda que haja um processo de valorização e relação afetiva com Nova Iguaçu, tal sentimento não vem descolado do reconhecimento das ausências desse local.

3.4 Transformação do espaço

A cidade imaginada e vivida é passível de ser transformada em seus aspectos físicos e simbólicos, além de ter sua memória ressignificada. Nesse processo de mudança de sentido e visão os espaços da cidade estão sujeitos a transformações não apenas concretamente, como um evento em um espaço que tende a ser vazio e que altera a dinâmica do seu entorno, mas também sobre as impressões que provoca naqueles que por ali transitam.

A primeira questão reiterada pelos depoentes em suas falas não se referiu propriamente aos espaços urbanos, mas à dificuldade de transitar pela cidade. Um exemplo são as falas de David e Vitória quando criticam o preço da passagem, percebida como um alto valor a ser pago para percorrer distâncias próximas, ressaltando também a limitação do itinerário dos ônibus. Essa posição foi exemplificada também na fala de Caio, quando aponta a inexistência de uma linha de um ônibus que passe na UFRRJ – IM e atravesse um dos viadutos (Viaduto Padre João Musch e Viaduto Dom Adriano Hipólito) que ligam os dois lados da cidade. Devido a tal carência afirma ter de caminhar uma distância de 3,8 km até o Top Shopping, local no qual há o ponto de um dos dois ônibus que lhe permite chegar em casa. Mateus também conta sobre o tempo de demora vindo do “centro, perto do Guanabara” para a universidade: “são 35 minutos andando, de ônibus são 50 minutos, de bike são 15”.

Com base nesses relatos, podemos concluir que há uma demanda social em relação a um planejamento voltado a baratear o custo da passagem e a integrar os itinerários de forma a permitir uma circulação mais fácil pela cidade.

Três das quatro entrevistas feitas na Praça do Skate citaram tiveram aquele espaço como tema: Brendo relatou o abandono por parte do poder público, e Matheus e Vanessa narraram o comportamento das pessoas que lá frequentam. O primeiro contou sobre a venda de drogas, que deveria estar “na favela”, e Vanessa disse que

todos merecem respeito, ninguém é obrigado a certos tipos de coisas, de famílias, de crianças então que... eu acho que tem coisas que deveria ser respeitada aqui na praça, entendeu? Eu acho que você gostar de certas coisas não significa que você tenha que fazer, obrigar o outro a aceitar entendeu? Cada um com a sua individualidade, eu respeito a individualidade, mas eu acho que viver na sociedade não é obrigar a sociedade a te engolir, não é assim, é saber respeitar o espaço do outro, eu não faria isso porque... eu não vou fazer isso porque meu irmão não vai gostar que eu faça, é mais ou menos isso. (Vanessa, 20/07/2017).

Ainda que a afirmação de Vanessa esteja aberta a interpretações, tendo em vista que não explicitou as práticas consideradas por ela como inadequadas, o relevante é compreender a impressão de seus frequentadores de que os espaços não são apáticos socialmente, podendo-se classificá-los como uma região moral (PARK, 1916) onde são instituídas suas próprias regras,

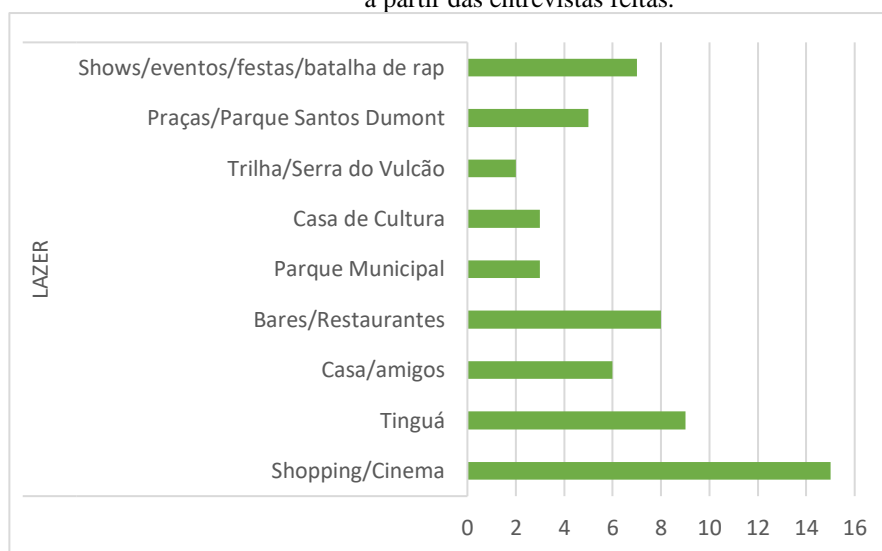
a partir de grupos excluídos que buscaram espaços de interação para expressarem suas identidades.

3.5. O Lazer

A compreensão sobre como as relações com a cidade aparecem nos relatos de moradores é o cerne desta pesquisa e nesse ponto de sua escrita abordo a questão específica sobre como os entrevistados compreendem os espaços de lazer que conhecem e frequentam.

Todos os depoentes responderam sobre os locais em que buscam lazer e diversão, e suas respostas podem ser vista no gráfico a seguir:

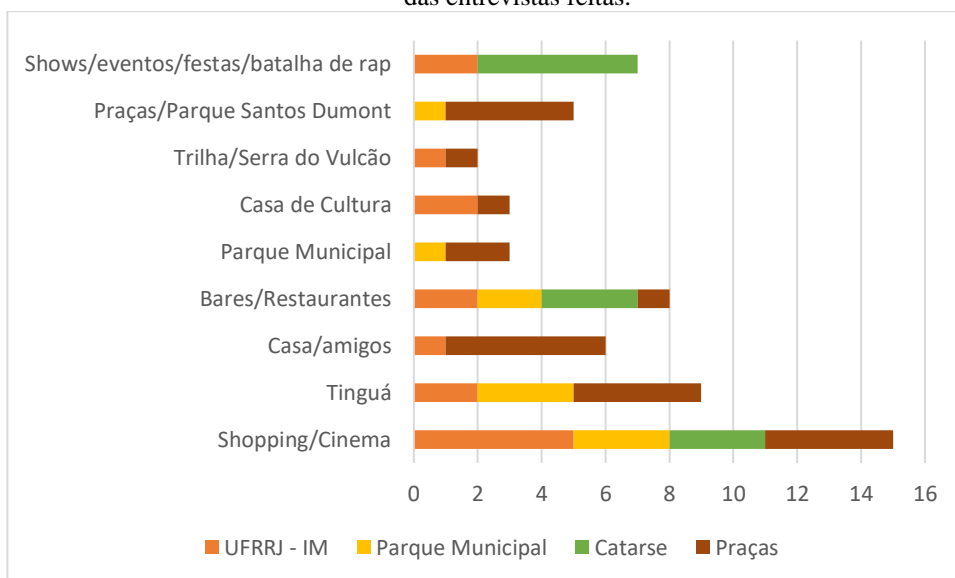
Gráfico 3 - Gráfico sobre os locais de lazer frequentados pelos entrevistados e entrevistadas. Produzido a partir das entrevistas feitas.



O papel de destaque ocupado por shoppings e cinemas da região no quesito lazer é inegável. Outro espaço relevante está relacionado as atividades na natureza, somando 14 respostas que englobam “Trilha/Serra do Vulcão”, “Parque Municipal” e “Tinguá”. Os bares e restaurantes também têm papel significativo, assim como eventos esporádicos e encontros particulares em casa ou com amigos.

Quando entrelaçados os dados com os locais nos quais foram feitas as entrevistas, obtemos o seguinte panorama:

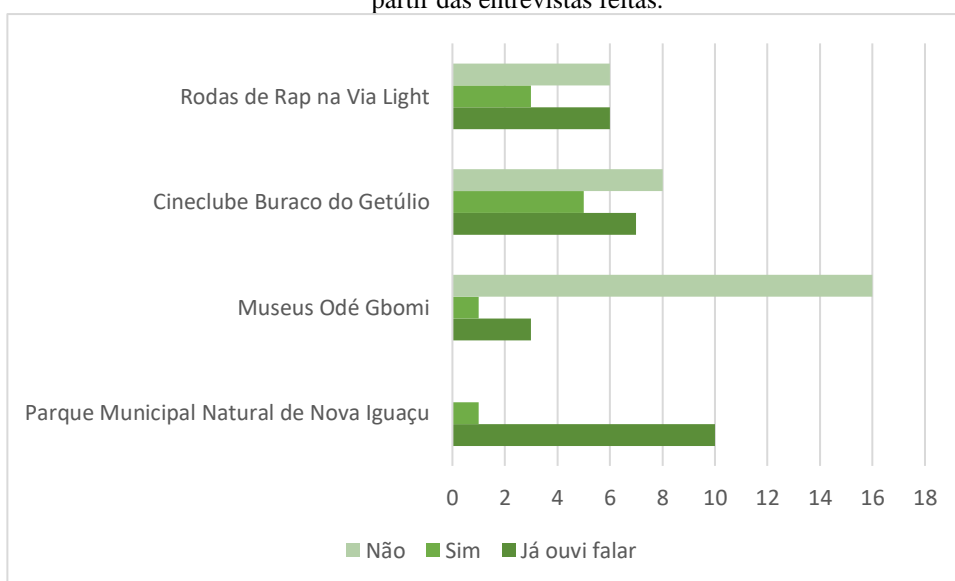
Gráfico 4 – Gráfico que correlaciona as opções de lazer e os locais das entrevistas. Produzido a partir das entrevistas feitas.



Como é possível identificar no gráfico acima, os shoppings e os cinemas são citados em todos os locais nos quais houve entrevistas, fato a demonstrar sua relevância como espaço do lazer, ainda que seja tido em um tom de desanimismo por alguns “Ah, tem o shopping né...” ou “A gente sempre acaba no shopping mesmo...”.

Foi também perguntado a vinte entrevistados, já que a abordagem mudou na segunda parte do trabalho de campo, se conheciam os espaços de lazer que fazem parte da pesquisa. As perguntas aconteceram na UFRRJ – IM, na Catarse e no Parque Municipal, sendo assim, 85% foram jovens com 11 homens e 9 mulheres.

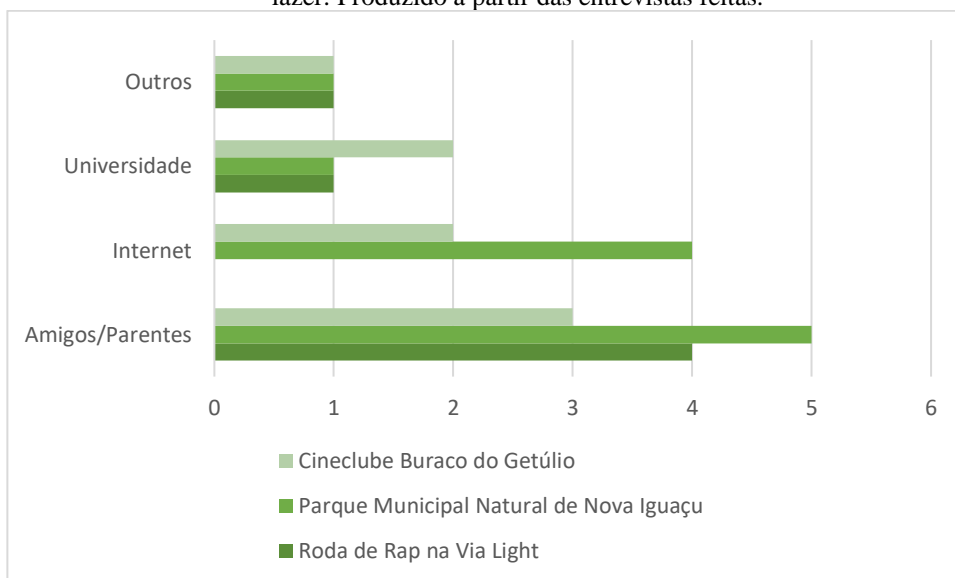
Gráfico 5 – Gráfico referente a quantidade de pessoas que conheciam esses locais de lazer Produzido a partir das entrevistas feitas.



As respostas indicam que o espaço menos conhecido é o Museu, e o mais, o Parque Municipal. O Cineclube é o mais frequentado.

Questionados também como conheceram ou ouviram falar desses espaços a respostas foram as seguintes:

Gráfico 6 – Gráfico que apresenta as formas como conheceram ou ouviram falar desses espaços de lazer. Produzido a partir das entrevistas feitas.



Vemos que as maiores fontes de disseminação da informação foram amigos e parentes, seguidas da internet. A universidade aparece também como um campo de propagação de informação, seja a partir de trabalhos apresentados, como ocorreu com três alunos do curso de turismo ou no contato com outros estudantes.

A próxima questão analisada nas entrevistas refere-se ao impacto que tais espaços provocaram nos moradores.

Do Parque Municipal, que apenas uma das pessoas já conhecia anteriormente, todas as respostas foram positivas. Todos elogiaram sua localização, sendo que quatro dos entrevistados disseram ser de fácil acesso, um o definiu como “tranquilo de chegar” e outro ressaltou que possui uma posição estratégica, devido a seus acessos serem próximos aos centros de Nova Iguaçu e de Mesquita. Essa questão aparece de forma relevante, pois, como dito anteriormente, há uma narrativa de insegurança quanto ao acesso ao Parque, que é corriqueira e poderia levar, nos termos de Edgar, a um afastamento das pessoas. O próprio projeto “Música na Natureza” tem como um de seus objetivos desfazer tal impressão.

Quanto às sugestões de mudança, foram citadas as seguintes: a melhoria no acesso da estrada de chegada ao parque, por ser de terra e possuir desníveis; uma quantidade maior de placas; a crítica a algumas tomadas de decisão sobre ele – que não foram especificadas – e sua ampliação.

Ressalto que a ida ao parque para todos os que lá estavam pela primeira vez se deu devido ao evento, descoberto pela internet ou por indicações na prefeitura.

No espaço da Catarse todos os entrevistados já tinham frequentado as rodas anteriores e as conheceram por meio de amigos. Eles também avaliaram de forma positiva a Roda, seja como forma de preencher um espaço abandonado, como disse Tom, ou por acharem um bom evento, ainda que tenha pouca divulgação. Quanto ao espaço no qual a roda ocorre, reputado como um local perigoso em dias comuns, foi unanime a boa avaliação da localização do evento, seja pela própria ocupação ou por ser um local tipo do RAP, referindo-se à pista de skate lá presente.

Bernardes (1983) fornece indícios sobre a valorização que tais espaços de lazer acabam tendo depois de serem descobertos. Segundo ela, há um descompasso entre as condições dadas e as necessárias para a existência da população, seja em qual nível for existindo assim uma pressão para que as demandas sociais sejam atendidas e, quando não o são, criam-se práticas coletivas visando sanar tal carência:

seja em termos de cobrança do poder público e/ou de soluções ‘primitivas’, estimulando a auto-organização dos moradores ainda que, quase sempre, a nível bastante elementar e muitas vezes de forma dividida devido às diferenciações existentes entre os moradores. (BERNARDES, 1983, p.147).

Tal descompasso gera em parcelas da população uma urgência de uma auto-organização na criação de espaços – como o Cineclubes, o Museu, o Bar Cultural e a Roda de Rap – e é esse movimento que leva a uma valorização de práticas que passam a ser descobertas e compreendidas como formas de resistência, pois trazem consigo lógicas e visões sociais antes silenciadas.

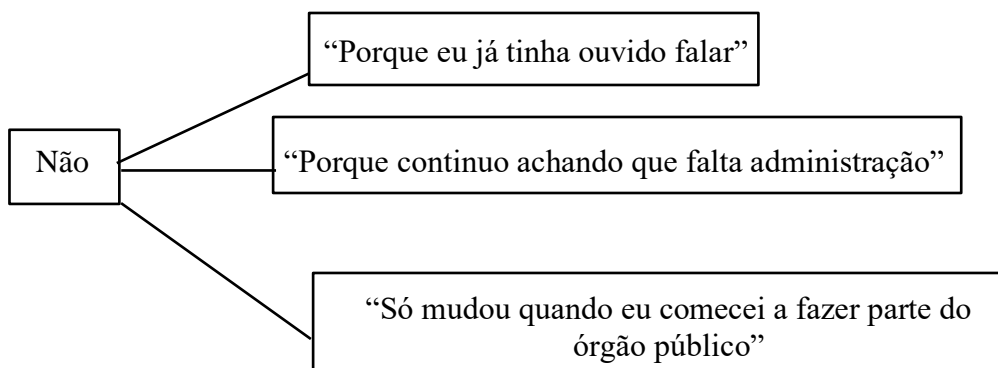
A partir das tabelas a seguir, podemos comparar se esses espaços produzem ou não outras visões sobre a cidade. Em relação à Catarse, temos:

Tabela 11 - Tabela sobre o a mudança ou não quanto a percepção de cidade a partir das rodas de rap. Produzida a partir das entrevistas feitas.

Mudou a visão sobre a cidade	
“Sim”	1
"Muda, mas tem pouco efeito"	2
"Não porque sempre soube que tinha"	1
"Pessoalmente não, mas acredito que faça diferença para as pessoas que vem"	1

Sobre o Parque, temos três “sim” e três “não”, esses últimos seguidos das justificativas:

Esquema 1 – Exemplificação das variações das negativas sobre a mudança de visão da cidade nas entrevistas feitas no Parque. Produzido a partir das entrevistas feitas.



É possível concluir que a mudança de visão sobre a cidade pode ocorrer a partir da descoberta desses locais novos, tendo tanto as afirmativas, no total de quatro, quanto às negativas correlacionadas ao fato de já terem ouvido falar. Porém, essa alteração não elimina o reconhecimento de outros problemas, inclusive administrativos, segundo eles. A percepção de

Cristilene de que só houve mudança a partir do trabalho no órgão público é justificada pelo conhecimento das ações realizadas pro daquele espaço da cidade. Nesta perspectiva o momento em que começa a participar ativamente é quando sua relação com a cidade muda.

3.6 O imaginário e seus marcadores sociais

Como já afirmado anteriormente, uma das bases para a pesquisa aqui apresentada é a percepção de que moradores anônimos de uma cidade devem ser percebidos como protagonistas no processo de reinvenção do espaço no qual vivem, pois são os que conhecem efetivamente as carências e potencialidades ali contidas. Nesse processo de reconstrução, ressignificação e reinvenção da cidade, o ponto inicial de qualquer mudança se encontra nos imaginários sobre o espaço em que se vive. Nesse tópico do trabalho busco mapear esse imaginário.

A seguir, síntese das respostas dos entrevistados sobre o que desejariam que tivesse em Nova Iguaçu se qualquer coisa fosse possível.

Tabela 12 - Tabela sobre os temas recorrentes nas respostas sobre o imaginário. Produzida a partir das entrevistas feitas.

Imaginários	
Administração pública	17
Parque/Praças/Espaço de convivência	7
Museus	4
Praia	4
Biblioteca	3
Teatro/Cinema acessível	3
Centro cultural/Ponto turístico	2
Parque aquático	1
Eventos bem divulgados	1

Como forma de lidar com os dados obtidos, divido esses diversos conceitos em duas grandes categorias, analisadas separadamente, uma referindo-se à Administração pública e outra ao Lazer e promoção cultural.

Tabela 13 - Tabela sobre os temas recorrentes nas respostas sobre o imaginário. Produzida a partir das entrevistas feitas.

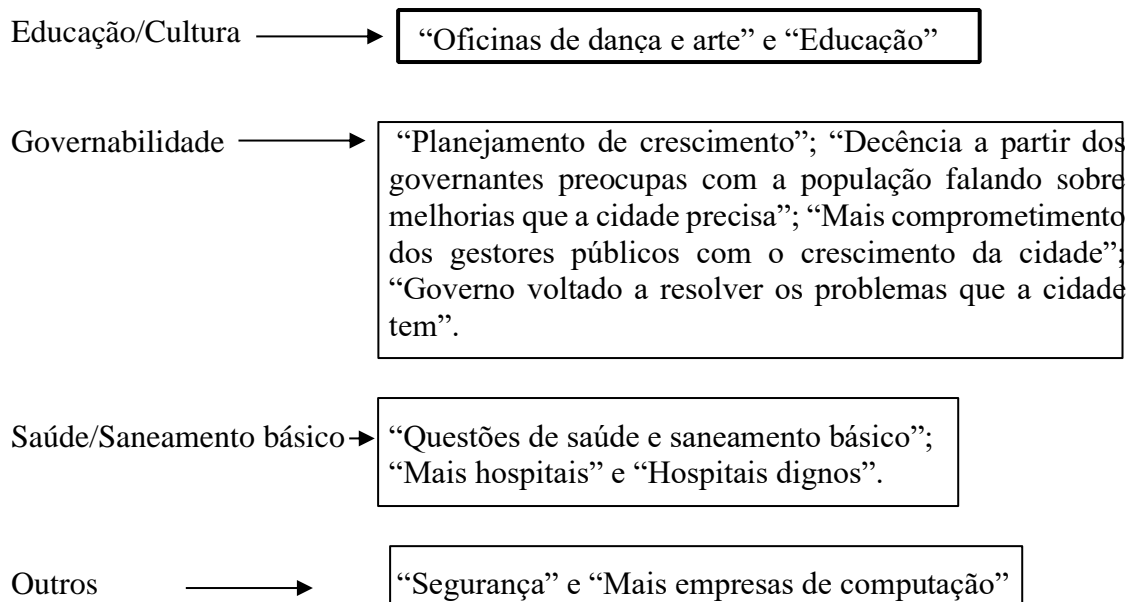
Imaginários	
Lazer e promoção cultural	Administração pública
25	17

Ao se tratar de Administração pública, demanda acionada de forma recorrente nas falas dos entrevistados, os conceitos agrupados referem-se às ações governamentais a serem implementadas com o objetivo de suprir as necessidades básicas da população, sendo elas: "Planejamento de crescimento"; "Mobilidade urbana"; "Mais saúde"; "Hospitais dignos"; "Decência a partir dos governantes preocupados com a população falando sobre melhorias que a cidade precisa"; "Oficinas de dança e arte"; "Mobilidade"; "Mais comprometimento dos gestores públicos com o crescimento da cidade"; "Governo voltado a resolver os problemas que a cidade tem"; "Melhoria dos meios de transporte, do trânsito"; "Mais empresas de

computação"; "Segurança"; "BRT"; "Metrô"; "Melhor pavimentação"; "Questões de saúde e saneamento básico" "Educação".

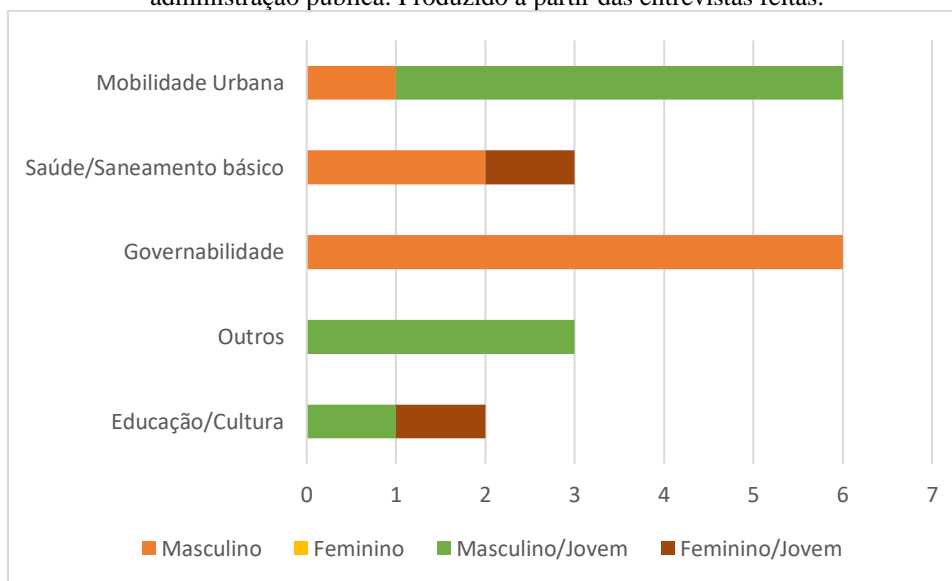
Analisando as dimensões citadas acima é possível dividi-las em cinco subcategorias – Educação/Cultura; Governabilidade; Saúde/Saneamento básico; Mobilidade urbana e Outros – que se materializam da seguinte forma:

Esquema 2 – Exemplificação dos subtópicos presentes na categoria Administração pública. Produzido a partir das entrevistas feitas.



Fazendo conexões a partir de alguns dos marcadores sociais que possuem, no caso gênero e da faixa etária, vemos:

Gráfico 7 – Gráfico que correlaciona gênero e faixa etária as respostas aos temas presentes na administração pública. Produzido a partir das entrevistas feitas.

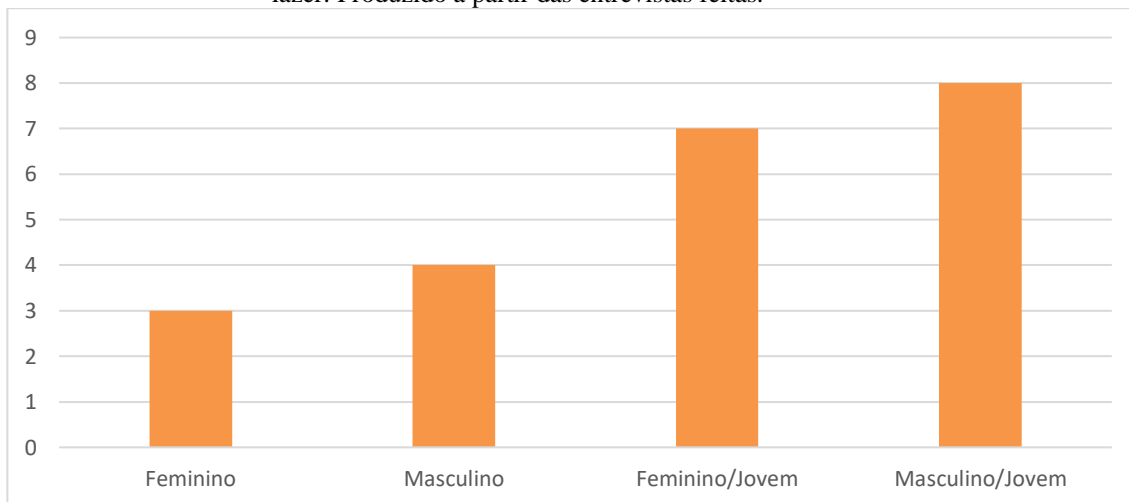


Ao cruzar as informações acima computadas pode-se perceber que os homens acima dos 38 anos trazem a questão da governabilidade para a discussão, sendo a mobilidade urbana também por eles, mas em uma faixa etária menor.

No que tange à categoria lazer e promoção cultural, também criada por mim como ferramenta para reflexão sobre os dados, foram os seguintes lugares mencionados nas entrevistas: "Parque no estilo Parque de Madureira"; "Eventos bem divulgados"; "Parque aquático"; "Centro cultural como o Centro Cultural Banco do Brasil"; "Pontos turísticos"; "Praia"; "Biblioteca"; "Teatro"; "Cinema acessível"; "Museus"; "Espaços de convivência"; "Praia"; "Circo"; "Rock in Rio".

Nesse quesito, não houve distinção quanto ao gênero, tanto homens quanto mulheres acionaram igualmente as categorias. A distinção aparece, ainda que de forma sutil, em relação à faixa etária, como se pode perceber através do gráfico a seguir onde são correlacionadas quatro variáveis: feminino; feminino e jovem; masculino; masculino e jovem.

Gráfico 8 – Gráfico que correlaciona gênero e faixa etária as respostas relacionadas ao conceito de lazer. Produzido a partir das entrevistas feitas.



Nesse caso, a maioria das pessoas que relata as questões ligadas ao lazer é composta por jovens.

Após essas reflexões quantitativas, acredito ser importante relembrar o papel que os imaginários possuem nessa dissertação. A premissa de que eles contêm uma esfera coletiva é corroborada a partir dos dados aqui analisados, onde não só observamos respostas estritamente iguais, como também outras, que fazem parte de grandes temas a orbitarem o viver na cidade, ressaltando o Lazer e a Administração pública como as principais categorias onde isso se dá. Tal percepção dialoga com Maffesoli (2001) quando este defende que o imaginário existe em uma esfera coletiva, ultrapassando o indivíduo, trazendo respostas que correspondem a uma gama coletiva geradora de um cimento social, ligando-o a uma atmosfera de pensamentos a partir da qual são construídas imagens sociais.

Sendo assim, ao exporem os aspectos desejados para a cidade, os entrevistados passam suas percepções e impressões de como ela existe efetivamente, suas falhas e qualidades, sejam elas construídas a partir de sua vivência ou de imagens sociais propagadas pela mídia. Circular pela cidade, ação típica de momentos de lazer, pode levar ao contato com aspectos antes desconhecidos e, ao fazê-lo, a outras facetas até então inimaginadas. Tais descobertas, contudo, não levam a uma alienação, mas a uma matização da narrativa predominantemente negativa sobre o lugar, a qual alia a consciência de uma série de carências à certeza de que, em

determinados momentos e aspectos, ali é o melhor lugar para se viver. Tal sensação é indicada na frase de Marina, a única que não soube identificar um elemento ausente para o lugar, pois “Agora que eu descobrir aqui [O Parque Municipal] acho que nada [falta], agora tá ótimo”.

Relembro que a escolha de questionamentos sobre os imaginários desses moradores em relação à cidade permitiu uma série de reflexões para além do que eu esperava na ideia inicial desse trabalho. Parte disso está relacionada à compreensão dos imaginários como forma de expressão política para além do acionamento de mecanismos emocionais relacionados a datas, heróis e mitos locais ou nacionais, como Maffesoli (2001) afirma. A justificativa para isso se baseia na percepção da ocupação de espaços públicos para a realização de atividades de lazer, que nasce de uma demanda popular e não de uma política pública, enquanto um ato essencialmente político, pois tem implicações significativas no modelo de cidade que se deseja construir.

Enke (2017), em *O cenário do vazio: a inserção do lazer no espaço litorâneo europeu*, ao analisar as obras de Alain Corbin (1989) demonstra como são “pintados” os retratos de um espaço, no caso a praia, e que esses podem ser negativados ou positivados. Tais mudanças se devem a transformações ocorridas não na paisagem em si, mas na percepção de seus frequentadores acerca dela. Assim,

o cenário caótico atribuído ao mar foi sendo modificado através da prática turística, ou seja, pessoas interessadas em decifrar seus mistérios passaram a frequentar o espaço praiano a fim de ‘descobrir’ o que de verdadeiro havia na literatura clássica, mítica e religiosa sobre o oceano. Com o tempo, poetas, pintores e artistas em momentos a beira mar referiam-se a ele como espaço purificador dos males da alma, referenciando-se ali a momentos nostálgicos. (ENKE, 2017, p.171).

Essa nova representação sobre (e convivência com) o mar vai se intensificando a partir da metade do século XVIII, quando ele passa a ser compreendido como uma via para acalmar as ansiedades, inclusive em discursos médicos e higienistas. Essa mudança progressiva inaugurou uma nova fase de ocupação do espaço, tornando-se litorânea, assim como alterações nos transportes sobre trilhos, trazendo uma diversidade socioeconômica para esses locais tendo em vista seu acesso facilitado.

Esse breve apanhado do artigo de Enke (2017), mesmo que parece descolado, principalmente geograficamente, está aqui enquanto exemplificação do processo de construção das imagens dos locais e como essas podem/são transformadas temporalmente a partir de outras narrativas e lógicas sociais instituídas paulatinamente sobre esse o espaço.

As entrevistas analisadas a partir dessa lógica podem ser percebidas enquanto pinturas de Nova Iguaçu com diversos tons, ora como uma cidade acolhedora e desenvolvida comercialmente, ora com dificuldades administrativas e precariedades em serviços básicos para a população. O que diferencia tais quadros são aqueles que os criam e as características que demarcam o caráter apresentado pelas pinturas são a sensação de pertencimento a esse espaço no qual o artista está inserido. Foi essa transformação visual inscrita ao longo desse trabalho. Uma visão que não exclui críticas e deficiências da cidade, mas que também traz outras narrativas e olhares possíveis sobre esse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa, entre outros aspectos, deve ser entendida como o resultado de uma experimentação científica realizada com o objetivo de dialogar com paradigmas narrativos clássicos e, ao fazê-lo, demonstrar a possibilidade da validade de novas abordagens do saber de nossa área de estudo, seja nas construções teóricas, na forma de narrá-la ou no campo em si. Tal proposta dialoga diretamente com Foote Whyte (2005) quando alerta para o fato de que a “imaginação” e a “criatividade” têm um papel importante no processo de construção do texto que o pesquisador irá compartilhar com seus pares e com a sociedade como resultado de suas reflexões.

Tal percepção me leva a argumentar que uma pesquisa, por melhor e mais ampla que seja, não é completa, pois as questões propostas poderiam ter outras respostas caso fossem feitas em outras condições e com outros interlocutores.

A percepção da existência de uma dimensão “subjetiva” em uma pesquisa, fruto da constatação dela ser fruto do resultado de uma série de arranjos possíveis, não pode, contudo, ser percebida como sinal de fragilidade do trabalho apresentado, mas como a existência de uma diversidade de leitura de determinada realidade, o que por si é essencialmente enriquecedora, pois:

para obter algo coerente a partir de qualquer padrão presumido de relações entre tantos elementos diferentes, a pesquisador terá que ir muito além de simples relatos e descrições. O sucesso nessa tarefa requer imaginação e criatividade - processos mentais altamente subjetivos. A publicação resultante pode ou não ser convincente para determinados leitores, mas não há qualquer modo de submetê-la a um teste científico. Isso não significa que as interpretações socioantropológicas de uma dada cultura sejam inúteis. Um bom estudo cultural pode fornecer orientações valiosas para a compreensão daquela cultura e a comunicação com seus integrantes. Isso não é o mesmo que uma prova científica - mas os seres humanos realizariam muito poucas ações se somente respondessem a proposições cientificamente testadas. (FOOTE WHYTE, 2005, p. 360)

A perspectiva acima referida foi fundamental na opção de registrar em um documentário algumas das falas daqueles que deram uma pausa em suas atividades e se dispuseram a conversar sobre o lugar onde moram. Ao fazê-lo busquei oferecer ao leitor/espectador a oportunidade de refletir sobre a cidade para além do registro escrito e das interpretações feitas por mim acerca do lugar e das pessoas, pois além dessas dimensões criei a possibilidade de conferirem outras, como a cor, o som, os gestos, a poesia e a música dos moradores e artistas da cidade e da Baixada Fluminense.

Igualmente importante para o processo de construção dessa pesquisa foi a percepção da existência de uma relação direta entre os territórios e as narrativas produzidas sobre eles (GOFFMAN, 1979), pois as interações e narrativas que se desenvolvem em determinado lugar são fundamentais para definir ou redefinir esse território e ao mesmo são influenciadas por ele, em uma espiral de transformação contínua.

A ideia acima norteou a busca pela identificação de narrativas feitas ao longo do tempo sobre a Baixada Fluminense e, em especial, sobre Nova Iguaçu. Ao realizá-la, como apontado anteriormente, foi possível perceber a presença de visões depreciativas, as quais tiveram um impacto significativo sobre a construção do imaginário em relação a esse território, tanto de seus moradores quanto da sociedade em geral. Esta impregnação, contudo, no que se refere aos

habitantes da cidade, não foi suficiente para impedir o surgimento de versões positivas sobre o lugar. Tal fato corrobora a tese da existência de uma conexão entre o território e as interações nele produzidas, já que laços afetivos, históricos e de experiências cotidianas de lazer levam a percepção da cidade de forma diversa da difundida na mídia.

Ao buscar uma palavra capaz de resumir a trajetória dessa pesquisa, desde a definição de seu objeto; a metodologia a ser utilizada e a trajetória vivenciada por mim enquanto moradora/pesquisadora fui levada a optar pela noção de pertencimento. Tal escolha se deve à percepção, segundo Callai (2004), de que um

lugar é um espaço construído como o resultado da vida das pessoas, dos grupos, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto, cheio de histórias, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. [...] A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e pertencimento. (CALLAI, 2004, p. 4)

Ao buscar identificar algumas das linhas que se entrelaçam para construir narrativas e imaginários sobre Nova Iguaçu baseadas na busca de um sentimento de pertencimento e identidade, pude perceber a presença de um esforço por parte de algumas lideranças políticas locais, como o ex-prefeito Lindbergh Farias e o atual prefeito Rogério Lisboa, no sentido de colocar o Estado a serviço desse objetivo. Exemplos de tais medidas podem ser identificadas nos projetos da Escola de Cinema, Música na Natureza, medidas no sentido de preservar e revitalizar a Fazenda São Bernardino e a produção de um curta-metragem de divulgação das ações governamentais levadas a cabo para modernizar a cidade.

O filme referido acima não foi analisado no corpo desse trabalho por questões ligadas ao momento de sua projeção. No dia 20 de janeiro de 2019, um domingo, recebo uma mensagem do meu pai falando sobre a exibição do filme “Nova Iguaçu – orgulho que nos move”, a qual ocorreria no dia seguinte, às 10 horas da manhã, no cinema do Top Shopping. Comecei a procurar informações sobre o mesmo e nada encontrei, tanto em relação ao filme quanto a exibição ou evento. Mesmo sem ter certeza do que esperar dirigi-me ao local no horário determinado. A porta principal não estava aberta, mas de longe era possível perceber a antessala do cinema cheia e povoada por diversas conversas. A sensação que tive era de estar em um evento oficial da prefeitura, do qual talvez não me fosse permitido participar. Estavam presentes deputados, secretários, funcionários administrativos da prefeitura, diretores de escolas e outros, dentre eles Edgar, já citado aqui como administrador do Parque Municipal, e também o idealizador do Cineclube Buraco de Getúlio.

Na entrada da sala de cinema havia uma fila que levava a uma mesa com duas funcionárias solicitando uma identificação, perguntei se era um evento apenas para funcionários da prefeitura e uma delas respondeu negativamente, dessa forma entrei na sala de projeção.

A sala tem capacidade para 400 pessoas e ficou lotada, inclusive algumas pessoas ficaram em pé nas laterais do cinema. Ao entrar ouvi jazz e imagens projetadas em comemoração dos 184 anos da cidade. Posteriormente descobri ser o evento integrante da agenda das atividades em homenagem a esse aniversário. Como mais de uma hora de atraso iniciou-se a projeção com a apresentação de três vídeos.

O primeiro foi “Nova Iguaçu, a menina dos meus olhos”⁶¹, com três minutos e trinta e três segundos de duração, produzido pela Prefeitura, no qual é apresentado o crescimento de uma menina como metáfora para falar da cidade e de seu desenvolvimento ao longo do tempo.

⁶¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iWOwcZR508s>>. Acessado em 05 de fevereiro de 2019.

O segundo se chama “Foi aqui que eu nasci”⁶² sendo um videoclipe que relata a relação da diretora da companhia de dança Cia LM Company, Lorena Melo, com Nova Iguaçu. Tendo um minuto de duração e sendo produzido pela própria companhia o mesmo foi gravado em vários locais da cidade, ação essa recorrente nas produções da companhia em uma série de vídeos-poesia nos quais relaciona a dança com a cidade. Após a apresentação Lorena narrou a motivação para a criação do vídeo, relatando sua relação com a cidade e com os elementos que a integram. Destaca que o vídeo apresentado não foi o resultado de uma demanda da prefeitura para aquele evento, pois preexistia a ele e era a materialização de sua visão sobre Nova Iguaçu, percebida por ela enquanto parte integrante de sua família e parte fundamental no processo de sua construção identitária.

Lorena traz uma narrativa de pertencimento a esse lugar a partir de experiências e significações dadas aos espaços, como a rua em que cresceu, o viaduto de onde vê o pôr do sol e tantos outros referenciais. Olhar tais espaços, segundo ela, é ver-se neles refletida e os encara, ainda em seus termos, enquanto um espaço de experiência vivenciada. Terminou sua fala enfatizando o papel que a arte possui em sua mudança de leitura sobre o mundo.

O terceiro filme, tema desse evento, tem a duração de 7’27” intitulado “Nova Iguaçu – o orgulho que nos move”⁶³. O filme trata de uma sintetização das ações do prefeito Rogério Lisboa (Partido da República) em seus dois anos de mandato, sendo uma promoção de suas iniciativas e ações.

O que creio ser relevante em relação ao evento apresentado é a demonstração de que, mesmo possuindo um caráter de promoção das medidas governamentais e sendo passível de diversas críticas – a forma como foi idealizado, as falas do prefeito e de seu vice Carlos Ferreira, o Ferreirinha, (Partido dos Trabalhadores), as produções exibidas, e as próprias ações governamentais da gestão – há nele a presença de uma narrativa de pertencimento⁶⁴. Tal narrativa só pode ser construída a partir daqueles que ali habitam, e se torna mais forte na medida em que passa a ser difundida de maneira sistemática não apenas por moradores, mas por ações governamentais, pois se estas trazem um discurso de reconhecimento dos problemas locais também alimentam a certeza de que Nova Iguaçu, seja por seu passado, pelas pessoas que lá moram ou pelas manifestações culturais ali desenvolvidas, é um bom lugar para se viver.

A Baixada Fluminense é uma região que ainda ocupa no imaginário popular uma posição extremamente desfavorável, resultado de uma carência histórica de investimentos públicos em infraestrutura e por ser percebida pela grande mídia enquanto um sertão dominado pela violência e povoado por cidadãos de segunda categoria. Tal discurso tem um impacto significativo sobre o processo de construção da identidade de quem vive e mora nesse local, levando muitas vezes a um desejo de mudar-se para um espaço “mais desenvolvido, belo e civilizado”.

Enquanto moradora de Nova Iguaçu, a realidade acima referida foi por mim vivenciada até o momento que descobri uma cidade para além daquela estampada nas manchetes sensacionalistas. Tal descoberta se deu através do encontro de iguaçuanos que faziam arte com

⁶² Disponível em <<https://www.facebook.com/lorena.melo.1690/videos/2038884136210789/>>. Acessado em 05 de fevereiro de 2019.

⁶³ O mesmo não possui créditos, apenas o símbolo da prefeitura, e ainda não está disponível na internet

⁶⁴ A noção de pertencimento, tal qual Benedict Anderson (2008) no livro *Comunidades Imaginadas*, é compreendida enquanto uma construção relacionada ao apego e as representações coletivas, não sendo inatas e sim parte de uma construção de perspectiva quanto a uma nação relativizado para esse trabalho ao ser posto em relação a uma cidade. Sendo assim, o pertencimento é compreendido enquanto mais uma narrativa possível dotada de vínculo emocional, tal qual apresentado no capítulo III intitulado *O que dizemos sobre nós – análise das entrevistas*, no tópico *Memórias e afetos*, assim como tendo um papel coletivo onde são estabelecidas compreensões sobre a realidade vivenciada.

a cara, a cor, o cheiro e a alma da cidade. Esse processo de redescoberta/ressignificação da cidade se aprofunda na universidade, responsável por me levar a questionar, através da desnaturalização, o mundo circundante.

A trajetória pessoal acima referida foi o ponto de partida para a pergunta que gerou essa pesquisa: conhecer, viver, fazer arte e cultura mudam a visão do indivíduo sobre o lugar no qual vive?

Ao final dessa dissertação, na qual espero ter respondido alguns questionamentos sobre Nova Iguaçu e gerado abertura para outros, o que de concreto percebi é a presença de um movimento subterrâneo, pois não tem destaque na grande mídia, realizado por parcelas da população no sentido de desenvolver o sentimento de pertencimento à cidade. Em rodas de música, shows, vídeos e conversas na praça moradores da cidade problematizam a realidade local, expressam sentimentos e emoções, resgatam lembranças, acalmam-se em contato com a natureza e assim descobrem novos significados para definir sua relação com a cidade e constroem sua identidade como cidadão iguaçuano.

Tal processo, registrado ao longo desse trabalho, me leva a propor uma identificação do lazer para além de uma visão vulgarizada de perda de tempo, ou alienação, podendo ser também sinônimo de empoderamento. Tal percepção dialoga com Paulo Freire e Ira Shor (1986), em *Medo e ousadia – o cotidiano do professor*, quando defendem a necessidade de entender a expressão não como uma conquista individual, mas enquanto o resultado de reflexões e experiências coletivas significativas, pois, em caso contrário,

mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade. (FREIRE e SHOR, 1986, p. 135).

Empoderar-se é, portanto, um processo coletivo em que os atores nele envolvidos, através da troca de saberes e experiências, desnaturalizam a realidade circundante e passam a sonhar juntos por uma realidade/cidade diferente. As diversas vozes que se fizeram ouvir nessa dissertação são exemplos concretos da existência de um processo de empoderamento coletivo em curso em Nova Iguaçu, sendo seu resultado a construção de novas narrativas sobre o lugar. Esses novos relatos têm diferenças entre si, refletem anseios e esperanças as vezes política e ideologicamente diversos, mas se encontram e dialogam em torno de uma certeza comum: Nova Iguaçu apesar dos pesares é um lugar bom para se viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.
- ARAÚJO, Marcos Paulo Mendes. O atual cenário da preservação da memória na cidade de Nova Iguaçu: uma preocupação com as gerações futuras. *Revista Eventos Pedagógicos*, v.2, n.3, Número Especial, p. 92 – 100, Ago/Dez. 2011.
- ALVES, José Cláudio Souza. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. 2003
- BARRETO, Alessandra Siqueira. *Cartografia Política: as faces e fases da política na Baixada Fluminense*. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2006.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Preparar e negociar uma entrevista etnográfica. In: *Guia para a pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. Produzir e analisar dados etnográficos. In: *Guia para a pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BECKER, Howard S. *Segredos e Truques da Pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERNARDES, Julia Adão. *Espaço e movimentos reivindicatórios: o caso de Nova Iguaçu*. Dissertação (Dissertação em Geografia) – UFRJ. Rio de Janeiro, 1983.
- BRIGATTE, Raquel. Pistas de contextualização na sinalização do jogo de enquadres em uma situação de conflito. *Caderno Seminal Digital*, Ano 15, Nº 11, V 11, pp. 138-157. 2009.
- CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento, 8. 2004, Coimbra. *Anais Congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais*. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf> . Acesso em: 01/05/2019.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto. 2011.
- CANCLINI, Néstor García. Imaginários culturais das cidades: conhecimento/ espetáculo/ desconhecimento. In TEIXEIRA COELHO. (Org.) *A cultura pela cidade*. São Paulo. Iluminaras: Itaú Cultural, 2008, 15-30 pp. Disponível em <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/001038.pdf>. Acesso em 08 de abril de 2017.
- CARVALHO, Noni de. TV Maxambomba: procurando as perguntas e as respostas para chegar às pessoas. *Revista Comunicação e Comunidade*, n.5, FACHA, 1999.
- DEL RÉ, Adriana. Ela escuta histórias de amor. Estadão. São Paulo. 28 abr. 2012. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/blogs/jt-variedades/ela-escuta-historias-de-amor/>>. Acesso em 07 de julho de 2017

ENKE, Rebecca Guimarães. O cenário do vazio: a inserção do lazer no espaço litorâneo europeu. *Historiæ*, Rio Grande, 8 (1): 169-188, 2017.

ENNE, Ana Lucia. A “redescoberta” da Baixada Fluminense: reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico. *PragMATIZES Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, v. 4, p. 1-15, 2013.

_____. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações. N.14. Niterói, RJ: *Revista eletrônica Ciberlegenda*, 2004. Disponível em < <http://www.uff.br/mestcii/enne1.html> >. Acessado em 25 de abril de 2019.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.13, pp. 155-161, 2005.

FILÉ, Valter. *Imagens, formação de professores e relações étnico-raciais*. In: Endipe - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2014, Fortaleza. Didática e prática de ensino na relação com a sociedade. Fortaleza: EdUECE, 2014.

_____. *O tamanho do mundo*. In FILÉ, Valter. *Batuques, fragmentações e fluxos*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, pp. 113-128, 2000.

FREIRE, Jussara. “O apego com a cidade e o orgulho de ‘ser baixada’: emoções, engajamento político e ação coletiva em Nova Iguaçu”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 11, n. 33, pp. 915-940, Dezembro de 2012. ISSN 1676-8965.

_____. *Problemas público e mobilização coletivas em Nova Iguaçu*. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia – o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FOOTE WHYTE, William. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

GARFINKEL, Harold. *Estudos dos fundamentos rotineiros das atividades cotidianas*. (1967). Tradução de Paulo Cortes Gago e Raul Francisco Magalhães, *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v.6, n.1 e 2, pp. 113 – 141. 2011.

_____. *O que é etnometodologia?* (1967). Tradução de Paulo Cortes Gago e Raul Francisco Magalhães, *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v.13, n.1, pp. 113 – 131. 2018.

GLASSNER, Barry. *Cultura do Medo*. São Paulo: Francis, 2003

GOFFMAN, Erving. *Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro. LTC, 2004. Disponível em < <http://twixar.me/Xn2K> >. Acesso em 06 de maio de 2017.

_____. *Relaciones en público: microestudios del orden público*. Madri: Alianza Editorial. 1979.

GUERRA, Lemuel Dourado. A teoria do imaginário e a proposta de Ciências Sociais de Michel Maffesoli. *Revista Política & Trabalho*. Paraíba, n. 17, p. 64 – 79, 2001.

GUESSER, Adalto. H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. *Em Tese*, Santa Catarina, v. 1, n. 1, p. 149-168, 2003.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.13, 2005.

_____. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, vol.46, n.2, São Paulo, pp. 423-444. 2003.

HARVEY, David. A liberdade da cidade In: MARICATO, Erminia ... [et. al]. *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1. Ed. São Paulo: Bontempo: Carta Maior, 2013.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a Guanabara*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1964.

LEAL, Rosimar Abreu. *Política de Atendimento ao Adolescente em Cumprimento de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto na Cidade de Nova Iguaçu*. 2012. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontífice Universidade Católica, Rio de Janeiro

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 15, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço cultura popular e lazer na cidade*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec Editora. 2003.

MANTOVANI, Rafael. Resenha Para uma compreensão da sociedade situacional: inter-relações do controle do comportamento em lugares públicos. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.19.1, pp. 161-165, 2012.

MELLO, Cecília Antakly. Permanência e desaparecimento: a cidade e o cinema de Tsai Ming-Liang. *Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, v.2, n.3, janeiro-junho, 2013. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.22475/rebeca.v2n1.297> >. Acesso em 08 de abril de 2017.

MONTEIRO, Linderval Augusto. *Retratos em movimento: vida política, dinamismo popular e cidadania na Baixada Fluminense*. Programa de Pós-Graduação em História Social/ UFRJ. (Tese de Doutorado), 2007.

NASCIMENTO, Clarissa Staffa. *“Além da Imagem” : experiências e memórias populares atras da TV Maxambomba*. Dissertação (Dissertação em História) – UFF. Niterói , 2009.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In SIMMEL, Georg... [et al]. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro. 1967.

QUEIROZ, Edileuza Dias de. Reflexões sobre possibilidades e desafios para a sustentabilidade socioambiental em unidades de conservação a partir de ações de educação ambiental. *Anais VII EPEA*. USP, São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.epea.tmp.br/epea2013_anais/plenary/>. Acessado em 15 de agosto de 2018.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LUCENA, Célia Toledo et alli (orgs). *Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz*. São Paulo: CERU, pp 15 -34, 2008.

ROCHA, André Santos da. “*As representações ideais de um território*” - Dinâmica econômica e política, agentes e a produção de novos sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990. PPGG / IGEO- UFRJ. (Tese de Doutorado), 2014.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90’s): economia e território em processo*. Dissertação (Dissertação em Planejamento Urbano e Regional) – UFRJ. Rio de Janeiro. 2006.

SIMMEL, Georg. *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*. LusoSofia press. 1903.

_____. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, Valdulce Ribeiro Cruz. Discutindo a relação sociolinguística: uma análise semântica da linguagem de Angical do Piauí (PI). *Anais do SIELP*. Volume 2, Número 1. Uberlândia, EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758, pp. 1 -16. 2012.

TEIXEIRA COELHO. Uma nova gestão cultural da cidade. In _____. (Org) *A cultura pela cidade*. São Paulo. Iluminaras: Itaú Cultural, 2008, 9-12 pp. Disponível em <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/001038.pdf>. Acesso em 08 de abril de 2017.

VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela: Do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005.

ZALUAR, Alba; SIQUEIRA CONCEIÇÃO, Isabel. Favelas sob o controle das Milícias no Rio de Janeiro que paz?. *São Paulo em Perspectiva*, v. 21, n. 2, p. 89-101, jul./dez. 2007.

ANEXOS

ANEXO A

Pesquisa feita no Youtube com o tema Nova Iguaçu



Figura 1: Captura de tela do site Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/results?sp=CAM%253D&search_query=nova+igua%C3%A7u>. Produzido em 03 de janeiro de 2018.

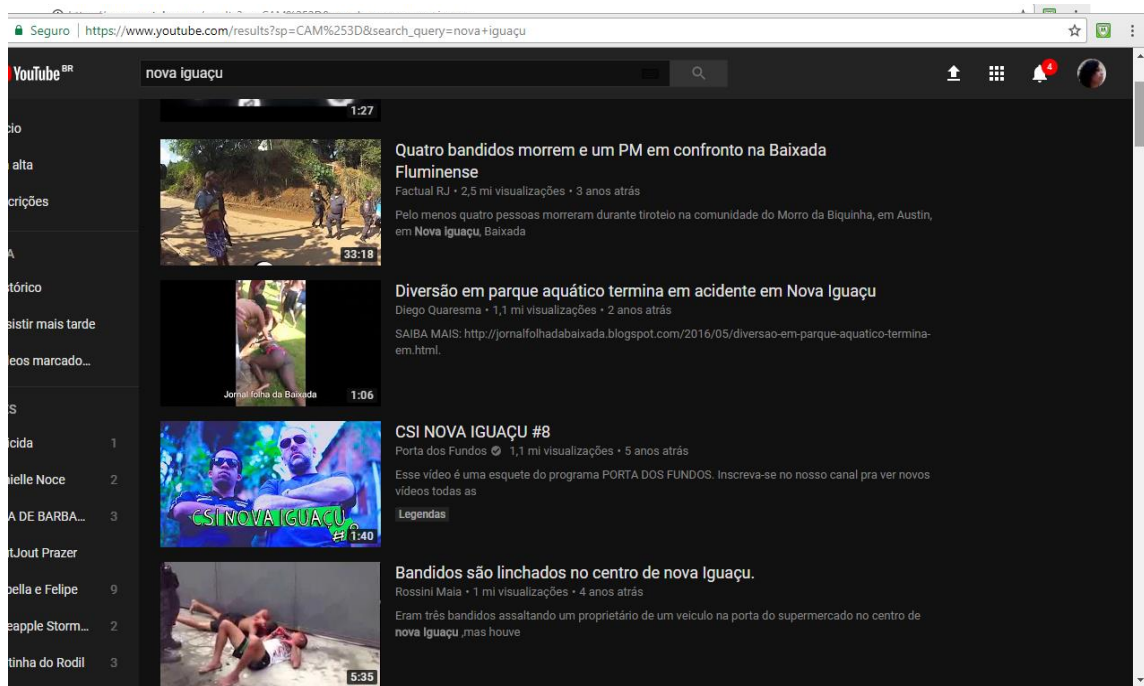


Figura 2: Captura de tela do site Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/results?sp=CAM%253D&search_query=nova+igua%C3%A7u>. Produzido em 03 de janeiro de 2018.

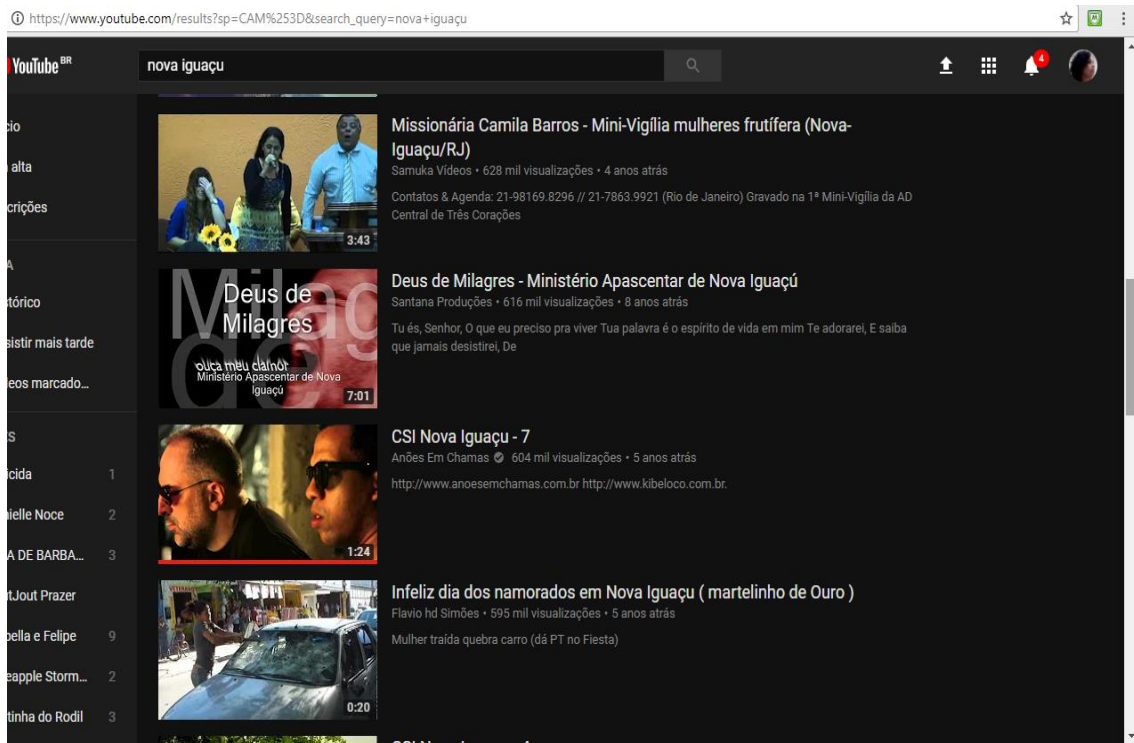


Figura 3: Captura de tela do site Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/results?sp=CAM%253D&search_query=nova+iguaçu% C3%A7u>. Produzido em 03 de janeiro de 2018.

ANEXO B

Roteiro para a entrevista

- Sobre a pessoa
 - Nome;
 - Idade;
 - Profissão.

- Você e a cidade
 - Há quanto tempo você mora em Nova Iguaçu?
 - O que você acha daqui?
 - Você gosta de Nova Iguaçu? Por quê?
 - Moraria em outro lugar? Por quê?
 - Quando você quer lazer em Nova Iguaçu, o que você faz e onde você vai?
- Mídia
 - Você já viu alguma reportagem na mídia sobre Nova Iguaçu?
 - Se sim, sobre o que falava?
 - Você concordou com o que foi dito?

- Imaginário
 - O que você gostaria que tivesse em Nova Iguaçu?

ANEXO C

Termo de direito de imagem

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM E DIREITOS PATRIMONIAIS

Eu, _____,
nacionalidade _____, estado civil _____, profissão _____,
inscrito no CPF sob o nº _____ e RG sob o nº _____, autorizo o uso
da minha imagem por tempo indeterminado para fins de divulgação e publicidade do trabalho
artístico-cultural _____, bem assim a cessão de todo e qualquer direito
autoral patrimonial resultante de eventuais produtos decorrentes da contratação, nos termos do
art. 111 da Lei nº 8.666/1993.

Nova Iguaçu, ____ de _____ de 2018.

Assinatura

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM
MENORES DE IDADE

_____, nacionalidade _____, menor de idade, neste ato devidamente representado por seu (sua) (responsável legal), _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, nº. _____, município de Nova Iguaçu/Rio Janeiro. AUTORIZO o uso da minha imagem por tempo indeterminado para fins de divulgação e publicidade do trabalho artístico-cultural _____, bem assim a cessão de todo e qualquer direito autoral patrimonial resultante de eventuais produtos decorrentes da contratação, nos termos do art. 111 da Lei nº 8.666/1993.

Nova Iguaçu, ____ de _____ de 2018.

Assinatura

ANEXO D

Novo questionário

Roteiro para as entrevistas nas praças

Sobre a pessoa

- Nome: _____
- Idade: _____
- Profissão: _____
- Escolaridade: _____
- Religião: _____
- Cor/raça: _____
- Gênero: _____

Você e a cidade

- Há quanto tempo você mora em Nova Iguaçu?
- O que você acha daqui?

- Você gosta de Nova Iguaçu? Por quê?
() Sim () Não () Não sei () Talvez

- Moraria em outro lugar? Por quê?
() Sim () Não () Não sei () Talvez

- Qual?

- Quando você quer lazer em Nova Iguaçu, o que você faz e onde você vai?

- Quais os lugares que você conhece de lazer?

- Você conhece:

Parque Municipal de Nova Iguaçu
() Sim () Não () Já ouvi falar

Se sim

() Fui poucas vez () Nunca fui () Apenas ouvi falar
() Frequento com regularidade

Obs.: _____

Se você apenas ouviu falar, foi por onde?

Cineclube Buraco do Getúlio

() Sim () Não () Já ouvi falar

Se sim

() Fui poucas vez () Nunca fui () Apenas ouvi falar

() Freqüento com regularidade

Obs.: _____

Se você apenas ouviu falar, foi por onde?

Museu Odé Gbomi

() Sim () Não () Já ouvi falar

Se sim

() Fui poucas vezes () Nunca fui () Apenas ouvi falar

() Freqüento com regularidade

Obs.: _____

Se você apenas ouviu falar, foi por onde?

Roda de Rap da Via Light Musição ou Catarse Rap

() Sim () Não () Já ouvi falar

Se sim

() Fui poucas vezes () Nunca fui () Apenas ouvi falar

() Freqüento com regularidade

Obs.: _____

Se você apenas ouviu falar, foi por onde?

● Mídia

- Você já viu alguma reportagem na mídia sobre Nova Iguaçu?

() Sim () Não () Às vezes

- Se sim, sobre o que falava?
-

- Você concordou com o que foi dito?

() Sim () Não () Às vezes

Por quê?

● Imaginário

- O que você gostaria que tivesse em Nova Iguaçu?
-

Atento para o fato que as perguntas foram feitas de maneira que para que os entrevistados e entrevistadas dissertassem sobre a questão, as opções de múltipla escolha foram apenas colocadas para que o preenchimento do mesmo ocorra de uma maneira mais dinâmica e com maior rapidez.

ANEXO E

Crachá



UFRRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
Mestrado em Ciências Sociais

Pesquisadora: Marília Carolina Asterito Baptista

Matricula: 201713270010-7



UFRRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Graduação em Ciências Sociais

Assistência técnica: Sara do Santos Soares

Matricula: 201234538-5

ANEXO F

Roteiro para as entrevistas nos espaços de lazer e cultura

Local do campo: Parque Municipal de Nova Iguaçu

- Sobre a pessoa
 - Nome: _____
 - Idade: _____
 - Profissão: _____
 - Escolaridade: _____
 - Religião: _____
 - Cor/raça: _____
 - Gênero: _____

- Você e a cidade
 - Há quanto tempo você mora em Nova Iguaçu?

 - O que você acha daqui?

 - Você gosta de Nova Iguaçu? Por que?
() Sim () Não () Não sei () Talvez

 - Moraria em outro lugar? Por que?
() Sim () Não () Não sei () Talvez

 - Qual?

 - Quando você quer lazer em Nova Iguaçu, o que você faz e onde você vai?

 - Quais os lugares que você conhece de lazer?

 - Como você conheceu o Parque Municipal de Nova Iguaçu?

 - Vem aqui com que frequência?

 - O que você acha do Parque?

 - Mudaria alguma coisa?

- O que te faz voltar aqui?

- Você costuma frequentar:
 sozinho amigos família namorado(a)
 outros

- Você já apresentou esse lugar para alguém?

- Você vê alguma diferença sobre sua opinião sobre a cidade depois de conhecer o parque?

Cineclube Buraco do Getúlio

Sim Não Já ouvi falar

Se sim

Fui poucas vez Nunca fui Apenas ouvi falar

Freqüento com regularidade

Obs.: _____

Se você apenas ouviu falar, foi por onde?

Museu Odé Gbomi

Sim Não Já ouvi falar

Se sim

Fui poucas vez Nunca fui Apenas ouvi falar

Freqüento com regularidade

Obs.: _____

Se você apenas ouviu falar, foi por onde?

Roda de Rap da Via Light Musicação ou Catarse Rap

Sim Não Já ouvi falar

Se sim

Fui poucas vez Nunca fui Apenas ouvi falar

Freqüento com regularidade

Obs.: _____

Se você apenas ouviu falar, foi por onde?

● Mídia

- Você já viu alguma reportagem na mídia sobre Nova Iguaçu?

Sim Não Às vezes

- Se sim, sobre o que falava?

_____ Você concordou com o que foi dito?

() Sim () Não () Às vezes
Por que?

- Imaginário
- O que você gostaria que tivesse em Nova Iguaçu?

Local do campo: CATARSE Rap

- Sobre a pessoa
- Nome: _____
- Idade: _____
- Profissão: _____
- Escolaridade: _____
- Religião: _____
- Cor/raça: _____
- Gênero: _____

- Você e a cidade
- Há quanto tempo você mora em Nova Iguaçu?

- O que você acha daqui?

- Você gosta de Nova Iguaçu? Por que?
() Sim () Não () Não sei () Talvez

- Moraria em outro lugar? Por que?
() Sim () Não () Não sei () Talvez

- Qual?

- Quando você quer lazer em Nova Iguaçu, o que você faz e onde você vai?
Quais os lugares que você conhece de lazer?

- Como você conheceu a Catarse Rap?

- Vem aqui com que frequência?

- O que você acha da Roda?

- Mudaria alguma coisa?

- O que te faz voltar aqui?

- Você costuma frequentar:
() sozinho () amigos () família () namorado(a) () outros

- Você já apresentou a Roda para alguém?

- O que você acha sobre o lugar em que acontece as Rodas de Rap?

- Você vê alguma diferença sobre sua opinião sobre a cidade depois de conhecer a Roda de Rap?

Parque Municipal de Nova Iguaçu

() Sim () Não () Já ouvi falar

Se sim

() Fui poucas vez () Nunca fui () Apenas ouvi falar
() Frequento com regularidade

Obs.: _____

Se você apenas ouviu falar, foi por onde?

Museu Odé Gbomi

() Sim () Não () Já ouvi falar

Se sim

() Fui poucas vez () Nunca fui () Apenas ouvi falar
() Frequento com regularidade

Obs.: _____

Se você apenas ouviu falar, foi por onde?

Cineclube Buraco do Getúlio

() Sim () Não () Já ouvi falar

Se sim

() Fui poucas vez () Nunca fui () Apenas ouvi falar
() Frequento com regularidade

Obs.: _____

Se você apenas ouviu falar, foi por onde?

● **Mídia**

- Você já viu alguma reportagem na mídia sobre Nova Iguaçu?
() Sim () Não () Às vezes

- Se sim, sobre o que falava?

Você concordou com o que foi dito?

() Sim () Não () Às vezes

Por quê?

- Imaginário

- O que você gostaria que tivesse em Nova Iguaçu?
-